

**Victório Nalesso**

# **DIÁRIO DE UM COMBATENTE**



**As recordações de um pracinha do 11° R.I.  
sobre a sua participação na Campanha da Itália  
durante a Segunda Guerra Mundial**





HERÓIS SEMPRE  
LEMBRADOS

FEB  
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA  
FEB



EXÉRCITO BRASILEIRO  
Sempre pronto - Preparado para o futuro



BRASIL  
MUSEU  
VIRTUAL DA  
FEB





## ***Diário de um Combatente***

*As recordações de um pracinha do 11º R.I.  
sobre a sua participação na Campanha da Itália  
durante a Segunda Guerra Mundial*



**Pracinha Victório Nalesso**

*In memoriam*



VICTÓRIO NALESSO



## **Apresentação**

Este livro foi feito tendo como motivação principal o “diário de campanha” escrito pelo ex-combatente da FEB Victório Nalesso, que participou do contingente brasileiro lutando a favor das forças aliadas em 1944 durante a 2ª Grande Guerra Mundial.

Trata-se de um relato que registra detalhadamente um acontecimento histórico de inegável importância, feito por um de seus principais atores: o soldado. Victório Nalesso viu a guerra e dela participou ativamente, mas também registrou, mercê de sua grande sensibilidade, o cotidiano dos combates. Sua narrativa começa quando ele foi convocado pelo Exército, ainda apenas um rapaz interiorano e prossegue até a sua volta à cidade onde nasceu – Itapetininga, 160 km da capital paulista – já muito mais vivido, com experiência de adulto e outra percepção do mundo.

Ele viu a morte de perto várias vezes. Perdeu amigos e companheiros nos campos de batalha. Sofreu com os fracassos e vibrou com as conquistas. Foi um combatente, mas foi também um repórter que percebia estar fazendo parte de uma importante história. Acabou virando um historiador, que conta fatos verdadeiros, repletos de emoção, utilizando uma linguagem coloquial, mas com a musicalidade e a suavidade do linguajar popular, o que permite ao leitor degustar cada palavra, cada composição de frase, cada sentença, todas elas temperadas com fortes pitadas de sinceridade e humildade.

Sirva-se, leitor, deste prato literário saporosíssimo. Sacie-se literariamente, mas também sirva-se à vontade ao sabor das emoções relatadas e até das pitadas de pimenta contidas nas críticas nem sempre explícitas. Também não repare se no relato de Nalesso alguma informação tenha sido equivocada: ele baseou-se, é claro, nas informações que eram fornecidas aos soldados, nem sempre, portanto, verídicas.

Para sua melhor compreensão, leitor, esclarecemos que procuramos manter o mais possível a parte do texto escrita por Victório Nalesso que aparece neste livro em tipo *itálico*. Coube a nós a editoração, os leads e os destaques de alguns trechos do diário, os quais aparecem com frases em **negrito** e em corpo maior, com a intenção de chamar a sua atenção para a riqueza literária do narrador ou para ressaltar fatos que consideramos especialmente emocionantes.

*Helio Rubens de Arruda e Miranda*



## ***Agradecimentos especiais***

*Agradeço imensamente aos colaboradores da publicação deste livro, ao Dr. Altimar Nalesso que muito me incentivou e em especial ao Carlos Scudeler, que apaixonou-se pelo material desde o princípio, quando o livro era só um rascunho. Desculpo-me com o prezado leitor por eventuais erros ou enganos que com minha humildade e simplicidade ao escrever possa ter cometido, mas pode ter certeza que é a narração de um soldado da linha de frente da Força Expedicionária Brasileira.*

*Victório Nalesso*

Durante a elaboração deste livro foi extraviado o caderno onde Victório Nalesso escreveu seu diário. Sem ele, muitos detalhes desse rico relato teriam sido perdidos, inviabilizando talvez a própria confecção deste livro e, pior, fazendo com que se perdesse o seu conteúdo histórico. Iniciamos então um grande esforço na nossa cidade (Itapetininga/SP) à procura do caderno. As possibilidades de achá-lo, entretanto, não eram muitas. O mais provável era que alguém o tivesse achado e jogado fora, por não perceber seu grande valor histórico. Poderia então ter sido coletado pelos catadores de papel e transformado em sucata. Ou ter sido guardado em casa para servir de rascunho. Enfim, muitas coisas poderiam ter acontecido, mas a fé, como dizem, remove montanhas. Mesmo tendo chovido a semana inteira, o que aumentou ainda mais as possibilidades de que o caderno tivesse sido inutilizado, não desistimos e continuamos na busca. E com a ajuda da mídia local e das muitas empresas, órgãos públicos e privados, que nos apoiaram com divulgação e incentivo, acabamos encontrando o precioso documento.

Achamos importante fazer o registro desse acontecimento e fazer constar nosso agradecimento a todos que nos auxiliaram e, em especial, a duas pessoas que tiveram papel fundamental na localização do caderno: o Deivid Rodrigues Machado, que andou pelas muitas ruas da cidade afixando um 'Aviso' pedindo a devolução do caderno e ao Cláudio de Oliveira Silva, que achou o documento e o devolveu.

Agradecemos também à toda equipe que direta e indiretamente colaborou para a realização desse livro: Alceu Arruda, Alceu Mainardi de Araújo, Alexandre Bicudo, Aline Meira, Almir Santos, Antonio Rosa, Danilo Hazenfratz, David Batista, Edson Hergesel, Edvaldo Araújo (Barbosa), Elias Braga, Fábio Arruda Miranda, Fábio Camargo, Izac Batista, Jair Grajcar, Jilmar Silva (Simpatia), Marcos Scudeler, Mônia Scudeler, Roberto Hungria, Ronaldo Scudeler e Soraia Gonçalves, entre outros.

Nosso reconhecimento e nosso muito obrigado a todos.

*Helio Rubens de Arruda e Miranda*



## **ÍNDICE**

|       |                                                       |     |
|-------|-------------------------------------------------------|-----|
| I     | O início foi difícil e o treinamento deficiente ..... | 15  |
| II    | O adeus a São Paulo a caminho do Rio de Janeiro ..... | 23  |
| III   | A chegada ao Rio de Janeiro .....                     | 29  |
| IV    | A fuga e a volta a São Paulo .....                    | 35  |
| V     | O reencontro com a família, em Itapetininga .....     | 41  |
| VI    | O retorno ao Rio de Janeiro .....                     | 47  |
| VII   | A chegada ao Rio de Janeiro e o embarque .....        | 53  |
| VIII  | A viagem de navio .....                               | 59  |
| IX    | A vida dentro do navio .....                          | 65  |
| X     | Finalmente a Itália .....                             | 69  |
| XI    | A vida na Itália era dura .....                       | 75  |
| XII   | O sangue brasileiro escorre em solo italiano .....    | 81  |
| XIII  | A conquista de Monte Castello .....                   | 89  |
| XIV   | As outras conquistas também difíceis .....            | 97  |
| XV    | Um acidente fatal .....                               | 109 |
| XVI   | A surpresa: 600 prisioneiros .....                    | 117 |
| XVII  | A morte de Mussolini .....                            | 123 |
| XVIII | O fim da luta .....                                   | 127 |
| XIX   | Os últimos dias na Itália .....                       | 133 |
| XX    | A volta para o Brasil .....                           | 143 |
| XXI   | Os primeiros dias após o retorno ao Brasil .....      | 153 |
| XXII  | A viagem de volta à casa .....                        | 159 |
| XXIII | As recordações dos tempos da guerra .....             | 167 |

### **PARTE II - A Vida depois da Guerra**

|        |                                    |     |
|--------|------------------------------------|-----|
| XXIV   | O casamento com Lucinda .....      | 175 |
| XXV    | As promessas não cumpridas .....   | 181 |
| XXVI   | O primeiro emprego .....           | 185 |
| XXVII  | O encontro com Jânio Quadros ..... | 191 |
| XXVIII | Observações Complementares .....   | 199 |
|        | - As Gírias .....                  | 205 |
|        | - A Escada Santa .....             | 206 |
|        | - O Dever para com a Pátria .....  | 208 |
|        | - Lembranças .....                 | 209 |
|        | - Canção do Expedicionário .....   | 211 |
|        | - A Família Nalesso .....          | 212 |



## Capítulo I

**O início foi difícil e o treinamento deficiente.** Os soldados só tiveram três meses de treinamento. Victório Nalesso começa seu diário se identificando e contando as primeiras reações provocadas por uma convocação feita às pressas.



*Eu, Victório Nalesso, filho de Moysés Nalesso e Anna da Conceição, nasci em 04 de Julho de 1922 no Bairro da Chapadinha, município de Itapetininga - SP.*

*Aos 08 anos entrei na escola do mesmo bairro, onde fiz até o quarto ano primário nos anos de 1930 a 1934. Como tinha vocação para ser padre, fui estudar por intermédio da professora que dava aula de catecismo. Ela se chamava Eudoxia Ferraz e não só catequizou crianças, mas grande número de adultos no bairro da Chapadinha, onde até hoje existe a capela onde fiz a primeira comunhão, em 1934.*

*Eudoxia Ferraz, que me queria muito bem, junto ao meu interesse, consultou meu pai que me colocou em um Seminário de frades Franciscanos capuchinhos, fazendo meu gosto, porque eu queria ser padre da ordem de São Francisco de Assis que tinha as barbas longas. Na época, o Seminário ficava na cidade de Piracicaba e foi lá que fui estudar, mas aguentei somente três anos. Pedi para meu pai me buscar quando completei o primeiro ano ginasial. Voltei para minha casa paterna e não mais estudei. Isso se deu nos anos de 1935 a 1938. Fiquei trabalhando junto a meus pais e demais irmãos no sítio de meu pai, até o dia em que fui chamado pelo Exército, no mês de Fevereiro de 1944. Em 9 de março do mesmo ano deu-se a minha incorporação às fileiras do Exército Nacional, recebendo o nº 983 da 2ª Cia. do 5º BC, (Batalhão de Caçadores) sediado na cidade de Itapetininga.*



29 de fevereiro de 1944, dia em que me apresentei ao serviço militar, no 5º BC sediado em Itapetininga



*As notícias dos jornais de São Paulo eram transmitidas às 13 horas, no alto falante do Largo dos Amores, no coreto Marechal Deodoro: esta praça ficava repleta de soldados e civis todos os dias para escutar notícias de guerra e o que mais se comentava, porque todo o povo brasileiro, principalmente soldados e seus familiares desejavam, era o fim da guerra o mais breve possível, temendo um futuro obscuro.*

### ***Aí começaram a ser sacrificados os soldados da classe de 1922 e 1923***

*Eu e toda a turma dessa classe fizemos as escolas prática e teórica em apenas 3 meses; não houve reprova, a não ser alguns na saúde, após perícia médica.*

*Dia 7 de junho de 1944 fui deslocado para São Paulo com mais 150 soldados a fim de passar por exames médicos. Ninguém sabia nada do que íamos fazer; desembarcamos em Osasco, quartel do 4º R.I. Antes do embarque, dia 5 de junho, assim que deu em boletim às 16 horas, fui para minha casa no bairro da Chapadinha a fim de levar a notícia e fazer a 1ª despedida. Era uma caminhada de 9 quilômetros, ou seja, 18 quilômetros ida e volta. Passei a noite me despedindo de parentes e amigos no meu bairro e só voltei às 6 horas da manhã do dia 6. E muitos soldados fizeram o mesmo, indo a pé para Capão Bonito. Dois praças, por falta de condução, saíram de Itapetininga às 6 horas da tarde e chegaram em Capão Bonito, no outro dia, às 5 horas da manhã. Cortaram 60 quilômetros a pé e depois voltaram de ônibus para Itapetininga, merecendo ser registrado seus nomes como primeiro ato de bravura:*

### ***Leandro Paulino da Cruz e Amazilio Paulo de Campos.***

*Naquela época não havia trânsito – ônibus só tinha um, que partia de Itapetininga para Capão Bonito às 7 horas da manhã e voltava partindo de Capão às 5 horas da tarde e outro, vice-versa, com o mesmo itinerário. Esse dia foi muito agitado em toda a cidade, porque os soldados das cidades vizinhas se ausentaram, mesmo sabendo que o embarque para São Paulo estava previsto para as 2 horas da madrugada do dia 7 em um trem especial de soldados oriundo do 3º Exército, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O principal veículo de transporte era mesmo o trem de ferro, sendo o nosso setor servido pela Estrada de Ferro Sorocabana E.F.S. De Itararé / SP a Porto Alegre / RS, era de administração Federal, que possuía o mesmo bitolamento da Estrada de Ferro*



*Sorocabana, esta, uma autarquia estadual. Às 17 horas do dia 6 de junho, hora do rancho, ainda faltavam 20 soldados, mas às 22 horas já estava completo o contingente, sendo que um capitão nos pôs em forma para conferir e fez um agradecimento pela boa conduta de não faltar um soldado sequer de seu comando, deixando-nos à vontade dentro do Quartel, reunidos, prontos para partida em direção à estação férrea. Assim que deu 24 horas, em pleno silêncio seguimos até a estação. Lá chegando, já estavam dois carros-vagões a nosso dispor. Dois Sargentos e um Tenente nos comandaram até a estação. Assim que chegamos o Capitão já se achava no saguão da estação e já tinha feito uma revista nos carros, que estavam em boas condições de higiene. O Capitão Lauro deu ordem de embarque: faltava apenas uma hora para o trem especial militar chegar. Ninguém podia sair dos carros e dentro dos carros, já lotados fizeram suas despedidas, como se fosse um pai despedindo-se de seus filhos, dando aquele alento de soldado corajoso, amante da pátria e da família.*

***O bom Capitão Lauro sempre foi  
um Superior que respeitava com  
muito carinho seus subalternos***

***Adeus 5º B.C. Adeus Itapetininga***

*Chegou a locomotiva vinda do Depósito de Itapetininga e ligou nos dois carros que estavam lotados. E assim que chegou*



***“Dia 9 de Março de 1944, quando fui incorporado à  
fileiras do Exército Nacional, recebendo o nº 983”.***



a composição vinda do Sul, um especial militar, imediatamente as locomotivas foram trocadas, ligando também os dois carros com as demais composições, tudo rápido. O especial militar compunha-se de dez carros que ficaram na reta junto à plataforma. Desembarcaram dois oficiais, trocaram conversas por 5 minutos e apenas um sargento, 3º Sargento Nelson Barreiros, foi nos acompanhar até São Paulo. Tudo pronto, o chefe de trem dá um longo apito e o maquinista aos poucos vai deslocando a grande composição,

**enquanto gritos de despedida  
quebram o silêncio. Muitos choram;  
a máquina não pára de motivar o  
nervosismo com seus apitos altos e longos.**

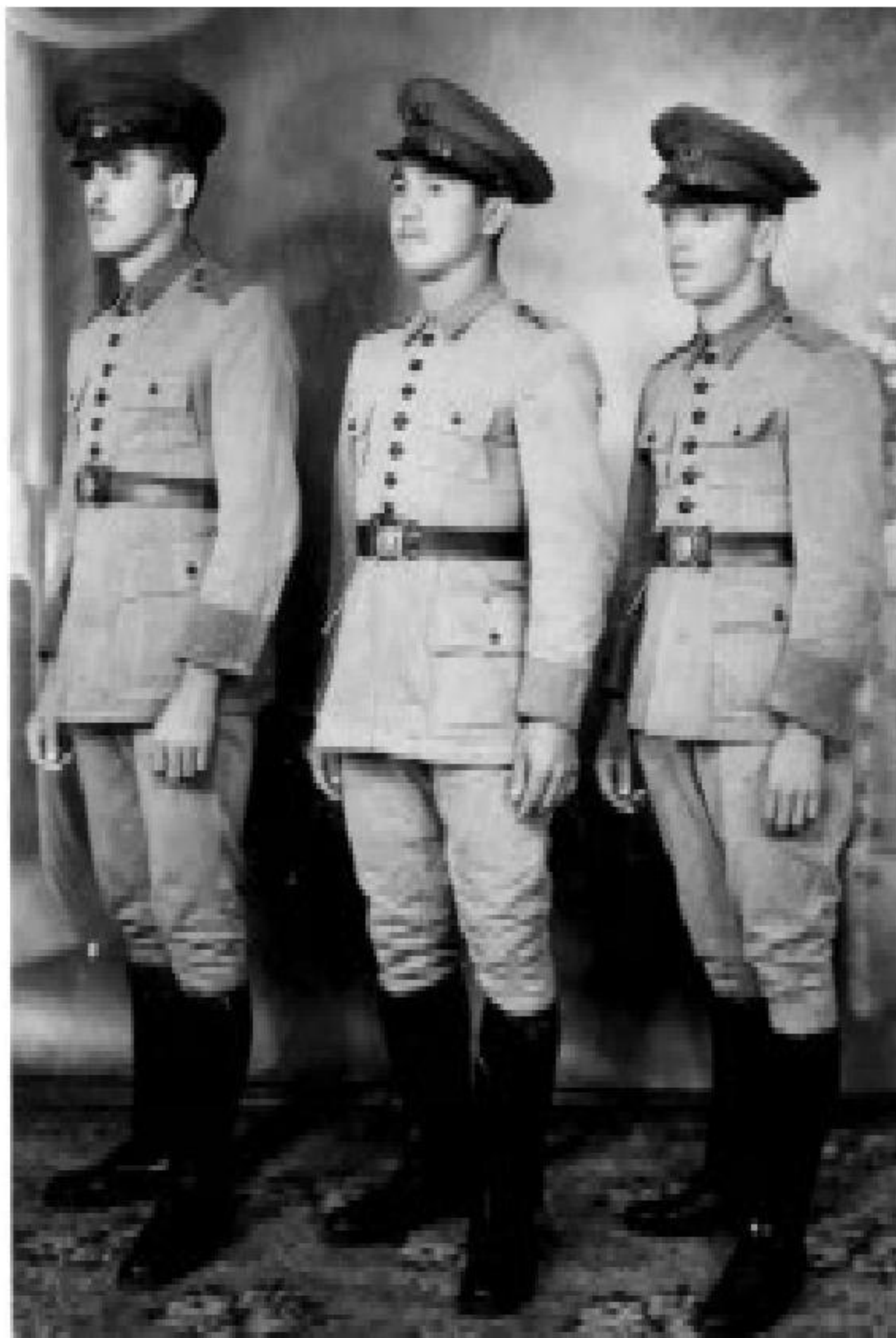
Soltando fagulhas e fumaça, a locomotiva era movida a vapor e usava lenha também, conhecida como Maria Fumaça. Saimos de Itapetininga / SP às 2:30 h e chegamos a Osasco / SP, às 6:40 h. Desembarcamos e fomos para o Quartel do 4º R.I. em Osasco, muito próximo à estação férrea. Os soldados da composição eram aproximadamente 500 homens. Lá ficamos por 10 dias, dormindo e comendo aquela refeição péssima, feijão sujo e carunchado, arroz “polenta”, jabá, carne de vaca em fatura mas mal feita. Para não passarmos fome comíamos, porque dinheiro o soldado não tinha. Todos os dias às seis horas da manhã deslocavam 3 caminhões do Exército, próprios para conduzir tropas, lotados de soldados em completo jejum, já recomendado na véspera, e seguiam com destino ao Cambuci, no H.C.M. - Hospital Central Militar e só voltava às 11 ou 12 horas para o rancho. Eu fui em uma das últimas remessas dos 500 soldados, obedecendo às recomendações superiores. Assim que chegamos ao hospital, seguimos por grandes corredores, com muito vai e vem de enfermeiros de ambos os sexos, como também médicos, todos de uniforme branco. Quando em dado momento uma enfermeira, em voz alta, fala:

**“todos tirem as roupas,  
fiquem sem uma peça sequer”.**

Um olhava para o outro e dizia: “mas com este frio?!”. Fazia muito frio, era mês de junho. Outra enfermeira já vinha distribuindo uma senha para todos os soldados, indicando a sala que devia entrar quando chamado. Eram diversas salas de



*consultório e cada soldado passava por 10 juntas médicas, mas tudo rápido. Aquele que precisasse ser operado já ficava no hospital, o que dependesse de tratamento seguia para Caçapava. Os julgados incapacitados retornavam à sua unidade de origem para as devidas providências legais. E os que nada sofriam também seguiam para Caçapava para tratamento e prevenção a doenças provenientes de campanha. Nós éramos, nesta leva, em número de 60 homens. Nenhum foi julgado incapacitado, mas metade ficou para tratamento de diversos sintomas, de breve recuperação; 50% ficou sujeito às enfermarias de Caçapava.*



*“Dia 2 de junho de 1944 parte de Itapetininga o 2º contingente com 150 soldados para Caçapava a fim de incorporar-se à F.E.B. Eu e meus dois colegas fizemos parte deste contingente. Da esquerda para a direita: Benedito Nunes da Costa, Victório Nalesso e Benedito Ayres de Campos”*



## Capítulo II

**O adeus a São Paulo, a caminho do Rio de Janeiro.** Nalesso narra a passagem do grupo pela cidade de Caçapava, onde existe até hoje um quartel do Exército. Foi uma experiência interessante para os novos soldados e que já dava idéia a eles que a guerra não seria exatamente um passeio...



## **Dia 17 de junho**

*Após o rancho no 4º R.I., às 11:00 h, os mesmos soldados que vieram do Sul, e minha turma de Itapetininga, novamente embarcamos em carros-vagões da Central do Brasil que tinha bitolamento até a estação de Osasco. Oito carros e mais um especial, que às 15:15 h deixou São Paulo. Cada vez mais longe, aumentava a angústia, sem saber para onde estávamos viajando. O especial, após duas horas de viagem, encostou na plataforma de Caçapava, onde recebemos ordem de desembarque. Eram 17:15 h. Fomos direto para o Quartel sede do 6º R.I., que já tinha sido deslocado para a Vila Militar no Rio de Janeiro. Até alojar-se toda a tropa, eram 22:00 h. Então fomos para o rancho e, com muita fome, porque eram mais de 10 horas sem comer nada. A comida do rancho estava espetacular, boa mesmo. No dia seguinte iniciou-se a preparação após o café da manhã: vacinas, extração de dentes, internações para várias doenças curáveis, como doenças venéreas, as que mais afetavam dentro da tropa. Dentro do quartel havia mais de 5 equipes com 4 enfermeiros cada uma, somente para aplicar injeções, todos os dias, das 8:00 h até às 12:00 h, até repassar toda a tropa.*

*Acontecia também que de 4 em 4 dias um Batalhão fazia uma marcha de 10 a 15 quilômetros em estradas poeirentas, cada soldado com sua mochila completa, fuzil e ferramentas, sol quente, barraca, cobertor, casaco. A equipe do rancho esperava no local determinado dos 15 quilômetros: ali comia-se, descansava-se por mais ou menos 2 horas e retornava-se ao quartel. Feita a jornada de 25 ou 30 quilômetros, sempre no Vale do Rio Paraíba, vários soldados não aguentavam tal jornada, porque todos tomavam a dolorida vacina, uma em cada braço. Com o peso do equipamento, por baixo uns 10 quilos, estradas péssimas, muito calor, dor no corpo todo, aparecimentos de ínguas nas axilas e virilhas, dor de cabeça e febre, o resultado eram soldados desmaiando. Ainda bem que a equipe do rancho sempre procurava um lugar adequado para o almoço, como um bosque, beira de um rio ou riacho, com água limpa e sombra, onde a Companhia ou Batalhão pudesse descansar. Essa era a rotina de todos os dias, até repassar toda a tropa que geralmente era aquartelada em média de 5 a 6 mil soldados; mas esse tipo de manobra dava-se geralmente de 4 em 4 dias, até chegar novamente a vez da gente ou do Batalhão, ou seja, 1.500 soldados por dia, em rodízio, até chegar nos 6.000 homens.*



**As enfermarias de Caçapava eram lotadas  
de soldados com fortes gripes  
e portadores de doenças venéreas.  
Os dentistas, que eram apenas dois,  
não venciam extrair dentes e muitos soldados,  
que eram obrigados a passar pelo dentista  
não faziam tratamento, somente extração.**

*Eu não me esqueci que no dia do meu aniversário, 4 de Julho. Fui obrigado a extrair 2 dentes no período da manhã. E nesse mesmo dia fui escalado para dar serviços de plantão às 24:00 h, ao relento, à beira de um pantanal nos fundos do quartel, local costumeiro à saída de soldados imprudentes. Fiquei doente, com o rosto inchado e com febre por vários dias. Passei muito frio naquela noite, com a pesada serração e desprovido de agasalhos apropriados para o inverno.*

*O período em Caçapava foi sofrido quanto à preparação das tropas, mas foi um período bom de se viver e a comida do quartel sempre foi boa. Tenho boas recordações. Todas as noites tinha retreta na praça com música até as 22:00 h, todo mundo nos bares e recintos onde corria bebidas alcoólicas. Só dava soldado e isso originava confusões, brigas e quebra-paus.*

**Resultado: O Coronel Comandante  
do Regimento era um nordestino  
bravo, enérgico, tão ruim que os  
próprios soldados nordestinos  
chamavam-no de cabra-da-pesto.**

*Por diversas vezes esse comandante, que saía para passear na praça com sua esposa, olhava para ver se os soldados estavam bem uniformizados; se algum estivesse com um botão desabotoado ou uma das presilhas do colarinho solta, ele o chamava para perto de si e mandava prender no ato, até mesmo esbofetendo seu subalterno em público. Pretendendo eliminar tais desordens e desavenças entre seus comandados, o major baixou uma circular para que fosse proibida a venda de bebidas alcoólicas para militares do Exército em toda a cidade; era grande o número de bares com jogos de baralho, bochas e outros. Diversas patrulhas Militares do próprio Exército foram lançadas, durante 24 horas, todos os dias. Mas os soldados e os proprietários dos estabelecimentos também deram um jeito. Copo de vidro para aperitivo sumiu do*



*balcão, até mesmo garrafa de pinga. O proprietário possuía 2 bules, um sempre cheio de café quente e a vista do freguez, outro idêntico, com pinga, porém isso era às escondidas. O soldado que pretendia tomar um aperitivo nunca chegava sozinho, sempre acompanhado. Ficavam 1 ou 2 soldados na frente do bar e ao verem qualquer patrulha ou superior, avisavam e o bule de pinga era substituído pelo bule com café quente. Mesmo que estivesse sozinho, chegava e pedia: “me sirva um café frio, ou um café de soldado”. Dava uma olhada para fora e então tomava sossegado sua pinga. Os mais tímidos como eu e meus dois amigos, os dois Beneditos, usavam outros sistemas mais seguros. Nós usávamos a casa da lavadeira de roupas. Eu gostava muito de peixe e gosto até hoje. No vale do grande Paraíba existiam muitas lagoas e dava muito peixe. Quando eu não ia mariscar nas lagoas, comprava da molecada que vendia e levava para casa de minha lavadeira, onde seus filhos e o próprio marido traquejavam com todos os peixes, só taráiras ou traíras e sempre à noite, até às 22:00 h. Eu, meus dois companheiros, Benedito Nunes e Benedito de Campos, após o rancho, iam comer peixe e tomar nossa pinga. Assim como nós três fazíamos isso, centenas de soldados usavam o mesmo sistema. O civil podia comprar bebida alcoólica à vontade. A venda picada de pinga nos bares diminuiu, mas em garrafa o consumo aumentou e isto continuou até o fim da guerra, pois na medida em que ia terminando a preparação, o grupo apto se deslocava para o Rio de Janeiro e chegavam novos contingentes para serem preparados.*

### **Adeus Caçapava, sede do nosso glorioso 6º R.I. – Novo deslocamento de tropas.**

*Dia 29 de Julho de 1944 deixamos Caçapava. Eu, até este momento, tive muita sorte de não me separar de meus companheiros e conterrâneos do 5º B.C. de minha cidade, Itapetininga. Agora vamos deixar a pacata cidade de Caçapava, com seus 20 mil habitantes, que souberam acolher, durante o conflito mundial, milhares de soldados procedentes de vários estados brasileiros. Estes permaneciam pouco tempo, de 30 a 60 dias e já se deslocavam para o Rio de Janeiro a fim de completarem unidades dos regimentos que deveriam seguir para a guerra.*

### **Embarque**

*Às 13:00 h do dia 29 de julho de 1944, na medida em que íamos saindo do rancho do quartel de Caçapava, tomávamos a mochila, entrávamos em forma por companhia e seguíamos em*



*direção à Estação Férrea da Central do Brasil. Ninguém sabia ao certo o destino, só sabíamos que era para a frente, bem longe. Às 17:00 h terminou o embarque em um especial militar com 15 carros lotados e um total de 1.200 soldados, sempre abrindo vagas para novos contingentes que deveriam chegar. Às 17:00 h, a tropa que eu fazia parte estava toda embarcada, tudo pronto para a partida de 1.200 homens. Embarcaram também os oficiais e às 18:00 h a locomotiva elétrica tocou o apito. E novamente mais um aperto no coração, fomos deixando Caçapava e o Estado de São Paulo. O nervosismo da tropa durava pouco, porque a maioria dos soldados cantava. Os soldados tocavam violas, pandeiros e cuícas. Os soldados do Sul trouxeram as gaitas de 8 baixos e tocavam e cantavam bem – repentistas do sul e do norte. Quem nada tocava, dançava e alguns gritavam ou choravam. Mas quando foi lá pelas 2:00 h da madrugada a fome chegou, porque depois do rancho das 11 ou 12 horas, recebemos, assim que embarcamos, 2 laranjas baianas para saborear na viagem, mas ninguém agüentou guardar: antes da partida todos já tinham saboreado.*

*De Caçapava até a estação final do Rio de Janeiro, eram 10:00 h de viagem, isso quando o trem não atrasava, mas já estava atrasado. A fome foi apertando e quando parávamos nas estações, onde existiam bares ou restaurantes, a turma desembarcava em peso.*

***Comiam e bebiam de tudo. Dois por cento pagava; o restante não, porém não era um saque ou tomado violento.***

*Não foi isso. Acontecia que 3 serventes não podiam atender 100 ou 200 pessoas em 5 minutos, de uma só vez; então os soldados iam pegando e comendo. Quando o trem dava sinal de partida os soldados corriam para seus lugares, agradecendo ao proprietário, dizendo:*

***nós vamos para a guerra, se não morrermos, voltaremos para pagar”.***  
***Havia dono de bar que não ligava e servia com gosto; abria a cerveja e fazia festa; mas encontramos tranqueira também, que pulava de bravo.***  
***Para os soldados era a maior festa...***



## Capítulo III

### **A chegada ao Rio de Janeiro.**

A cidade era completamente desconhecida para a maioria dos soldados, mas logo eles descobriram que militares não pagavam passagem de ônibus nem de trem. Victório Nalesso conta isso com riqueza de detalhes.



Às 5:00 h da manhã a composição militar chegou ao Rio de Janeiro. A tropa estava ansiosa pelo desembarque, inquieta pela demora de uma solução mais positiva e por um descanso fora dos vagões. Depois de uma hora parada, outra locomotiva puxou a metade da composição e se mandou. Vinte minutos depois, mais uma locomotiva, todas elétricas, liga o restante da composição e parte. Fez três paradas rápidas e na quarta já vimos placas nominativas: Vila Militar. E então começou a gritaria em todos os carros: “é aqui mesmo, vamos descer, estamos cansados e com fome”. Desembarcávamos em ordem, companhia por companhia e andávamos 1.500 metros para nos alojar em barracões semi-construídos de madeira, para cada companhia, em cima de uma extensa elevação que se chamava Monte Capistrano. Olha só a iniciativa que tomei: assim que chegou a vez do desembarque da minha unidade, já eram 12 horas e iniciou-se o rancho que já tinha mais de 500 soldados em fila única. Aos meus dois companheiros, os dois Beneditos, logo que tomamos conhecimento do alojamento e dos beliches, eu disse: “vamos voltar à cidade para almoçar, que em nosso rancho vai demorar muito”. Eu tinha 20 mil Réis e meus companheiros sempre eram mais folgados na grana. Voltamos à estação da Vila Militar e já descobrimos que militar não pagava passagem. Estávamos cansados e com muita fome. Chegando na estação Central do Brasil, atravessamos uma larga avenida, muito movimentada e entramos no centro da cidade, onde nada conhecíamos. Procurávamos um restaurante simples, de nossa competência, porque chique já tínhamos encontrado bastante. A fome ia apertando cada vez mais, quando em um dado momento veio-nos a alegria. Encontramos uma grande placa dizendo: Restaurante Militar. Mas que beleza de restaurante! uma sala muito grande, soldados e graduados das 3 armas e só dava militar mesmo. Comida boa a gosto da pessoa e o preço bastante razoável. Pena que o salário do Exército era uma miséria; normalmente tinha que se contentar mesmo com o rancho da caserna, no Rio de Janeiro, na Vila Militar, onde nós viemos a sentir muito, durante o tempo em que estivemos acantonados. Comida mal feita. Tomava-se o café, recebia-se 3 ovos cozidos, duas laranjas e saía andando num percurso de 5 quilômetros a fim de fazer instruções de avanço e progressão em campo. Quando não era nos morros, dava-se nos banhados, o dia todo e só voltávamos lá pelas 4:00 h da tarde para o rancho. Fazíamos todos os treinamentos de tiros, com fuzil, pistola, metralhadora bazuca, morteiro e lançamento de granada de mão.



***Isto só era feito em local bem retirado do acantonamento, mas as únicas armas que nós usamos aqui no Brasil, como treinamento e que foram bastante usadas em campanha na Itália, foram a bazuca e a granada de mão.***

*As outras armas eram todas diferentes: tanto na marca como na potência de tiros, com diversos modelos e calibres. Quando não saíamos para as instruções de campo, outras instruções eram feitas nas dependências do acantonamento, como treinamento de salvamento de navio naufragando. Havia uma armação de navio: modelo de navio feito de madeira, em tamanho grande, todo cheio de escadas de corda para subir e descer, com até 25 metros de altura. Todos os dias tinha qualquer coisa para se fazer, prática ou teórica. O acantonamento foi feito unicamente para as tropas que iriam combater na Itália. Limpados com tratores, os terrenos onde foram construídos diversos barracões de madeira, cama beliche também de madeira. O piso era limpo, parte de cimento outra não. Água para tomar não faltava, mas para o banho...*

*O péssimo é que até os chuveiros eram poucos e só com água fria. Banheiros eram regularmente instalados, mas como haviam muitos soldados, a água tornava-se escassa, trazendo grande aumento de moscas, atraídas também pelos restos de comida que os soldados depositavam nos tambores destinados para esse fim, mas que não eram recolhidos diariamente. Um criame de moscas insuportável e perturbador, dia e noite.*

### ***Iluminação***

*A iluminação era tão ruim que não dava para ler um jornal ou escrever uma cartinha para a família. Era final de inverno, porque já estávamos entrando na 2ª quinzena do mês de Agosto.*

***O rumor de embarque corria todos os dias, principalmente depois que o 6º R.I. – 6º Regimento de Infantaria de Caçapava – embarcou no dia 04 de Julho de 1944.***

*Restava somente o embarque de mais dois Regimentos, a saber: o 1º R.I. do Rio de Janeiro - 1º Regimento de Infantaria – Regimento Sampaio e o Regimento Tiradentes de São João Del*



*Rei – Minas Gerais, 11º R.I. no qual eu fui incorporado. Aconteceu nos últimos dias do mês de Agosto, assim tão rápido, ordem para a tropa fazer uma marcha de 30 quilômetros em direção ao litoral, um local chamado Praia dos Bandeirantes, a título de guarnecer aquele local para proceder o embarque do Regimento Sampaio: o 1º R.I. do Rio de Janeiro.*

***Viajamos o dia todo sem saber para onde íamos e completamente equipados.***

*Chegamos no destino muito cansados devido a estrada ser toda pedregulhada e o sol estar muito quente. Armamos barraca, tiramos serviço e após o rancho da manhã, o café, veio a ordem para o Batalhão suspender seu acampamento para o retorno ao Quartel. A equipe de cozinheiros rapidamente deslocou-se à frente para aprontar o rancho, como de costume, na metade do caminho. Isto aconteceu nos dias 30 e 31 de agosto de 1944. Dado a última forma, o não embarque do Regimento que deveria acontecer e não aconteceu, a tropa muito cansada iniciou a marcha de retorno, até a altura de 10 ou 12 Km. Já com muito calor a tropa começou comando próprio, não mais obedecendo ordens de comando superior em continuar o retorno a pé, exigindo conduções motorizadas.*



## CAPÍTULO IV

**A fuga e a volta a São Paulo.**  
Acompanhado por dois companheiros de Itapetininga, o pracinha Nalesso abandona tudo e viaja clandestinamente de volta à casa. Foi uma viagem cheia de perigos, sustos e muita confusão.



*Uma vez embarcados, foi rápida nossa chegada ao acampamento da Vila Militar, que aconteceu às 19:00 h do dia 31 de Agosto. Eu me achava cansado, porém decidido a viajar mais. Tirei a mochila e coloquei em cima da minha cama, fui até a cama de meus companheiros, que também eram de Itapetininga, um de meu bairro e outro de bairro próximo e lhes disse:*

***“levanta rapaziada. Eu vou neste momento para Itapetininga; se quiseres vir, sigam-me. Não precisei falar duas vezes...”***

*Só tomamos um banho e despistamos. Nem ao rancho fomos. Pegamos o subúrbio para a cidade do Rio. Lá chegando, já sabíamos que ia partir um trem às 20:30 h para São Paulo. Meus companheiros tinham dinheiro para a passagem, mas eu possuía somente 3 mil réis e o preço da passagem até São Paulo era 9 mil réis. Eu comprei ingresso para entrar até a plataforma e meus companheiros compraram passagem e também queriam comprar para mim, mas eu não quis. O trem partiu e o chefe de trem demorou muito para chegar ao nosso carro, que era o primeiro carro de passageiros próximo à máquina. A demora se dava devido ao excesso de passageiros, com 50% de soldados.*

***Como eu não tinha passagem, entrei debaixo do banco onde meus companheiros estavam sentados e, bem encolhido, esperava oportunidade para sair do esconderijo.***

*E assim fiz várias vezes para com os chefes e os grandalhões fiscais do trem. Foi assim até a cidade de Caçapava, local onde sempre tinha soldados devido a existência de Quartel. Era 1º de Setembro de 1944, entre 4:00 e 5:00 h da madrugada e só chegamos a São Paulo às 7:00 h da manhã, junto ao depósito de pessoal em preparação para a guerra. Assim que chegamos e o trem parou na Estação, tinha um Batalhão à nossa espera, todo armado de cassetete e revólver, outros até de fuzil e baioneta calada e de ambos os lados dos carros o trem ficou cercadíssimo. Em cada carro entrou uma patrulha de 1 capitão, 1 tenente, 2 sargentos, 10 soldados e 3 cabos e foram pedindo passagens a todos os passageiros, militares e civis. Os que estivessem sem*



*passagem e sem dinheiro, prisão para eles. Olha, foi posto em forma mais de 100 soldados na plataforma e desses, os que não tinham dinheiro para comprar passagem, iriam ficar presos no Quartel e seria comunicada sua Unidade. Foi autorizada a partida do trem antes de se retirar os detidos da plataforma da Estação.*

***Não ficou um soldado preso.  
Um grande tumulto de momento aconteceu.  
Quando o trem começou a movimentar-se,  
todos os soldados lançaram-se pelas janelas,  
correram para dentro dos carros,  
conseguindo alcançar até as locomotivas.***

*Nestas alturas, o próprio chefe de trem ficou com grande receio e não mais pedia passagem aos soldados, até que chegamos a São Paulo. Antes de chegar à estação final, Estação da Luz, o maquinista, que vinha acompanhado de soldados dentro da máquina, parou para que os soldados desembarcassem antes da chegada, devido a certeza de que uma grande patrulha nos esperava. Eu e meus dois companheiros fomos à procura de bonde que fosse em direção à nossa querência. Na avenida São João encontramos e viemos até a Lapa. Assim que desembarcamos fomos informados que um outro bonde seguiria mais à frente. E não deu outra. Dez minutos de espera, chegou outro bonde no qual embarcamos e fomos até o fim da linha, no fim da cidade e muito próximo a uma estação da ferrovia Sorocabana. E para lá fomos e conversamos com o chefe da Estação, que nos falou que só parava trem de cargas, de passageiros não. Nestas alturas já eram 9:00 h do dia 1º de Setembro e estávamos sem refeição desde o almoço de 31 de Agosto. Não tivemos jantar e viajamos a noite toda. Em Jacareí o trem fez uma parada, eu corri até um bar e como não tinha dinheiro, pedi um lanche reforçado e o dono do bar cortou mais de meio kilo de mortadela. Cortou um pão em 3 pedaços, embrulhou e me deu. Eu pedi um mata bicho, ganhei uma garrafa de pinga e sai correndo feliz.*

***O dono do bar era um italiano  
e enquanto ele aprontava o sanduíche,  
contei-lhe rapidamente minha história.  
Ele me falou: “Vocês vão, mas voltarão.  
Tenha fé em Deus, meu filho”.***



*Nesta estação não tinha nada, chamava-se Parada de São João. O chefe da estação não dava bola para nós, nem olhava. Chegou um trem com gondolas vazias para carregamento de lenha e parou para fazer um cruzamento de outro trem que seguia para São Paulo. Nós nos preparamos para tomar aquele trem assim que desse a partida. E não deu outra: o trem de carga com destino a São Paulo passou direto e o trem onde nós pretendíamos viajar também recebeu ordem e deu partida. Eu e meus companheiros rapidamente tomamos uma das gondolas às vistas do chefe da estação e fomos até a estação de Mairinque, onde o trem parou e nós nos deparamos com uma patrulha na plataforma, composta de seis soldados e um tenente comandante que foi dando ordens para desocupar a gondola e que fossemos para a plataforma. Aí começou a confusão. O tenente ficou na plataforma e os seis soldados foram até a gondola, que se achava em uma 2ª linha, para tentar nos levar até a plataforma. Aconteceu que neste momento apareceram mais quatro soldados que também eram da F.E.B. e estavam à espera de condução que fosse em direção a Sorocaba e juntaram-se a nós. Agora éramos em número de sete soldados já com a experiência dos escalões da F.E.B. E a patrulha que veio nos deter pertencia ao Tiro de Guerra local de Mairinque. Então começou a gozação em cima dos soldados inexperientes do Tiro de Guerra... foi necessário afastar-nos rapidamente para não entrarmos em luta corporal.*

**O tenente, enfurecido,  
solicitou reforço  
do Exército, Unidade de Itu.**

*Nessa confusão, parte o trem, o mesmo trem, e nós novamente continuamos a viagem chegando a Sorocaba. Nestas alturas já eram 18:30 h e só porque perdemos um trem passageiro que partia da Estação de Júlio Prestes às 7:00 h da manhã, desta vez em Sorocaba, esperamos outro trem passageiro que vinha de São Paulo às 18:30 h e chegava a Sorocaba às 20:30 horas. Quanto sofrimento esperar o trem aquelas duas horas! Fomos até um bar próximo a estação comer um sanduíche. Até aquele momento só passamos correndo, muita encrenca, briga, escapando de ir preso e outras consequências da fuga. Como não tinha o que gastar, fiz uma proposta a meus companheiros que faziam tudo por mim, inclusive comprariam a passagem para Itapetininga, porém, eu não quis seguir viagem com eles porque este trem era rápido e não parava nas estações pequenas, onde*



*poderíamos descer e todos os trens passageiros que chegavam em Itapetininga enfrentavam as patrulhas do Exército, que eram reforçadas em todo Pátio da estação. E nestas alturas eu não queria jogar tudo fora.*



## Capítulo V

**O reencontro com a família em Itapetininga.** A mãe tinha pressentido a chegada de seu filho Victório. Ele conta essa passagem com forte dose de emoção.



*Meus dois amigos viajaram porque resolveram ficar em Tatuí e de lá seguiriam a pé para Santa Adelaide, onde morava um deles. Eu fiquei em Sorocaba e no caminho da estação para a casa de um tio, passei pela praça da Igreja Matriz, no centro, que se achava em grande movimento de soldados do tiro de guerra.*

***Eu tinha feito exame para cabo, só aguardava que fosse publicado em boletim, mas arrisquei essa noite e coloquei a Divisa de cabo, modelo novo, tipo americano e mais o distintivo Brasil, formato coração, que já eram de uso obrigatório aos que pertenciam às unidades da F.E.B.***

*Assim que entrei na praça, dei uma parada, parecia um oficial. Todos os soldados faziam continência e alguns mais ousados paravam e pediam licença para fazer perguntas. Foi quando eu aproveitei e fiz a primeira: o que significava aquele movimento militar em horário noturno. Resposta: é que fomos licenciados hoje, estamos festejando, agora está acontecendo um farto coquetel. Com o convite de muitos soldados que me rodeavam, fiz outra pergunta: se o oficial que veio presenciar o licenciamento estava presente na festança e qual era o superior. É um Capitão, mas já foi embora após o almoço e o sargento chefe também se ausentou, só está presente o cabo Beda, o instrutor.*

***Quando falou no cabo Beda, isso muito me alegrou. Ele era meu primo e prestara dois anos de serviço militar no 5º B.C. em Itapetininga.***



Distintivo da Cobra Fumando, usado pelos pracinhas da F.E.B. em campanha na 2ª Guerra Mundial. Confeccionado na Itália.



Distintivo fornecido pela D.I.E. (Divisão de Infantaria Expedicionária) para os soldados da F.E.B. aprovados pelo Departamento de Saúde. Único distintivo de uso obrigatório antes do embarque para a Itália.



Distintivo do 5º Exército Americano ao qual a divisão F.E.B. foi incorporada durante o Teatro de Operações na Itália.



*Assim que solicitei a presença do cabo Beda, dois atiradores daquele grupo que conversavam comigo, uns oito jovens, saíram às pressas e foram em busca do Cabo em um clube bem próximo da praça da catedral de São Bento. Era este o recado: “um cabo da F.E.B. mandou te chamar para conversar contigo e te espera na praça”. Aproximadamente cinco minutos decorridos, já na certeza de que era ele, avistei um grupo de soldados que se aproximava. Foram abraços e mais abraços e voltamos novamente ao clube, onde fui apresentado pelo meu primo Cabo Mário Nalesso Beda a grande número de soldados e também a seus pais, parentes e amigos presentes na festa.*

*Eu fiquei à vontade para comer e beber, com muita fartura de salgadinhos, doces e bebidas; e o melhor, rodeado de muitas pessoas, principalmente atiradores licenciados e seus pais, que desejavam saber como estava se processando a formação de contingentes que deveriam seguir para a guerra. Assunto esse, que nem eu sabia de nada e mesmo que soubesse, não deveria comentar. Por ser um assunto de guerra, é segredo muito forte e bem guardado por toda a Unidade Militar e assim me expressei: “estou indo para Itapetininga para despedir-me de meus pais e familiares e voltar para minha unidade no Rio de Janeiro, que aguarda ordem de embarque. Agradeço imensamente pela oportuna festa e pela atenção que os senhores estão me dispensando”. Amanheci na festa e fui para a casa dos meus tios às 5 horas da madrugada do dia 02 de setembro de 1944.*

***Nestas alturas já tinha completado três dias e duas noites sem dormir 1 hora sequer, mas então consegui dormir até a hora do almoço, 12:00 h. Era um Domingo.***

*Às 2:00 h fui com meu primo, o cabo, até o ponto de ônibus para tomar um coletivo com destino a Itapetininga e somente às 15:00 h deixei Sorocaba.*

*Era prevista a chegada em Itapetininga às 17:00 h. Desembarquei próximo a Igreja Nossa Senhora Aparecida, bem retirada do centro da cidade e do Quartel. Assim mesmo não dei sopa, sempre evitando ser visto por patrulhas do Exército, procurando andar mais pelo campo. Enfim cheguei à minha casa, no bairro da Chapadinha, distante da cidade 7 quilômetros. Eram 19:00 h, já noite, um domingo. Minha mãe estava sozinha na casa. Meu pai e os demais irmãos achavam-se no bairro onde*



*todos os domingos tinha cerimônia religiosa que terminava à noite. Eu achava-me muito cansado e tratei de descansar. E então meu pai chegou com meus irmãos e fomos jantar. E sabe o que minha mãe havia preparado para esse jantar? Arroz com frango! Eu perguntei a ela: “como é que terei de comer o que eu mais aprecio em minha vida?”.*

***A resposta foi esta: “todos os domingos eu saio, mas hoje eu não saí porque nestes últimos dias pensei muito em você, meu filho, e tinha a certeza da sua presença...”.***

*Mas as conversas, mesmo com todos os irmãos querendo saber e fazer mais perguntas, não foi muito longe, devido ao meu cansaço. Procurei logo o leito, do qual muitas saudades já sentia. Eram 22:00 h. Muito cansado, logo que me deitei foi um sono só. Acordei com os berros das vacas, latidos dos cães e gritos de meus irmãos lá no curral, com os animais. Eu na cama pensando como é que estava em minha casa. A alegria e o contentamento não superava a tristeza, quando pensava que tinha de voltar em cumprimento ao serviço do Exército Nacional, mesmo sabendo que não tinha hora nem dia marcado. Eu deixaria tudo, partindo a um outro continente, com esperanças duvidosas de rever e passar dias alegres de caboclo da zona rural. Mas era uma pessoa que nunca mostrava tristeza e sim sempre disposto e alegre. Trajei-me com roupas de serviço, tomei um caneco grande com café e fui para o barracão onde meu irmão tirava leite. Eu mesmo tirei leite bem espumado, que chegou a derramar. Meu Deus, como estava gostoso! Não bastando, lá na cozinha, como era de costume, mais café com leite, desta vez com polenta assada na chapa do fogão e queijo. Após o café reforçado, meu irmão abaixo de mim, o Marcílio, tinha que ir buscar uma viagem de areia nas margens do Rio Itapetininga. Num instante arriamos 4 mulas na carroça e partimos em disparada e passamos pela única rua do bairro da Chapadinha. Já eram 3 meses de ausência de meu querido torrão. Chegamos rápido ao porto de areia, que não era muito longe, 6 quilômetros mais ou menos. Lotamos a carroça e assim suamos bastante. Estava muito calor, era sol das 11 horas. Resolvemos nadar, passamos uma hora muito gostosa e voltamos, desta vez devagar devido a carroça estar bem pesada. Chegamos em casa às 15 h.*



## Capítulo VI

**O retorno ao Rio de Janeiro.** As despedidas, a viagem. Foi mais um momento muito emocionante para Victório Nalesso. Sua narrativa no diário é feita com a mesma emoção que marcou todos os seus registros.



Às 17:00 h fui para o bairro, que ficava dois quilômetros distante de minha casa. Fui me despedir de conhecidos, amigos e amigas e assim fui chegando em casa, deixando por último, a me despedir, um casal de velhinhos, vizinhos mais próximos de minha casa, Salvador Braga “Vodozinho” e Maria Alves, sua esposa, ambos com idade avançada. Toda vida foram vizinhos de muita estima e acompanharam toda a criação dos doze filhos de meus pais. Na hora da despedida os dois choraram porque me estimavam muito e me deram muita coragem quando disseram que todas as dificuldades seriam vencidas através de suas preces.

**Foi então que pela primeira vez eu chorei emocionado. Por se tratar de uma despedida, cheguei em casa um pouco tarde, mas ainda jantei e conversamos bastante até às 11 horas da noite, quando fui me deitar.**

**Dia 5 de Setembro, 3ª feira**

Levantei cedo, 7:00 h, bastante disposto a trabalhar novamente com a carroça que já estava pronta para partir, com as 4 mulas arreadas. Mas uma surpresa inesperada surgiu: um dos meus companheiros, o Benedito, que morava em um bairro próximo ao meu, Chapada Grande, estava chegando em minha casa acompanhado de seu pai, Antonio Nunes da Costa, mais conhecido como Tônico Ricardo, ambos montados em mulas boas e bem encilhadas. Após um bom café com leite, o Tônico Ricardo saboreou uma pratada de melado de cana com farinha de milho e logo foi me perguntando e a seu filho também, se estávamos dispostos a retornar ao Rio de Janeiro e então seguir para a Europa. Eu de imediato respondi: “vou retornar amanhã mesmo”. E a mesma resposta foi a de seu filho: “viemos juntos e juntos voltaremos”. E ficou bem combinado de nos encontrarmos no dia seguinte, na casa da avó de meu companheiro Benedito, às 10 horas da manhã, bem próximo a igreja de Nossa Senhora Aparecida, na cidade, longe do centro.

**Dia 6 de Setembro – 4ª feira**

No dia 6 de Setembro eu não saí de minha casa, passei o dia com pequenos entretenimentos caseiros e pensando na viagem de retorno ao Rio de Janeiro e na promoção a cabo que deveria acontecer no dia 7 de Setembro, como de fato aconteceu, mas minha ausência deixou sem efeito tal promoção.



*No dia 7 de Setembro levantei cedo, às 7 horas da manhã, bem descansado e disposto. Ajudei a tirar o leite, arriamos os animais na carroça e fomos tomar aquele café reforçado.*

*Chegou a hora da despedida: 8:30 h. Todos tristes. Fui despedindo-me de um a um. Estavam os 4 irmãos, todos mais novos que eu, já fora da casa, no terreiro que dava entrada ao curral. Meus pais deixei por último porque tinha que ser forte.*

***Mas por último mesmo foi minha mãe.  
Ai, que hora triste! Quando ela me beijou  
eu senti suas lágrimas correrem  
pelo meu pescoço e descerem  
lentamente até a altura do meu coração.***

*Ninguém pôde falar nada, mas os acenos com a mão e lenços foram até a última curva do caminho. Após as despedidas embarquei na carroça que já estava no jeito e saímos, eu e meu irmão, em disparada. Só poeira que levantava e tristeza que dominava. Quando cheguei na cidade, meu irmão fez questão de passar bem à frente da pequena igreja de Nossa Senhora Aparecida, que se achava fechada, e fomos chegando no ponto de encontro, na casa da avó de meu companheiro, que já estava à minha espera. Em sua companhia se achava seu pai, mãe, avó e uma irmã. Cumprimentei a todos e logo fui dizendo: “se estás de jeito, companheiro, peça as bênçãos e vamos em frente, porque nestas horas de despedidas ninguém tem assunto”. Foi quando o mesmo dirigiu-se a avó, abraçou, beijou, o mesmo gesto com a mãe e irmã e por último, com seu pai. Tudo meio às pressas e calado, mas o pai que segurava as rédeas da mula que tinha trazido seu filho até ali, disse:*

***“tenho certeza, pela fé que carrego  
em Deus e em Nossa Senhora  
Aparecida, que eu venho com esta  
mesma mula que te trouxe hoje,  
te buscar de volta brevemente”.***

*Para mim foram se acumulando as emoções e ainda tinha que passar por mais uma em Santa Adelaide: o outro Benedito, primo deste. Pois bem, após as despedidas, embarcamos na carroça e o condutor pôs a tropa para funcionar.*



**Eram 10:30 h quando deixamos a querida igreja de Nossa Senhora Aparecida e a pergunta íntima batia em nossas veias: Meu Deus, será que voltarei?**

*Mas a carroça não parava, o Marcílio meu irmão gritava com as mulas e as mesmas eram tão fortes e ligeiras, que às 12:00 h chegamos a Morro do Alto e paramos num local de sombra, junto a uma nascente de água fresca, para almoçar um caprichado virado de frango que minha mãe fez para o almoço da viagem. Almoçamos bem, tomamos café, descansamos por 15 minutos, despedimo-nos do irmão condutor, que desta vez tomaria outro rumo, para a casa de um outro irmão, o Máximo.*

*Então, nós dois marchamos em frente, em direção à Estação de Santa Adelaide, a fim de agrupar-nos com o outro companheiro que também se chamava Benedito. Eram 6 quilômetros de caminhada e como era tempo de calor, fomos devagar. Só lá pelas 4 horas da tarde chegamos na casa do 3º companheiro, que se achava um pouco apavorado com nossa demora. Assim que chegamos já escutei um penado bater as asas, pois estava esperando nossa chegada Dona Emília, a mãe do Benedito. Ela pôs toda a filharada para trabalhar; o frango era um gigante de grande, mas em menos de 20 minutos já estava destrinchado e às 6:00 h o jantar estava pronto: arroz com frango, virado de feijão e torresmo de porco. Imagine só o apetite da gente perante àquela fartura. Passagem esta que nunca me esqueci. Foi a primeira vez que estive lá e fiquei conhecendo toda a família que era muito grande e acolhedora. Eu me senti como se estivesse numa grande irmandade em que todos trabalhavam e muito amorosos. Assim que terminamos o jantar, eu, como era sempre a tomar a iniciativa, alertei o companheiro que já estava na hora de ir se despedindo. Tínhamos que percorrer mais 3 quilômetros até a estação férrea de Santa Adelaide e tomar o trem de passageiros que passava às 20:14 h. Essa foi a última despedida, a 3ª e última. Da mesma maneira como se deu comigo, com todos aconteceu: muita choradeira de toda a família. Partimos às pressas. Assim que chegamos a estação o trem chegou. Compramos as passagens, embarcamos e ficamos em Tatuí, na 1ª estação, à espera de outro trem rápido e noturno que ia de Itararé para São Paulo e passava por Tatuí às 5 horas da manhã. Assim que desembarcamos saímos à procura de uma pensão a fim de descansarmos um pouco. Encontramos uma distante, longe da estação férrea. Tratamos o preço e ficou*



*reservado um quarto com 3 camas. Como era cedo ainda, saímos para dar um passeio pelo centro da cidade, pois nada tinha nas praças, estavam “mortas”, não tinha um alto falante, ninguém. Resolvemos tomar uma cerveja bem sossegados. Nessas alturas, nós três portávamos um bom dinheiro para a viagem e outras necessidades que viessem a aparecer. Como estava um pouco frio e já eram 22:00 h, voltamos para a pensão e pedimos que nos acordassem às 4 horas da manhã. Tudo combinado, porém no momento em que soltei meu corpo na cama, a mesma quebrou, arriou com tudo. E com o barulho e então eu falando alto, apareceu o proprietário todo assustado e preocupado, encontrando-me bravo, nervoso e exigindo outra cama. Demorou mais de 30 minutos para vir uma cama, a qual foi arrumada. Deitei-me e tudo se acalmou. Só acordei com a chamada recomendada para às 4 horas. Levantamos, nos aprontamos e tomamos um café passado na hora. Acertadas as contas com muitas desculpas de ambas as partes, rumamos em direção a estação férrea de Tatuí. Compramos as passagens até São Paulo. Chegou o trem com 5 minutos de atraso. Embarcamos e chegamos a São Paulo às 7:30 h. Rumamos para a estação da Luz. Perdemos o trem da Central do Brasil, que também partia às 7:30 h. Era dia 8 de setembro e nós esperamos outro trem que corria para o Rio de Janeiro, às 19:00 h. Durante a espera não ousamos ficar na estação nem perambular pela cidade arriscando sermos presos e assim complicar nossa viagem.*



## Capítulo VII

**A chegada ao Rio de Janeiro e o esperado embarque para a Europa.** O perigo da deserção. O cansativo período preparatório e finalmente o embarque. Começava aí a grande aventura que marcaria indelévelmente a vida de Victório Nalesso.



*Deixamos para almoçar às 2 horas da tarde para não precisar jantar, procurando economizar o mais possível. Compramos alguns sanduiches porque tínhamos que passar a noite toda viajando. Assim que chegou a hora fomos para a estação Roosevelt, compramos as passagens e embarcamos. O trem partiu no horário. Passamos Caçapava, Taubaté e outros lugares que tinham Organizações Militares ou patrulhas do Exército e ninguém nos perturbou. Durante a viagem fazia frio à noite e não tínhamos conosco uma capa ou capote do Exército. Devido ao atraso de 0:30 h, chegamos às 8 horas. Fomos para a Vila Militar, rumamos para o quartelamento. Já era dia 9 de Setembro de 1944, um sábado. Eu e meus companheiros eramos da mesma companhia e fomos direto nos apresentar ao Comandante e contamos a verdade ao nosso respeitado Capitão Elcio Alvim, da 3ª Cia. do 1º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei de Minas Gerais, que, muito preocupado com nossa ausência, já em fase de deserção, nos passou uma repreensão. Porém com um elogio, nos disse: “vocês erraram mas concertaram; não merecem punição. Apresentem-se aos comandantes do seu pelotão”. Esses dois comandantes oficiais, capitão Elcio Alvim e Tenente João Nunes, comandante do pelotão, eram cariocas e a gente sentia que esses dois homens respeitavam seus soldados tanto em horas de trabalho como nas folgas, tanto que a 3ª Cia. do 1º Batalhão do 11º R.I. foi elogiada em Boletim, antes e depois da guerra, como a Cia. mais disciplinada do Regimento.*

**A ordem para todo o Regimento  
era não se ausentar de suas  
unidades; só podia entrar, sair não.**

*Foram montadas patrulhas em todos os becos: tropa em prontidão para o embarque. Foi então que começou a guerra da paciência. Todas as noites um Batalhão fazia 6 horas de exercícios de embarque e a cada 6 horas um novo Batalhão entrava em forma. E foi assim até o dia da realidade. O movimento era assim: como nós possuíamos dois sacos de roupa para o embarque, levávamos o mais necessário no saco que trazia a letra “A”, o nome e o número do Soldado. O segundo, novo, era diferente: somente com a letra “B”. Esse exercício, principalmente à noite, movimentava todo o Regimento, que entrava em forma com o saco “A” nas costas e seguia em direção a estação férrea; descia o saco e então nova ordem: saco nas costas! E voltávamos para o alojamento. Quando nos aproximávamos do alojamento, outra voz de comando e todos com o saco nas costas em direção ao embarque. E foi assim, até*



*o dia 19 de Setembro: esse enchimento de saco, de levar o saco e descer o saco por 9 ou 10 dias cansativos e consecutivos, que teve um fim na noite do dia 19 para 20 de Setembro, quando acorneta soou no Batalhão para o rancho da manhã.*

*Nova ordem: tomar o café e ficar no alojamento pronto para deixar o local onde ficava o acantonamento de dois Regimentos da F.E.B. que seguiram para a Itália: o 6º R.I. e o 11º R.I. Um acantonamento muito mal preparado em uma pequena elevação que veio a ser, ou já era, chamada de Monte Capistrano.*

#### **Dia 19 para dia 20 de Setembro – 1944**

*Nessa noite foi interditado o trânsito de todas as passagens de nível da linha férrea em todo o trajeto até o Cais, porto de embarque, inclusive aos passageiros. Eu notei que o movimento de tropas estava acontecendo, pela poeira que levantava em direção à estação férrea e os trens, que partiam de 20 em 20 minutos somente dessa estação.*

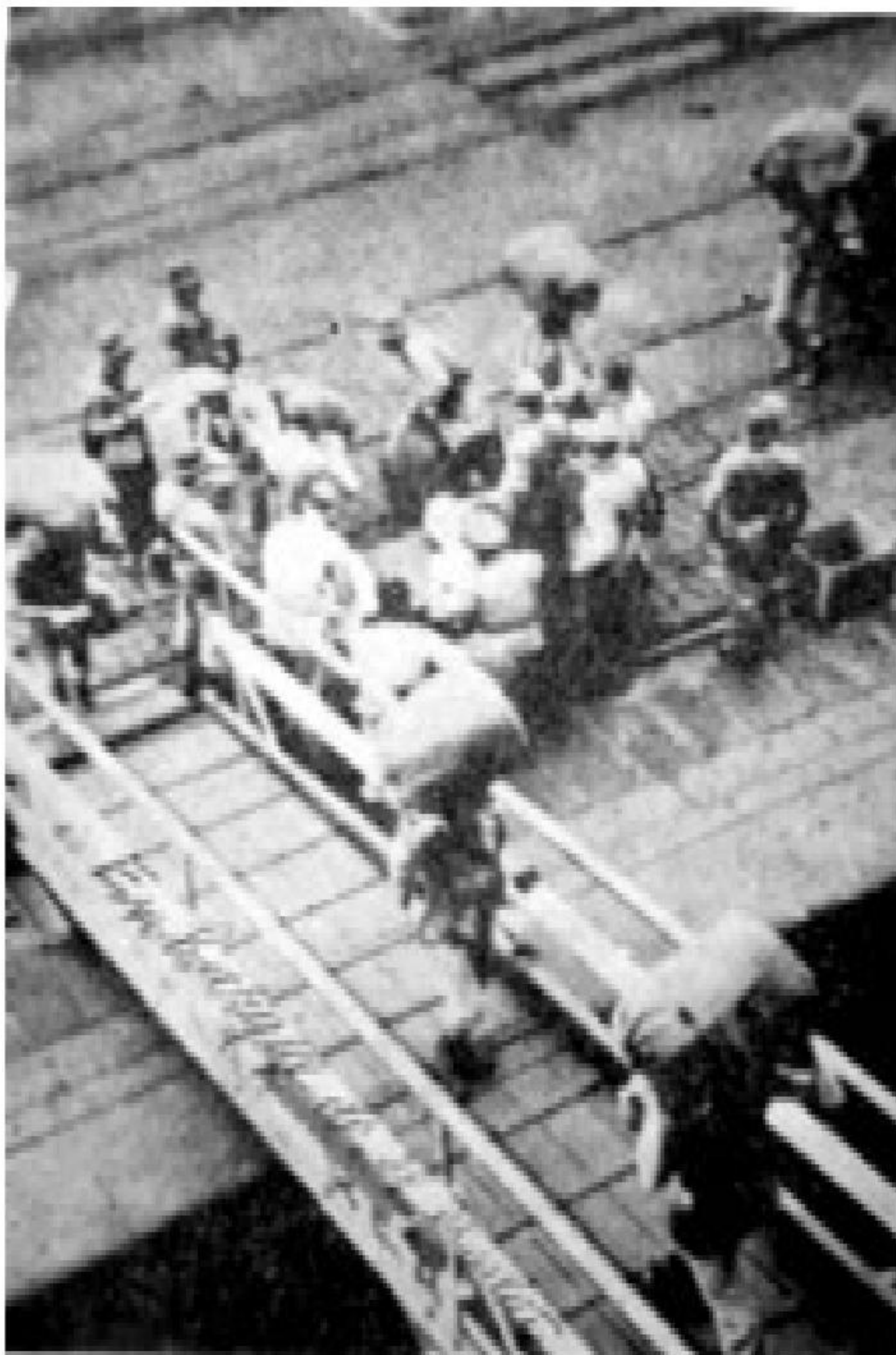
***O meu Batalhão foi o último e pudemos até ir para o rancho: o almoço. Quando iniciou nosso embarque na Estação férrea, subúrbio da Vila Militar, eram 15:00 h do dia 20 de Setembro.***

#### **4ª feira, 20 de Setembro de 1944**

*O embarque foi assim, conforme descrição anterior: nada a gente sabia com certeza, mas fazia preparação todos os dias. Uma vez lotados todos os carros do especial militar, carros da rede férrea Central do Brasil com 15 carros cada especial, o trem partia da estação da Vila Militar com todas as janelas fechadas e venezianas descidas, para não enxergarmos nada. E os oficiais nas portas, para soldado nenhum se aproximar das mesmas. Nada os soldados viam para fora dos carros e nem eram vistos pelo lado de fora. Eram poucos minutos de viagem da Vila Militar ao cais, porto de embarque: mais ou menos 30 minutos. Mesmo para subir no navio, desembarcava carro por carro e era rápido. Não havia aglomeração de soldados na plataforma marítima, a não ser soldados da própria Marinha de Guerra, que circundavam por cima das muralhas, dando toda segurança ao embarque e não permitindo a aproximação de ninguém. Eram mais ou menos 15 minutos o tempo que a gente ficava na plataforma esperando*



*o embarque dos elementos do carro anterior. Dava para apreciar o movimento rápido dos praças da Marinha que davam serviço, todos bem armados com metralhadoras portáteis. E minha companhia foi avançando e subindo por uma prancha de madeira grande e comprida, por onde subiam os soldados ao grande navio de transporte de tropas.*



20 de setembro de 1944, embarque do 2º escalão.



***Ao subir a prancha, achavam-se:  
do lado direito o presidente, digo,  
o Ditador do Brasil; um Coronel  
Brasileiro e um Coronel Americano.  
Todos os pracinhas, ao passar  
pela autoridade suprema  
do País, eram cumprimentados  
por Getúlio Vargas, um por um.***

*Às 17 horas terminou o embarque do Batalhão que eu pertencia; não sei se houve mais embarque ou não, porque subi até o convés e desci ao 4º andar, onde tomei meu compartimento e beliche.*



20 de setembro de 1944, Getúlio Vargas durante o embarque do 11º R.I.



## Capítulo VIII

**A viagem de navio.** Quando os soldados perceberam, já estavam a caminho da Europa. Victório Nalesso conta a vida dentro do navio, as novidades da viagem e os problemas surgidos. Tudo com detalhes e sempre com a sua rica e poética linguagem popular.

**Assim que pisamos no navio continuamos subindo até o convés, mas não podia parar, porque já vinha outro atrás e não tinha ninguém orientando, a não ser as flechinhas indicadoras.**

*Andei uns 10 metros, comecei a descer as escadas e fui parar no 4º andar do navio, água abaixo, deparando com um grande compartimento lotado de soldados, todos de minha Companhia ou Batalhão. Às 20:00 h o Sr. Presidente, Ditador do Brasil, falou a todos os praças do 11º Regimento de Infantaria de Minas Gerais composto por 5.345 homens. Após o discurso e a despedida do nosso presidente Brasileiro, não houve rancho no navio e sim um chá americano bem reforçado com pão e doces. Lá pelas 24:00 h reinava completo silêncio no navio. Ninguém falava alto, não havia um barulho sequer, todas as ordens eram transmitidas por alto falantes que estavam instalados em todos os compartimentos.*

#### **Dia 21 de Setembro de 1944 – 5ª feira - Alimentação no navio**

*Às 6 horas da manhã recebemos ordens para nos preparar para o banho e ficarmos atentos para a refeição da manhã. Às 7 horas meu compartimento recebeu ordem de seguir para o rancho. Todo o pessoal estava alegre porque estávamos com fome. Nova vida ia começar. O Sistema Americano uma fila só, na entrada do refeitório. Pegava-se uma bandeja com 5 divisões e na medida que as pessoas iam se servindo, automaticamente elas iam*



Navio de transporte de tropas General Meighs.



*subindo ao nível de um balcão grande de alumínio, onde as refeições eram servidas por soldados brasileiros. Uma vez tomado a posse da bandeja, o primeiro garçom servia o café em um caneco de alumínio - que também a gente apanhava logo após a bandeja - e em seguida, outro garçom servia duas grandes fatias de pão com manteiga e o 3º garçom servia uma grande colher com doces e uma maçã. Esta porção era idêntica para todos, soldados e graduados. Não havia preferência e nem repetição. Os comilões passavam vontade sem poder comer mais. Quanto ao almoço e o jantar, se processavam da mesma maneira: eram três refeições diárias, mas todos os dias havia uma ou duas variedades de cardápio. No amanhecer do dia 21, quando subimos do compartimento ao rancho, logo após o café, não era obrigado a descer ao compartimento novamente; podíamos ficar no convés, que ficava no mesmo andar, até receber ordem de recolher. Foi quando todos notaram que o navio que nos comportava tinha se afastado do ponto de embarque e achava-se no meio da Baía de Guanabara, bastante afastado. Nesse local tomamos o café, o almoço e o rancho da tarde. E quando a noite baixou, soou a ordem de recolher, ficando somente no convés soldados marinheiros americanos em serviço. As ordens a serem cumpridas pelos praças eram transmitidas pelos alto falantes em todos os compartimentos. O que se deve ou não fazer, uma disciplina rigorosa; não podíamos atirar tocos de cigarro no mar, papéis de balas ou outros objetos, nada! Se tal coisa viesse a acontecer seríamos punidos.*

**Nessa noite  
fomos dormir  
um pouco  
desconfiados.**

#### **Dia 22 de Setembro de 1944**

*Ao amanhecer do dia 22 de Setembro de 1944 o navio de transporte de tropas da 2ª Grande Guerra Mundial, Americano Gal. Meighs, como já estava fora da Baía de Guanabara, começou a balançar. Deu três grandes apitos como despedida dos soldados do 11º R.I. Mineiro, que pertencia ao 3º-escalão mas seguiu junto com o 2º escalão, a que estava destinado o 1º R.I. do Rio de Janeiro, que também embarcou no mesmo dia, em outro navio, também Americano, mesmo número de homens, mesmo dia e horário de partida. E seguiram juntos, levando um total de 10.690 combatentes Brasileiros.*

***Na medida em que o grande transporte se afastava, o coração apertava, os soldados brasileiros com os olhos cravados no Cristo Redentor, última e única imagem, que aos poucos foi sendo envolvida pela distância e pelas nuvens cinzentas que o ornamentavam.***

*Muitas lágrimas invadiram o ambiente, enquanto o padre capelão Frei Orlando, também a bordo, falava pela 1ª vez aos soldados. Nesse primeiro dia de viagem, quando o navio começou a avançar em águas profundas e distanciar-se do continente, grande número de soldados sentiu-se mal, com enjoos e vômitos, perdurando esse mal por uns 5 dias, quando então vieram a acostumar-se. Eu mesmo fui um desses. E assim fomos nos acostumando com a rigorosa disciplina a bordo pela manutenção*



Cap. Frei Orlando - Capelão Militar, pertencia ao 11º R.I. de Minas Gerais.



da higiene pessoal e de tudo o que era de uso geral. Como nos banheiros não faltava água nas caixas de descarga, nem nos chuveiros, não havia um mínimo odor. Os chuveiros eram separados das bacias sanitárias, do lado oposto, por uma lâmina metálica. Quem tomava banho não enxergava quem estava fazendo suas necessidades; mas quem fazia as necessidades via os outros. Existiam também os mictórios: eram num total de 50 unidades e não era a única seção sanitária do navio; existiam diversas e eram lavadas de 4 em 4 horas com desinfetante, por soldados brasileiros que se reveavam de 2 em 2 horas, noite e dia.

### **Dia 28 de Setembro – travessia da linha Equatorial**

Depois de 5 dias de viagem fomos informados que estávamos bem próximos à passagem da linha do Equador e que ficássemos bem preparados para qualquer eventualidade que viesse a acontecer. No 6º dia de viagem, às 6 horas, grande tiroteio de canhões 105, que despertou todo pessoal da tripulação. Fomos para o café, o almoço, e a “festa” não parava. Muito medo invadiu os ocupantes do transporte porque o navio balançava muito, já por umas 3 horas e continuavam os muitos tiros de canhões dos navios que formavam o comboio: alvejavam por muitas horas uma biruta puxada por um avião que circulava por cima dos navios. Esse avião decolou de um cruzador que fazia parte da escolta. Finalmente a “festa” foi chegando ao fim. Canções, banda de música e gritarias. Netuno foi chegando a bordo e recebido com muitas honras, acompanhado da rainha e dos coronéis do navio.



Diploma conferido por ocasião da passagem pela linha do equador.

## Capítulo IX

**A vida dentro do navio.** O pracinha Nalesso conta, neste trecho, como era o dia-a-dia dentro do navio durante a viagem à Europa. Na passagem do hemisfério, uma 'luta' deixou todo mundo com muito medo.



Os dois navios que fizeram o papel de inimigos eram os navios Brasileiros que nos escoltaram até a linha do Equador. Após a “rendição” de ambos, cessaram-se os jogos: a tripulação dos mesmos, que era toda de Brasileiros, passando perto do grande transporte, acenou com as mãos, lenços e bandeiras, dando boa viagem e alegres por ter participado da escolta até a passagem equatorial, passando o navio, desse ponto em diante, unicamente sob a segurança americana. Já acostumado com o balanço do navio, com a comida em pouca quantidade, com o calor dos compartimentos, com os exercícios para abandonar o navio de 2 em 2 dias e sempre à noite, que durava de 2 a 4 horas, cada soldado portava um salva vidas em torno da cintura e não podia tirar do corpo hora nenhuma, nem mesmo para dormir. Aquilo dava um calor desesperador porque era de borracha.

***Durante a noite fazia calor enorme, de chegar a molhar a toalha de banho que se colocava por baixo do corpo e em cima da lona.***

O conjunto de beliches consistia de 8 leitos móveis, que se fechavam e abriam. Eram 4 de cada lado. Quando todos ocupados e abertos, sobrava um corredor de apenas 50 centímetros. A altura entre um leito e outro, não tive a curiosidade de medir, mas tínhamos que dormir com as pernas esticadas e de costas, porque se fosse encolher as pernas, estando de costas, não dava, nem com 90 graus: batia-se no de cima. Podia deitar de lado, porém, tinha que ser espichado e não encolhido, para que os joelhos e os pés não ficassem fora do leito. A nossa sorte foi que todos os compartimentos eram confortavelmente dotados de aparelhos com ar condicionado. E durante as horas do dia em que se permanecia no convés, formavam-se grupos, para a diversão que mais gostavam. Após o café matutino, missa e comunhões no convés. Depois a cerimônia religiosa, jogos de baralho de diversos tipos, cantoria com viola, pandeiro, cavaquinho, violão e gaita. Só não havia sanfona, mas tocador havia bastante. Histórias sobre os bairros ou cidades. Os bailes, montarias, até mesmo de valentias, quando então se era vaiado pelos ouvintes, que diziam: “quero ver tua valentia frente a um alemão.” Companheiro, era “sarro” pra todos os lados! Naquela época havia muitas raias nos bairros e cidades pequenas e muitas apostas em cavalos de corrida. Era a maior diversão da época e isso foi muito comentado durante a viagem de 18 dias.



*O nosso capelão Frei Orlando Mineiro foi o maior personagem em nosso meio, tanto na parte espiritual como física, mental e psicológica. Ele cantava e tocava todos os instrumentos, como também aconselhava e dava instruções de como deveríamos proceder na ausência de nossa família e na comunicação por escrito. Também havia cinema todos os dias, boxe, luta livre, diversos tipos de aulas com perguntas e prêmios. Os prêmios eram maços de cigarros, caixas de chocolates, perfumes e outros. Assim fomos chegando e foram se aproximando os dois grandes transportes americanos de tropas, com soldados brasileiros, ao primeiro país do continente Europeu, que foi a Espanha.*

***Ao amanhecer do dia 6 de Outubro de 1944 fomos avistando e nos aproximando, à nossa esquerda, as montanhas rochosas da Espanha. Mas que alegria invadiu nossos corações depois de 12 dias sem ver terras!***

*Na medida em que se aproximava do continente Europeu e Africano, pronto e alinhado para a passagem do Estreito de Gilbratar, fomos avisados para estarmos preparados para a chegada de vários reforços aéreos e marítimos americanos, devido estarmos numa faixa de grande perigo de ataque de submarinos ou aviões alemães. E começaram então a nos sobrevoar diversos aviões americanos para reforçar a entrada dos 2 grandes transportes de tropas ao estreito de Gilbratar. Eram umas 8 horas quando começamos a travessia. Uma cena muito bonita: do lado esquerdo uma grande montanha de pedra, vinda desde muito longe em terras Espanholas e inclinada até o estreito. Do lado direito, também rochoso, mas não montanhoso, via-se o continente Africano. Diversos navios de guerra, ao longe, antes da entrada do estreito, como muitos outros no Mar Mediterrâneo. Mais ou menos às 10 horas os 2 dois transportes navegavam no Mediterrâneo, com muitos fogos de canhões e metralhadoras que surgiam de todos os navios que guarneciam, fazendo festa pela nossa chegada.*



## Capítulo X

**Finalmente a Italia.** As dificuldades da viagem com os muitos balanços do navio e o pessoal passando mal. A chegada às terras italianas foi difícil: a tropa estava muito fraca. Nalesso registrou em seu diário tudo que aconteceu e fez outras observações importantes.

## ***Chegada e desembarque em Nápoles Dia 6 de Outubro de 1944***

*Às 12 horas do dia 6 de Outubro os navios General Meighs e General Manne aportaram em Nápoles. Já estava tudo pronto para o desembarque do segundo e terceiro escalões, que iriam completar a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária Brasileira. O desembarque iniciou-se ao meio dia, no porto de Nápoles. Na medida em que desembarcávamos do grande navio, carregando o saco "A" e com as pernas trambolhando, íamos embarcando em outros navios, agora bem menores, onde cabia uma companhia: mais ou menos 170 homens. Veja bem: 10.690 homens que viajaram em dois navios foram baldeados em 60 navios. Foi necessário fazer esse grande movimento por dois motivos:*

*1º - à impossibilidade de chegada ao porto de Livorno, devido à grande capacidade do transporte. E ao porto, que não oferecia segurança nenhuma devido ao estado precário, consequência da sua destruição pelos bombardeios da aviação dos aliados americanos.*

*2º - o perigo de um ataque da aviação alemã, sendo que os navios pequenos viajariam bem distanciados e teriam facilidade para o desembarque. Esses pequenos navios aportavam em 4 pontos do porto de Nápoles e na medida em que lotavam, já iam se deslocando e tomando rumo. O navio em que minha companhia embarcou deixou o porto às 12 horas do dia 6, já com diversos navios à frente. Durante o dia viajamos com bastante diferença. Estranhámos muito, mas deu para almoçar pela primeira vez com a ração "K", que não foi muito do nosso agrado: tudo enlatado, em conservas, mas também tinha comida saborosa, doces, bolachas, chocolates, queijo e mais variedades, que davam também para o jantar. Como jantamos e a noite chegou, já não dava mais para ver navios à nossa frente e nem atrás. No avançar da noite ventava mais forte e o navio balançava cada vez mais.*

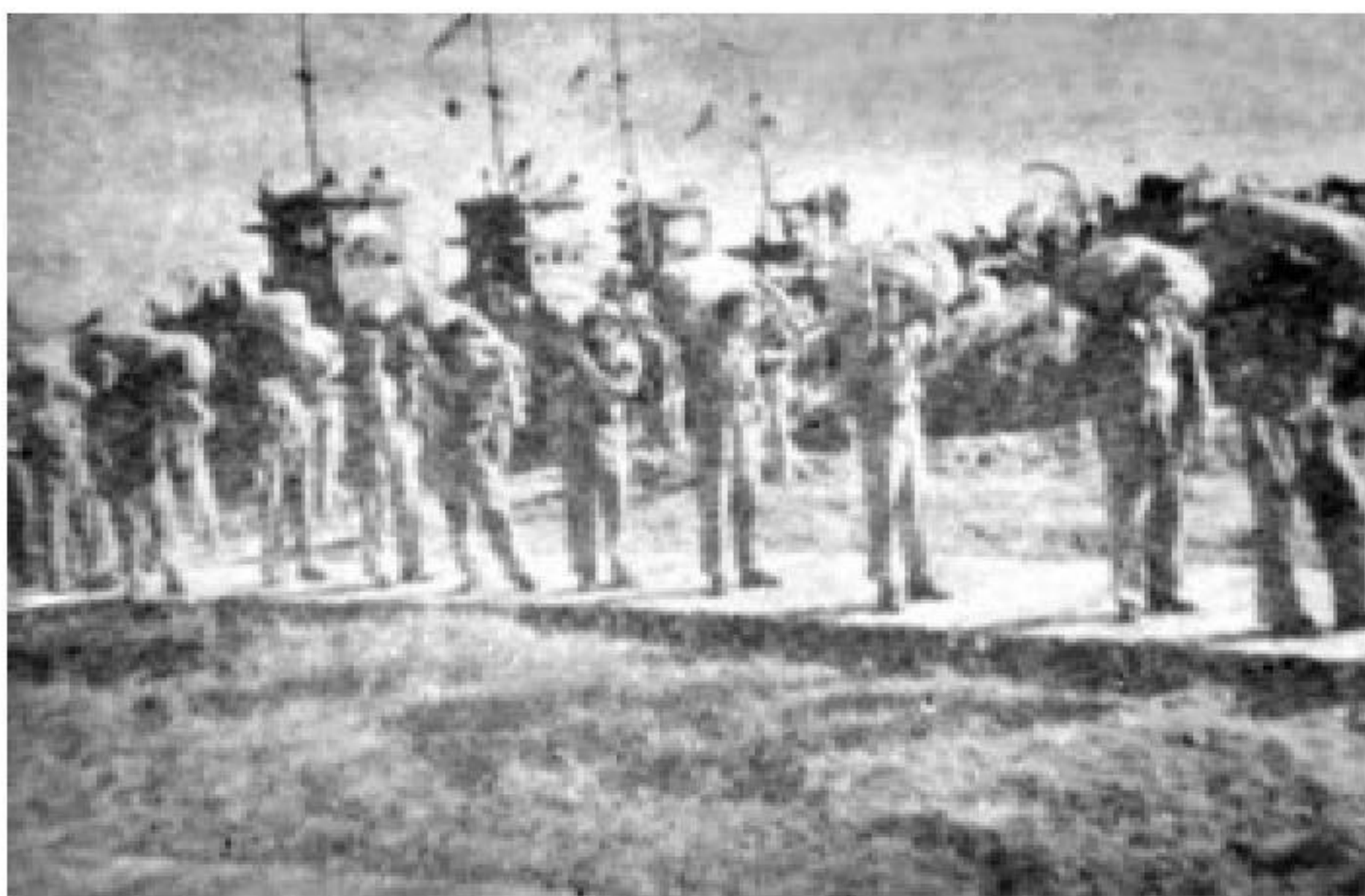
***Meu Deus do Céu! Das 11 horas  
em diante ventava tão forte  
que os soldados começaram a vomitar.***

*Em pouco tempo todos estavam passando mal, todo mundo vomitou. Ninguém ficou em pé, todos agarrados nos ferros dos beliches ou deitados. E a tempestade foi até às 4 horas da madrugada. Foram 5 horas de sofrimento, um verdadeiro inferno.*



*Os próprios marinheiros disseram que nunca tinham passado por situação semelhante.*

*O desembarque no porto de Livorno não demorava e ninguém ria um do outro, como de costume. Abriram-se as portas que ficavam em cima do convés e subimos por uma escada de ferro. Foi uma dificuldade devido à fraqueza nas pernas, todos abatidos e tristes, ninguém comentava nada. Assim que o navio encostou veio a ordem para cada um apanhar seu saco de roupa e começar o desembarque: aí foi a dureza para carregar o saco "A"! No momento em que se pisava em chão firme, já tinha um caminhão a espera, para novo embarque, a uma distância de pelo menos uns 150 metros. O terreno em toda a extensão do porto, estava impossibilitado de tráfego de veículos, dado a tantos buracos enormes, fruto de bombardeios da aviação. Toda a cidade achava-se destruída. Foi muito difícil dar os primeiros passos em terras italianas para chegar até os caminhões, que se achavam todos enfileirados. E conforme iam sendo lotados, deslocavam-se em direção a Pisa, a cidade onde existe uma torre inclinada, histórica. Mas não passamos pelo centro da cidade, e sim pelos subúrbios e fomos acampar em terrenos do Rei da Itália, às margens do Rio Arno, a 5 quilômetros da cidade de Pisa. Nessa reserva do Rei havia muita mata nativa, com muita caça. Era uma grande área de terras, onde o Rei passava suas horas de lazer: chamava-se San Ranssore: terrenos do palácio Real.*

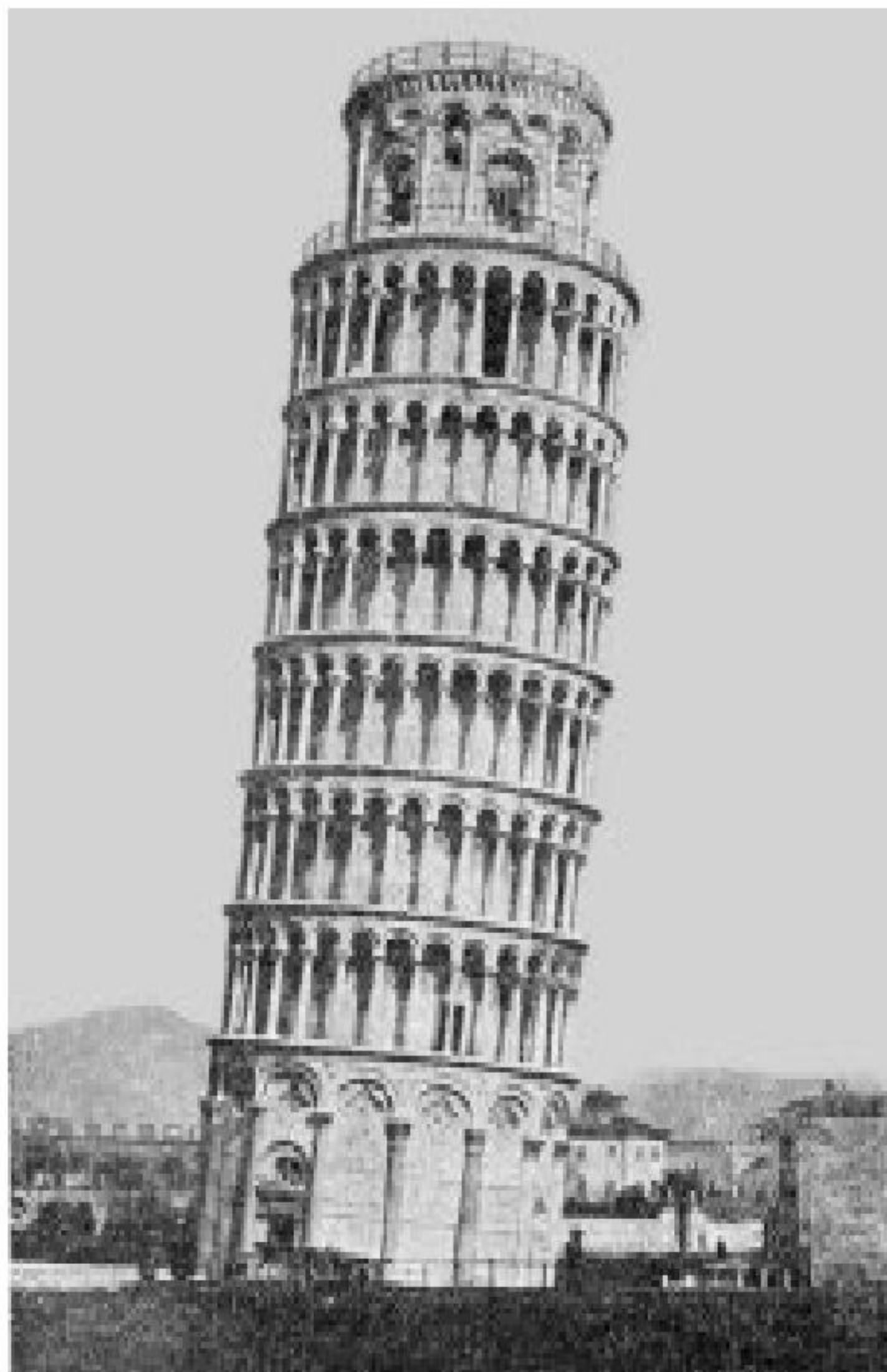


Dia 8 de outubro de 1944, desembarque das Tropas do 2º Escalão no Porto de Livorno.

*Quando chegou a noite do dia 7 de Outubro de 1944, os dois Regimentos já estavam com suas barracas armadas, todos com seus banhos tomados e todos almoçados e jantados. Eram 10.690 homens em 2 escalões. Todos os Batalhões com suas cozinhas montadas, sanitários completos, chuveiros com água quente e sem atropelo nem tumulto. O terreno onde ficou a tropa era um local amplo e bem limpo e as barracas bem alinhadas. À noite não podia fumar, nem mesmo acender um fósforo, pois*

***já estávamos em terras do Teatro de Operações.***

*Mesmo assim aproveitávamos a claridade do luar para procurar os amigos que durante a viagem toda não conseguimos encontrar, elementos de outras unidades mas do mesmo navio.*



Torre de Pisa. Início de minha jornada em terras italianas durante a guerra.





Dia 8 de outubro de 1944. San Ranssore, local onde o 2º Escalão da F.E.B. acampou por 25 dias após o desembarque em Livorno.

## Capítulo XI

**A vida na Itália era dura.** A disciplina era rigorosa sob o comando do exército norte-americano. O forte inverno. Os primeiros combates mal sucedidos. Dias difíceis para as tropas brasileiras.



## **Dia 8 de Outubro de 1944**

*Amanheceu um dia belo, claro, com bastante sol. Os soldados aproveitavam para expor suas roupas ao sol, aproveitando o calor. Ordem para ninguém afastar-se do acampamento. Depois do rancho haveria aulas para cada pelotão, ordem dada depois do rancho do café. Quando chegou a hora do toque do rancho do almoço, a maior força das praças entrou em fila. Quem comandava as ordens do andamento do rancho era um soldado americano que observava a disciplina dos brasileiros. Depois que os soldados já estavam na fila, os chefes superiores, tais como: major, capitão, tenente e subtenente entravam à frente dos soldados. Foi quando um soldado negro americano, que nem saiu do lugar onde se achava, deu um apito forte, falou na língua dele, dando sinais com a mão para que todos tomassem posição na retaguarda, atrás dos soldados. Nem quis saber quando um dos oficiais mostrou suas patentes de oficial. Eu só compreendi que falava, ókei, ókei, mas ignorando e sempre apontando para a retaguarda.*

### **Os soldados brasileiros não deixaram barato: começou um tal de “olha a fila”, “pega a fila” e outros chiados.**

*E nunca mais aconteceu tal coisa. Se os nossos superiores quisessem ser os primeiros, tinham que tomar seus lugares antes do toque do rancho.*

*Nesse restante do mês de outubro fizemos pequenas marchas, mas com muitos treinamentos para combates e conhecimentos das armas que íamos usar, como metralhadoras ponto 50 e ponto 30, bazucas, fuzis-garan e Espingfield e suas granadas, metralhadoras portáteis, revólveres ou pistolas 38, granada de mão, curativo individual, baioneta. Mas o que precisávamos mesmo era de mais instruções teóricas e muito preparo psicológico, porque nada do que havíamos aprendido no Brasil – bem entendido, em termos de combate – serviu. Fomos aprendendo nos próprios combates, nas desforras e nas vitórias, embora tivéssemos tido algumas poucas e fracas instruções.*

## **Dia 30 de outubro de 1944**

*Nesta data meu Batalhão, o 1º Batalhão do 11º R.I., deslocou-se para Staffoli, nas proximidades da cidade de Lucas*



*e próximo das linhas de frente. Época de muito temporal, com fortes chuvas e começo de frio, sempre com chuvas. Lembro que nos primeiros dias do mês de Novembro, reuniram-se os três Batalhões.*

**“O Regimento” entrou em forma para a primeira inspeção do comandante do 5º Exército Americano, Gal. Mar. Clark, o qual passou uma revista nas tropas brasileiras do 2º escalão, juntamente com as autoridades brasileiras: Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra; Gal. da Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE), João Batista Mascarenhas de Moraes e Gal. Delmiro Pereira de Andrade, Comandante do 11º R.I.**

*Era dia sem sol, chuviscava e fazia frio. Os homens, autoridades que faziam a revista, todos estavam bem agasalhados, mas a tropa estava uniformizada com a camisa verde de manga comprida, calças de mesmo pano, capacete de fibra, fuzil com baioneta calada e, portanto, batendo os queixos de tanto frio. As camisas eram de mangas compridas, mas quando só, tinham que estar arregaçadas.*

*Pois bem, as tropas passaram por esta revista, já fazendo parte do 4º corpo do 5º Exército Americano e já consideradas como estando em ação, porque estávamos prontos para qualquer emergência, mesmo estando em acampamento em Staffoli, onde permanecemos até o dia 20 de novembro. Dali para Granalione e de lá fui com meu Batalhão para a linha de frente dar apoio para o combate do dia 24 e 25 de novembro, em Monte Castello, onde assisti pela primeira vez os ataques, dias 24 e 25.*

*Dias temerosos, com chuviscos contínuos, muita lama, frio e muito escuro. Começo de inverno forte, 2 dias de grandes fracassos em que eu estive junto ao Batalhão dando apoio, sofrendo pesados bombardeios inimigos e assistindo companheiros que passavam por mim começando a galgar o sopé do Monte Castello, às 7 horas do dia 24 de Novembro de 1944.*

*E assim foi o dia todo, quando eles retornavam já à tarde, cansados, molhados, sujos e moralmente abatidos.*



No dia 24 de Novembro o ataque foi realizado pelo III Batalhão do 6º R.I. e no dia 25 pelo I Batalhão do 1º R.I. Dois ataques fracassados com muitas perdas de vidas humanas.

Sucedendo a mesma tentativa, igual em tudo foi o dia 25, com início às 7 horas. Tempo pior ao do dia anterior. A tropa que fazia o ataque subia com mais rapidez, como também descia e com mais baixas na tropa.

### **Nossa alimentação**

Na linha de frente, nas montanhas e durante o inverno, existiam dois tipos de acondicionamento alimentar. Duas caixas de papelão bem fechadas. Podiam ficar expostas ao tempo e tomar chuva que não penetrava umidade mesmo. Uma trazia a letra “C” e outra “K”, no tamanho de uma caixa de sabão em pó de 1 quilo. Estas caixas “C” e “K” eram tão bem acondicionadas, que traziam diversos produtos alimentícios, como a ração “K” ou a quota diária. Era formada por 3 caixetas de papelão impermeabilizado, cada caixeta com uma refeição. E eram muito bem arrumadas e todas com diferentes produtos.

**Mas o soldado  
brasileiro, que não  
sabia nada de inglês,  
comia pelo peso  
da caixa: a mais leve  
de manhã, a pesada  
no almoço, a média  
no jantar. E deu certo.**

Lembro-me de alguns produtos: queijo, patê de carne, maçã ralada, presunto com ovos, uma lata semelhante ao tamanho da de leite condensado moça com carne moída, bolachas doces e salgadas, chocolates em barra, 4 tabletes de açúcar, meia dúzia de chicletes. Cada caixeta trazia 6 cigarros e mais um maço de cigarros por dia. Cigarros da melhor marca, fabricados nos Estados Unidos. Vinha para soldado americano e brasileiro. Para o soldado que gostava de mascar fumo, era pago o fumo próprio para essa finalidade. Aos que gostavam de fumar no cachimbo recebiam um cachimbo caprichado, protegido por uma bolcinha de couro com zíper e mais o fumo apropriado e bem acondicionado em papel.

### ***Dia 29 de Novembro, o 3º ataque a Monte Castello***

*Diversas frentes conseguiram chegar ao cimo do monte Castello, mas não conseguiram dominar as posições inimigas, retornando ao ponto de partida à “tardezinha” do dia 29 de Novembro. Neste dia consolidava-se o Batismo de fogo em combate de toda a tropa Brasileira do 2º Escalão. Mas não ficou assim pelos 3 ataques mal sucedidos: foi marcado outro ataque para o dia 12 de dezembro, que seria a última ofensiva do inverno e o 4º ataque das tropas Brasileiras.*



## Capítulo XII

**O sangue brasileiro escorre em solo italiano.** Nosso pracinha quase morreu. Viu cenas horríveis da guerra e sentiu pesar pelos companheiros mortos. Viu também o confronto dos brasileiros novatos contra os experientes alemães. Foram dias que exigiram atitudes heróicas e ousadas dos pracinhas.

## **Dia 30 de novembro de 1944**

O 1º Batalhão do 11º R.I. pela primeira vez tomava posições em Guanella e Abetaia, nas imediações de Monte Castello. Minha Cia., dividida por pelotões, foi subindo o morro. Eu pertencia ao 3º Pelotão da 3ª Cia, o último Pelotão que deixou seu ponto de partida às 23 horas do dia 30 de novembro de 1944.

A noite estava muito escura, com uma leve garoa persistente. Fomos subindo o morro e além de estar levando todos os meus pertences, carregava ainda mais 15 quilos: uma baliza lotada de munições da metralhadora ponto 30. Minha função era municador. A nossa marcha era lenta devido ao terreno ser íngreme, úmido e muito liso. Seguimos obedecendo as regras militares, que eram: seguir sempre em fila única, com distância aproximada de 10 metros do próximo homem e que não perdesse de vista seu companheiro da frente. Em dado momento começou a cair uma borrasca de granadas de morteiro dos alemães e toda a turma rolou pelo chão. Uma voz, pela primeira vez, quebrou o rigoroso silêncio da noite nas trevas dos Apeninos Italianos: “A cobra começou a fumaaar!”.

**Eu era o último homem da fila de  
avanço e fui vítima de uma granada  
que explodiu bem próximo de mim.  
Não me feriu, mas perdi os sentidos.**

O deslocamento de ar me deixou por algum tempo atordoado e sem forças. Assim que me levantei já não vi meus companheiros e fiquei sozinho a pensar. Gritar eu não podia. Tomei uma atitude: procurar meu ponto de partida. No momento em que recobrei os sentidos, prestei atenção nos tiros de canhões que surgiam do lado que deixamos para trás, as bombas passavam por cima de mim e explodiam após o Monte Castello. Não tive dúvida: passei a mão na baliza de munições e fui descendo. As quedas que sofria me ajudavam a descer mais rapidamente morro abaixo. Entre 3 e 5 horas da madrugada, quando fui me aproximando do grupo de artilharia pesada da F.E.B., fui interpelado por um forte grito: “ALTO!” – “BRASILEIRO!”, respondi de imediato. Vindo rápido ao meu encontro, um tenente, que vendo o meu estado, molhado, sujo e cansado, levou-me à sua barraca de comunicação. Serviu-me um caneco de chocolate quente com uma grande fatia de pão americano que eles faziam somente para os soldados, junto ao Q.G. Como era saboroso! Eu já tinha



*narrado o ocorrido e o tenente me explicou: “você toma esta estrada asfaltada, adiante passa por um túnel de aproximadamente 30 metros e vai em frente, são 3 quilômetros e chega em Sila. Justamente o local que eu desejava. Agradei muito ao tenente e me arranquei. No caminho fui notando que na sargeta corria água contendo sangue.*

*Certifiquei-me, apanhando com as mãos e não me preocupei muito. Logo confrontei-me com o túnel e emboquei. O tempo estava embaçado e com muita fumaça feita por máquinas apropriadas para a defesa e proteção às baterias da artilharia. Não dava visão de espécie alguma, nem para a aviação, nem para observação terrestre. O túnel permanecia embaçado o tempo todo e só era transitado por alguns carros do exército. Depois que avancei uns 10 metros, reparei que havia várias pessoas sentadas e encostadas nas paredes do túnel.*

***Eu parei, esperei e dei um grito forte:  
“ACORDA TIGRADA, que a cobra vai fumaaar!”.***

*Como ninguém respondeu cai em mim e, percebi que para esses homens a cobra já tinha fumado. Pensei que estivessem descansando mas boquiaberto, vi que estavam todos mortos. Era o resultado do ataque ao 1º R.I. na noite anterior. Eu fui até o fim do túnel, voltei e verifiquei que o sangue que corria em grande extensão pela sargeta da estrada era dos corpos esfaqueados, recolhidos aos pedaços e amarrados em suas mantas. Nesta altura, minhas pernas amoleceram e me atacou tamanho estado de nervo que tive que sentar.*

***Senti que não voltaria vivo da  
Itália e então me despedi do Brasil.***

*Fiquei no meio da via observando aquela cena de guerra: companheiros da F.E.B., jovens como eu, já tinham derramado seu sangue em solo italiano. Não queríamos deixar o maldito ideal nazi-fascista propagar-se em nosso solo brasileiro. Sozinho, fiz minhas preces pelas almas desses companheiros e então me senti reabilitado. Levantei-me e segui minha viagem. Cheguei em Sila e fui em busca da minha companhia. Apresentei-me ao capitão, que já sabia do acontecimento e alegrou-se com minha presença. Almocei na cozinha da companhia e descansei até às 18 horas. Fui para meu pelotão seguindo junto com as pessoas que transportavam a “bóia” em muares: uma mula, um soldado italiano e um brasileiro.*



## **Dia 2 de Dezembro de 1944**

*A cobra fumou de verdade pela primeira vez na linha de frente, setor onde estava o 1º Batalhão do 11º R.I. Mineiro. Os alemães, veteranos de combate e experientes, sabendo tratar-se de novatos, organizaram um ataque surpresa às tropas brasileiras frente aos setores de Abetaia, Guanella e Bambiana. O 1º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei - M.G. ocupava aproximadamente uns 6 quilômetros na linha de frente da F.E.B. Dia 1º de dezembro, durante o dia todo, os brasileiros deram a maior sopa. À noite não houve nada a não ser algumas descargas de morteiros.*

**Amanheceu o dia 2.  
Os brasileiros olhavam  
para o Monte Castello e  
não viam nada, nem alemão,  
nem italiano, nem civil, nada.**

*Os soldados mais prudentes respeitavam e obedeciam as ordens que foram dadas, porém a maior parte dos combatentes mineiros e cariocas queria mesmo é ver logo os alemães. Não tinham nenhum medo e, ansiosos, saíam das trincheiras. Andavam pra cá e pra lá. A noite chegou. Às 21 horas, os alemães, que lançaram diversas patrulhas em toda a frente do 1º Batalhão Brasileiro, começaram a soldar rajadas de metralhadora Lurdinha. Eram tiros intercalados, que não paravam e foram se aproximando de nossas linhas. À 1 hora da madrugada, a 1ª e 2ª Companhias Brasileiras, apavoradas, abriram fogo contra os alemães. Tal ordem não chegou até a minha Companhia, a 3ª, que não deu um tiro sequer. Os alemães conseguiram exatamente o que queriam.*

**Os brasileiros abriram  
fogo largado e os  
alemães recuaram para  
assistir a festa dos novatos.**

*Os alemães mantiveram os brasileiros atirando até às 4 horas da manhã, quando terminaram as munições dos soldados brasileiros. Foram 3 horas de fogo contínuo e o que esculhambou mesmo com nossa linha de frente foram as poderosas seções de morteiros fazendo descarga direta e certa na cabeça das tropas brasileiras.*



**Por dois dias havíamos fornecido tempo necessário, com nossos sambas à luz do dia, para que tudo isso acontecesse.**

*Debandada. Às 3 horas da madrugada, 2 tanques americanos que se achavam em frente à minha Companhia, devido ao pesado bombardeio, recuaram cortando todos os fios de nossa comunicação com o Posto de Comando da Companhia. Com os dois telefonistas mensageiros, não feridos, porém estropiados e sem condições de dar cabo ao desempenho do serviço, o tenente comandante do meu pelotão, necessitava de um homem para ir até o P.C. da Companhia e saber a situação da mesma debaixo daquele inferno de granadas estourando. Ninguém se apresentou. Eu me levantei, saí do meu abrigo e disse: “deixe comigo tenente”. Saí correndo pelo corredor da morte, caindo e levantando. Ao passar por um grupo de casas fui procurando refúgio junto às paredes. Caí quando tropecei em uma pessoa que estava sentada e encostada entre a parede e uma mureta. Bastante agitado, ainda sobre ele gritei: “DESCULPE COMPANHEIRO!”. Nada respondeu, só um profundo gemido. Passei a mão direita na costa dele e notei que estava morrendo, com duas perfurações, na testa e no pescoço. Escorria muito sangue. Estava escuro, mas deu para notar que se tratava de um cabo muito jovem. Continuei a cumprir a missão que estava incumbido. Ainda me achava na metade do caminho, uma extensão de aproximadamente 2 quilômetros. Bastante cansado, logo cheguei até o Posto de Comando de minha Cia. Encontrei com o Capitão, que estava apavorado, sem comunicação com nenhum de seus pelotões, dos quais dois já haviam recuado. Apresentei-me dizendo: “Vim saber a nossa situação e a do pelotão”.*

**Ele me disse: “Nalesso, a ordem superior foi para todo o batalhão recuar. Só falta o 3º Pelotão de minha Cia. Vai, Nalesso, depressa!”**

*Sem pensar duas vezes, me arranquei de volta. Já eram mais de 4 horas da madrugada e havia diminuído os bombardeios. De súbito, dei de encontro com um grupo de brasileiros, sendo que 10 ou mais vinham descendo o morro e um deles, à frente, gritava: “É preciso que um de nós se salve para narrar nossas vidas!”. E o grupo mais atrás gritava: “Esse é um covarde que batia em soldados lá em Caçapava, dá um tiro nele.” Tratava-se do Major Comandante do Batalhão.*



*Passando por tantas tragédias, eu tinha em minhas mãos um pelotão de 39 homens. Era minha total responsabilidade. Tinha que voltar até lá. Vendo tantos soldados apavorados que só desciam, subi ao encontro de meu pelotão, em direção ao inimigo. Próximo ao nível da pequena elevação ouvi conversas em língua estranha e me deitei ao chão. Portava somente um fuzil e duas granadas de mão.*

***Vi perfeitamente uma patrulha alemã passar pela minha frente a aproximadamente 10 metros.***

*Não foi possível contar precisamente quantos eram, porque até o fôlego segurei com medo de ser descoberto. Julguei ser um grupo de quinze homens. Os alemães estavam andando por cima da crista da elevação em direção ao meu pelotão. Afastei-me um pouco da crista e paralelamente a ela, em terreno muito mais acidentado, dei tudo de minhas energias para chegar até meu pelotão antes da patrulha inimiga. Corri uns mil metros. Chegando lá, mal podendo falar de tão cansado, disse: “vamos embora urgente, patrulhas próximas a nós”. Tomamos outro trajeto, que era mais difícil, para poder escapar do inimigo, mas outro incidente aconteceu. Durante o deslocamento do pelotão, caiu uma granada de morteiro inimigo e um estilhaço atingiu o penúltimo homem que era o Sargento Cabral, um pernambucano. Logo que sentiu o ferimento gritou:*

***“Nalesso, me acuda.  
Estou ferido e não posso andar”.***

*Olha só o meu apuro com a patrulha inimiga. Como em outras vezes, eu era o último homem. O sargento ferido e só eu para conduzi-lo. Ele era bem pesado e a sua perna direita estava sem ação. Fui levando-o, um pouco apoiado e um pouco arrastado, descida abaixo. Tivemos muita sorte. Logo o tenente apareceu com mais 5 homens devido nossa à demora. Procuramos e conseguimos sair numa estrada que fazia margem a um riacho e dava acesso a Sila, centro de cruzamento para Monte Castello. Lá chegando, encontramos todas as unidades do 1º Batalhão completamente derrotadas fisicamente, moralmente e psicologicamente. Era meio dia. Presenciei o Major Comandante do Batalhão insistir desesperadamente para que a tropa o acompanhasse de volta as posições abandonadas.*

***A tropa toda gritava:  
“Vai sozinho seu covarde...”.***



*Resultado: o Sargento Cabral foi para o hospital da retaguarda em Pisa e de lá para os Estados Unidos. Houveram muitas baixas de feridos e vários mortos. Foram 4 dias para recompor e reajustar o Batalhão, que ainda enfrentaria o ataque mais duro da Itália, em Montese, mais de 24 horas de combate. O Major Comandante do 1º Batalhão do 11º R.I., foi afastado do cargo e removido para o Brasil. Cabo Oliveira e eu, por ato de bravura, fomos premiados com 4 dias de folga em Firenze, Florença.*



**Cabo Oliveira e Victório Nalesso**

## Capítulo XIII

### **A conquista de Monte Castello.**

As muitas dificuldades, o novo ataque fracassado. A resistência e o empenho. A 5ª tentativa deu certo e os objetivos atingidos. Para quem acha que a participação do Brasil na guerra foi de menor importância, Victório Nalesso conta como foram difíceis as conquistas e como o comportamento da tropa brasileira foi exemplar.



## **Dia 12 de Dezembro de 1944**

*Às 6 horas da manhã 3 regimentos começaram a se deslocar e subir o morro. Eu fiquei na linha de apoio, assistindo toda a movimentação da tropa que seguia à minha frente. Foram subindo, procurando os lugares mais fáceis para a progressão, até que chegaram num ponto, mais ou menos na metade da montanha.*

### **Foi quando os alemães perceberam. Deste momento em diante o fogo foi cerrado.**

*Os alemães demoraram a perceber devido o tempo estar muito fechado com neblina extensa, chuvisco mais pra neve e tudo misturado com uma grande camada de fumaça que subia morro acima devido aos carros americanos espalhados em toda a frente de combate. Esses carros usavam óleo e outros elementos químicos que emanavam grande quantidade de fumaça, em vasilhames apropriados, montados em cima dos carros, também apropriados, que eram conduzidos, quando necessário, por uma só pessoa. Respirávamos aquilo todos os dias e por muitos dias. Quando tossíamos, saíam pelotes de catarro preto como um pedaço de carvão.*

*Por outro lado, tal fumaça tinha uma grande utilidade para nosso bem, porque os inimigos, mesmo lá de cima, não podiam apreciar nada do que se passava em terrenos já conquistados, não tinham visão. O tempo, por natureza no inverno, já era embaçado. Somando-se à fumaça, a diferença entre dia e noite era pouca.*

*Voltamos ao ataque. No momento em que os alemães perceberam que estavam sendo atacados, as tropas Brasileiras, mesmo com a dificuldade de progressão no terreno molhado e pedregoso, chuva e frio e mais queda da temperatura com grande declínio, já tinham ultrapassado a metade do terreno. Houve pelotões e até companhias que chegaram em cima do Monte Castello travando tiroteios e combates com os alemães, mas tiveram que recuar por falta de reforços e de apoio de mais soldados. E os que lá chegaram já estavam exaustos, muito cansados e com poucas condições de lá se estabelecer por ser em número muito pequeno. Soldados feridos e mortos nas posições alemãs.*

**Era o 4º ataque fracassado com  
grandes baixas, entre mortos  
e feridos, nas quatro tentativas.**

*Foi o dia todo entre subir o monte e atacar e até altas horas da noite para o retorno malogrado:*

**Cansado sujo e molhado,  
trazendo companheiro mais arrastado do que  
carregado, feridos e também os mortos:  
a experiência foi grande.**

*A gente sentia que a tropa estava com a moral abatida, mas não reclamava, ou quase nada. A partir do dia 12 de Dezembro de 1944 o chuvisqueiro persistente que caia dia e noite, virou neve.*

**Fardamento, Uniforme Americano**

*Assim que regressamos do 4º ataque recebemos uniformes americanos próprios para o frio europeu. Quero relatar alguns materiais que ainda me recordo: 1 par de galochas compridas, 4 pares de meias compridas de lã, 2 pares de cuecas compridas de lã, 2 pares de calças forradas de lã, 1 túnica de brim forrada, mais uma túnica de brim, revestida toda com pele de lebre, 2 gorros de lã com proteção aos ouvidos e 1 par de luvas também revestidas. Todo esse material fornecido pelos americanos, era de primeira qualidade, caprichado. Fomos protegidos ainda, pelos americanos, com um capote que pesava muito, de fabricação Inglesa.*

**Olha, se não fosse a F.E.B. ter sido  
incorporada ao Exército Americano,  
com certeza o frio, que chegou a oscilar  
entre 15 e 25 graus negativos, deixaria  
sem saúde todos os Brasileiros que  
estiveram ou tomaram parte nos  
campos de combate durante o inverno,  
principalmente nos 30 dias finais.**

*A guerra não parou, apenas não houve ataque maciço devido a neve que caia todos os dias. Mas acontecia movimento de patrulhas nas terras de ninguém, onde havia combates nos encontros das patrulhas de brasileiros e alemães e todas as noites se fazia*



*patrulhas, cada unidade no seu setor. E então nós, brasileiros, fomos tomando muito conhecimento sobre estratégia, adquirindo confiança em nós próprios e nos companheiros, a ponto de solicitar, logo que chegou a primavera, que houvesse, com a maior brevidade, a 5ª ofensiva, visando a desforra dos 4 ataques que estavam encalhados em nosso peito, na garganta dos Brasileiros.*

### **Monte Castello**

*As saudades de nossas famílias e de nosso querido Brasil nos deu uma confiança e uma coragem enorme, porque nossa preparação psicológica, física e tática, obtivemos no campo de batalha durante o rigoroso inverno e com os fracassos, isto é, nas derrotas dos 4 ataques realizados no início do rigoroso inverno, nos Apeninos, Itália. Mas a primavera chegou e nós Brasileiros estávamos com o saco cheio de viver expostos ao tempo: no buraco, no gelo, lama, frio, neve, chuva, comida e bebida fria. Cochilávamos mas não dormíamos, desassossego, perturbação, vendo permanentemente a morte em cada passo conquistado.*

*Nós Brasileiros, tínhamos apenas 8 meses de campanha e estávamos longe de nosso país. Os nossos oponentes, adestrados, há muito tempo estavam em guerra.*

**Queríamos mostrar que os Brasileiros  
faziam a cobra fumar. E esse dia  
chegou: 21 de Fevereiro de 1945,  
o 5º ataque, dia em que caiu Monte Castello,**

*e o Q.G. de outras elevações, como Belvedere, Gorgolesco, Torre de Nerone, Soprassasso e muitas outras posições que formavam a cordilheira dos Apeninos da Itália, a mais dura linha de combate em toda a frente Italiana, que se chamava linha gótica.*

*Assim que veio abaixo, subimos e percorremos todos os lugares onde, nos 4 ataques anteriores, alguns brasileiros chegaram no topo do Monte Castello mas poucos voltaram e outros, quando não prisioneiros, foram mortos. Neste ataque, foram encontrados corpos de Brasileiros que ficaram guardados pela neve e de outros enterrados em covas rasas, mas marcadas pelos alemães com estes dizeres:*

**“Aqui jáz um herói Brasileiro”.**



No dia do ataque, 21 de Fevereiro de 45, em Monte Castello, eu não participei das ofensivas porque meu Batalhão deslocou-se ao flanco direito dos Apeninos, próximo a Castel Nuovo, onde minha companhia tomou posição em Monte Cavaloro. Foi nesse local que meu pelotão foi designado a tomar uma posição, um terreno avançado entre um estreito que dava a um cemitério semi-destruído pelos bombardeios de morteiros e pela aviação aliada. Esse lugarejo era terrível, rodeado de inimigos. Só havia esse estreito e uma única saída, do lado que dava para o rio Reno, único lugar onde poderia acontecer um ataque. E o meu pelotão, que ocupava o tal cemitério, não podia deixar que os alemães percebessem que ali estava ocupado por elementos das tropas aliadas. Nossa missão era não deixar os alemães entrarem nesse estreito, no mais, sofrer de tudo. Eu pertencia à peça de metralhadora que ocupava 3 homens e sofremos para achar um lugar para assentar a metralhadora. Noite escura, muita pedra, não se podia fazer barulho. O inimigo em cima de nós. Mas achamos um jeito: restava uma pequena capela com sepultura dentro e com várias perfurações de estilhaços de bombas ao fundo. Eu e meus companheiros começamos a examinar e percebemos que essas fendas na parede davam acesso a duas sepulturas. Com a capa protegemos o buraco e com uma lanterna examinamos as duas sepulturas. E fomos tirando os ossos e limpando o local. Usamos desinfetante em pó, que todo soldado portava e montamos a peça de metralhadora ponto 30. Só saímos à noite, para apanhar água e refeição.

As necessidades, durante o dia se fazia em caco de telha e colocava-se em um buraco de bomba. Essa vida foi por alguns dias, quando iniciaram os novos ataques em 28 de fevereiro de 45. Foram até 8 de Abril, com a tomada e queda de Soprassasso, Torre de Nerone, Castel Nuovo e muitas outras frentes que circundam Monte Castello e finalizam a cordilheira dos Apeninos Italianos. Meu Batalhão ficou num grande setor de Capela de Rochedos e Sassamolare, o qual, após conquistado, nos deixou às vistas da terrível resistência, tendo à nossa frente o baluarte de Montese, após a grande investida da entrada da primavera em toda linha de frente da D.I.E. (Divisão de Infantaria Expedicionária).

Meu Batalhão ficou em um pequeno lugarejo chamado Loiola por 4 dias, como que tomando um fôlego dos ataques e perseguições aos Tedescos. Ou até mesmo prontos para um contra-ataque, coisa que não aconteceu porque eles, os alemães, estavam fortemente determinados a resistirem aos brasileiros nas elevações de Montese, que seria como outro Monte Castello, com



*seus grandes poderios de visão e proteção das colinas de Montelo, Monte-Bufone, Paravento, Latorre e Casone.*

**Os pracinhas também  
estavam prontos para o  
espetáculo, para o sacrifício,  
montagem da operação  
de massacre de criaturas  
humanas, incluindo amigos  
e inimigos e como atributos  
à coragem, o destemor e a  
valentia de quem os possuía.**

#### **Dia 14 de Abril – Ataque a Montese**

*Após depararmos com Montese, passados 4 dias, a ordem era para nos prepararmos para subir o morro. Os alemães não deixavam passar uma hora sem lançar uma corrimaça de bombas de morteiros sobre nós. Às 7 horas da tarde do dia 14 de Abril tomamos cautelosamente nossa refeição quente, transportada por muares. E como sempre, à noite, sob a responsabilidade de um soldado partigani Italiano e um Brasileiro. Após a refeição, como sempre, a carga estava pronta; mochila bem munida, uma caixa de refeição, água no cantil, munição para a metralhadora, 4 granadas de mão, 4 granadas de fuzil, uma balisa, ou seja, caixa de 20 quilos com projéteis de metralhadora e um cobertor. Isso era a carga que eu carregava, inclusive meu fuzil. Fizemos nossas orações e nos protegemos das bombas que sempre nos despertava.*

**A hora “H” havia chegado:  
21 horas do dia 14 de  
Abril e a gente se sentia  
bastante traquejado para  
eventuais ataques, mas  
não fora do perigo, que  
atormetava continuamente.**

## Capítulo XIV

**As outras conquistas também difíceis.** Os incessantes bombardeios alemães. As tragédias humanas. Os prisioneiros capturados. Os heróis de guerra. Nalesso recorda e conta tudo como se os fatos tivessem acontecido há pouco tempo.



*A minha companhia atacaria bem pelo centro da cidade. O ponto de partida nosso também era uma elevação. Recebemos ordem de avançar. Cautelosamente fomos descendo, até que chegamos a uma planície muito limpa, local onde havia sido colhido trigo. E como era noite, não sei o comprimento da várzea, mas a largura dava mais ou menos uns 500 metros. Lá passava um córrego de 1 metro de profundidade. Assim que chegamos à planície, os Tedescos perceberam e “fizeram a cobra fumar”. Começaram a cair bombas de morteiro e rajadas de metralhadora em tanta quantidade, que foi um alívio a hora em que chegamos à valeta, a fim de nos proteger do infernal bombardeio, que no decorrer de 30 minutos não deu uma trégua. A tropa foi se abrigando no córrego, único abrigo, que chegou a transbordar, de tantos soldados que se utilizavam da citada valeta como trincheira. O fogo não cessava, a tropa toda molhada. Começamos a dar o avanço por lance, lances rápidos. Deixamos a valeta e fomos conquistando o sopé da montanha de Montese, e subindo o morro. Quando era meia noite, mais ou menos, 4 horas de ataque, já tínhamos ultrapassado a metade do morro. Nós já sentíamos até o “bafo da onça” e os fogos não cessavam mesmo, mas não nos castigava tanto, devido às rajadas de metralhadora e tiros de canhão caírem em terrenos em que já não estávamos. Só as bombas de morteiros explodiam nas encostas do morro que estava sendo conquistado; mas nem todas explodiam, metade apenas.*



14 de Abril de 1945, Montese,  
aguardando ordens para a ofensiva mais sangrenta das tropas brasileiras.



*Mas na medida em que nos aproximávamos da cidade, o tiroteio dobrava seu poderio e horror. Nós, os brasileiros, ficamos às portas da cidade, isto é, a 50 ou 100 metros de distância dos alemães. A partir do momento em que deixamos nosso ponto de partida, que foi às 8 horas da noite, não deu tempo de tirar uma bolacha do bernal para comer.*

**8 horas de inferno, porque  
já eram 4 horas da madrugada,  
e o pior ainda estava por acontecer.**

*Nestas alturas nós não sabíamos qual era a artilharia que nos apoiava ou nos castigava, porque as bombas dos canhões que explodiam na alta cidade, jogavam destroços que voavam para o alto e vinham cair em cima de nós. Mas os alemães, que estavam bem entrincheirados nos portões das casas, não arredavam e nem se entregavam; a luta estava no gatilho e granada de mão, bem perto, distância de 30 a 50 metros. O meu pelotão lutava para descobrir uma forte posição inimiga, que alcançava grande extensão do terreno e nos castigou a noite toda. Mas agora estavam na mira das armas dos brasileiros, que estavam proximamente colados a eles, mas eles não percebiam, porque o meu grupo, 12 homens, vinha do flanco esquerdo para o*



18 horas, 14 abril de 1945, aguardando ordens para o ataque a Montese já marcado para as 20 horas desse mesmo dia. Sargento ao telefone e a direita Victório Nalesso. Hora da refeição da tarde. Linha de Frente - Iola - Itália.



*direito, entre os destroços e pedras e notamos que as rajadas das metralhadoras eram muitas. Era sim um ninho de metralhadoras Lurdinhas, que se achavam alojadas em um prédio à beira da cidade, uma casa bem estruturada de pedra. Eu dei um sinal para o bazuqueiro que se achava próximo a mim e falei: “é deste prédio que está saindo todo o fogo para nosso setor de ataque”. O Bazuqueiro Catarinense, brioso, sossegado, não tinha medo. Com calma, só foi dizendo:*

***“Deixe para mim. Essas metralhadoras não pararam de rasgar pano a noite toda. Só quero ver agora a cobra soltar uma fumaçada na cabeça desses Tedescos”.***

*Ajeitou a bazuca no ombro, que já estava municiada e meio ajoelhado, encostado lateralmente em uma grande pedra, lançou uma granada bem no local de onde as rajadas saiam. Imediatamente a peça foi municiada e outra bomba foi lançada e a explosão, a 30 metros no máximo.*

***Pedro Silva é o nome do bazuqueiro natural de Itaiópolis / Santa Catarina.***

*Após as duas enormes explosões, lancei mais duas granadas de mão e ficamos na escuta. Muito gemido se escutava e daquele ponto nenhum tiro mais se ouvia: cessou o metralhar das Lurdinhas. Mas o pesado bombardeio da artilharia continuava a cair sobre a cidade. Foi clareando o dia e nós brasileiros fomos avançando e entrando. Fogo cerrado nos arredores e centro da cidade. Não entramos no local onde foram lançadas as duas bombas de bazuca, para vermos as consequências, mas tomamos a parte superior do prédio e prendemos 8 alemães. Mais prisioneiros foram chegando, completando um número de 18 alemães capturados de 2 lugares bem próximos, duas ferozes posições alemãs. Eles mostravam-se cansados, abatidos e muito surpresos em ouvir perguntas que soldados brasileiros faziam em língua alemã.*

***Estes soldados brasileiros eram descendentes de alemães, vindos de Santa Catarina.***

*Os prisioneiros eram imediatamente escoltados para a retaguarda e os ataques estavam sendo acirrados de rua a rua.*



Às 12 horas do dia 14, meu Batalhão, que atacava pelo centro, já dominava mais da metade da cidade. Nossa ração havia acabado antes da noite anterior e o tanque que vinha nos trazendo a ração do almoço foi acidentado por uma “mina” anti-tanque: não podendo prosseguir viagem, ficou parado logo após entrar na cidade. Como a aviação brasileira estava nos dando grande apoio, deu-nos oportunidade para que cada pelotão designasse 4 homens para buscar a ração. Nestas alturas, 14 horas, toda a companhia, todo o Batalhão, estava sem ração. Das 12 até às 15 horas o bombardeio da artilharia alemã deu uma trégua. Devido a aviação Brasileira não dar espaço de tempo, saía 4, chegava 4, num período de 4 horas, até às 18 horas a cidade foi dominada. Este ataque a Montese teve início às 20 horas do dia 14 de Abril e foi até às 18 horas do dia 15 sem cessar um minuto de tiros de artilharia; quando não era dos alemães, era dos brasileiros.

### **Mais detalhes sobre os Dias 14 e 15 de Abril**

Foi confirmado pelo Boletim do Diário da linha de frente que nesse ataque, em 20 horas de fogo cerrado, foram lançadas tantas bombas quanto em Monte Castello durante os 5 ataques. Depois das 19 horas os alemães deram um intervalo até a meia noite.



14 de Abril de 1945, Montese. Soldados tomando posição com a metralhadora ponto 50 em uma das ruas de Montese, já dominada, após 24 horas de sangrento combate. Reforço de novas posições supondo um contra ataque alemão.



*Os ataques não cessaram totalmente, apenas diminuíram em 50% os tiros pesados. Isto aconteceu para mudar as peças de posição. Recuar aproveitando a noite para se locomover, evitando assim que a aviação atacasse. E nós brasileiros ficamos em posições bem reforçadas em todas as entradas da cidade. Meu pelotão tomou posição na Via-Saída para Bolonha, outra via para o Vale do Rio Panaro. Fizemos trincheira, preparamos e acertamos o lugar para o bazuqueiro ponto 50: 3 pessoas, com muita munição, à espera de um suposto contra-ataque, como sempre acontecia, mas que felizmente não aconteceu. Apenas muito barulho, ronco de carros motorizados que pareciam vir para o nosso lado. De meia em meia hora caía em cima de nós uma chuva de bombas de morteiros. Foi a noite toda agitada e perturbada, porque com esse movimento nossa artilharia mandava fogo em cima dos gringos. A nossa salvação, no dia 15 de Abril, durante o ataque, foi a aviação nos auxiliar. Durante os momentos em que 2 ou 3 aviões permaneciam em cima atacando, metralhando ou bombardeando, nós aproveitávamos para dar longos avanços. Eu não esqueço uma passagem que aconteceu comigo e meu companheiro que portava a metralhadora ponto 50. Eram 14 horas, partes da cidade muito destruída, mas tinha casas que nada sofreram. E nós dois resolvemos subir em um sobrado com 3 andares e assentamos a peça de metralhadora no último andar, o 3º andar.*

***Este companheiro, eu tenho o  
prazer de registrar seu nome:  
Soldado Expedito Machado, natural  
de São Miguel Arcanjo / São Paulo.  
Homem de pequena estatura e  
franzino, mas muito forte e corajoso.***

*Essa casa fazia parte de uma grande avenida, longa e larga. Dava mais ou menos uns 1.000 metros de comprimento por 60 de largura e tinha a cada 100 metros um chafariz com 4 estátuas cada. Estátuas de crianças, De cada estátua jorrava água potável pelo pênis. Nestas alturas acabamos de tomar a refeição da escartoleta "K" e ficamos observando se enxergávamos algum movimento inimigo. Olha só o que aconteceu: os alemães nos avistaram primeiro. Achavam-se tão próximos, que deram um tiro direto, devia ser canhão anti-tanque, porque escutamos um estampido muito forte que atingiu o prédio. A sorte nossa foi que a explosão foi bem por baixo, o 3º andar ficou intacto e suspenso*



*pelas ferragens. O que fizemos: soltamos a metralhadora para baixo, assim como a caixa com munições e como não havia escada, porque a mesma desapareceu com a explosão, descemos escorregando pelos trilhos.*

*Fomos procurar outro lugar para o assentamento da mesma, à espera de um contra-ataque inimigo na passagem da noite, coisa que não aconteceu. O que muito nos perturbou foram os alemães mortos que estavam bem próximos das nossas trincheiras: 4 corpos achavam-se bem à nossa frente, distanciados uns dos outros, mas havia muitos mais e nós não estávamos à busca de mortos e sim de vivos.*

**O que aconteceu é que esses corpos começaram a exalar um forte odor na calada da noite, cada vez mais insuportável e a gente vendo aqueles enormes cadáveres.**

*Um de bruço, outro de costas, outro meio pranchado, até que poderíamos arrastar esses corpos para buracos de bombas, com tantos buracos que haviam a nosso redor, mas isso não fizemos porque temíamos que algum desses corpos estivesse minado. E esse serviço era só com a equipe especializada: os caça-minas, que portavam aparelhos próprios, analisavam e então liberavam para a Cruz Vermelha ou equipe de sepultamento.*

**Dia 15 de Abril – das 18 horas até as 24 horas**

*Durante o dia todo foi um calor imenso, a fumaça das bombas que explodiam e o tempo parado.*

**A cidade com suas casas destruídas, cadáveres por todos os lados. À noite, as trevas aos poucos foram tomando conta, como um manto preto que vinha para cobrir a desolação da terra manchada de sangue.**

**Sobre a minha companhia**

*No dia 16 de Abril, às 6 horas da manhã, recebemos ordem para avançar. Demos graças de deixar a cidade de Montese, a que mais nos marcou. Tristes recordações em termos de*



*combate. Mas desta vez minha companhia rumou em direção ao Rio Panaro. Assim que clareou bem o dia, tomamos a refeição do café. A escartoleta “A” era bem farta. Fizemos uma parada de uns 30 minutos para esta refeição. Veio um dia tão belo, claro, sem tiros, que parecia até que a gente não participava de uma guerra, mas o que pesava mesmo era nosso estado físico, era o cansaço, sono.*

*Iniciamos novamente nossa marcha, uma fila de soldados para cada lado da estrada, não seguia ninguém pelo centro da mesma. Esta via era uma reta bem longa, de uns 10 quilômetros, com toda extensão em declínio até o rio. Aos 5 quilômetros mais ou menos, ao nos aproximarmos de uma vila com muitas casas assobradadas, um calor de “rachar mamona”, os alemães, lá do alto, além do rio Panaro, começaram a despejar bombas de morteiro e tiro direto de canhões sobre nós. Esta via era pavimentada e continha em suas laterais valetas onde, deitados, dava para nos proteger bem das bombas que caíam sobre o pavimento. Os estilhaços se esparramavam, zunindo por cima de nós. Eles, os alemães, deixaram que a tropa chegasse na vila a fim de destruí-la, mas ninguém se abrigou nas casas. Os soldados, depois que começou o bombardeio, assim que amenizou um pouco, aproveitando a fumaça e a poeira gerada pelas bombas que*



Oficiais da 3ª Cia do 1º Batalhão do 11º R.I. - Tenente João Nunes (Comandante do 3º Pelotão); Capitão Elcio Alvim (Comandante da Cia); Comandante do 2º Pelotão; Comandante do 1º Pelotão; Comandante do Pelotão de Apetrechos Pesados; 1º Tenente (Ajudante da Cia).

*explodiam, conseguiram alcançar terrenos ou trechos de terrenos cobertos por vegetações. Quando tudo se acalmou por completo, o que seria a última descarga da artilharia alemã em nossa frente, nós Brasileiros, fomos tomando e conquistando as margens do rio Panaro, correndo para posições compatíveis às armas e espécies.*

***A noite foi chegando, a escuridão foi tomando conta, grandes as preocupações sobre as muitas vidas ceifadas.***

*As margens do rio Panaro eram bastante cobertas com grandes árvores nativas. As posições, abrigos individuais, ficaram todas protegidas de qualquer visão inimiga; não houve tiro nem ataque a noite toda. Mas não tivemos tranquilidade. Às 22 horas começou muita conversa do outro lado do rio, sendo que o leito do rio, antes de escurecer, já tínhamos observado, era muito raso, com muita pedra. Via-se o fundo durante toda a largura, de 30 metros aproximadamente. A companhia toda ficou com o dedo no gatilho, caso o inimigo tentasse a travessia do rio.*

***Mas logo percebemos que não se tratava de uma patrulha de ataque alemão, porque comessaram a gritar forte: “brasiliane, brasiliane”.***

*Barulho na água, até que alcançaram as margens de nosso lado. Eram 3 pessoas e surgiram bem à frente de minha posição, composta por 3 pessoas da metralhadora. Dei-lhes um “ALTO” tão forte, que os 3 homens ajoelharam-se de medo; tinham uma peça de pano branco amarrado em uma vara, uma bandeira, símbolo da paz.*

***Eles davam sinal de que haviam mais soldados que queriam se entregar.***

***Falando um pouco de italiano: “amich, amich, sono soldati russo”.***

***Nestas alturas, nós brasileiros sabíamos que não eram alemães, porque, se fossem, o atirador da metralhadora ponto 50, Soldado Macari, perceberia no ato.***



*Assim que esses 3 russos foram encaminhados ao P.C. (Posto de Comando) da companhia, começaram a se entregar mais soldados. E foi assim a noite toda: chegavam às margens do rio, faziam barulho, gritavam e entravam na água, falando alto: “russo”, “russo amigo” e só vinham de 2 em 2 homens e sempre com um intervalo de 40 minutos a uma hora, para não haver perigo de serem interpretados como uma patrulha e então serem recebidos à bala. Devido a noite escura e ainda mais a sombra das matas, mesmo qualquer pano branco que traziam só era visto quando bem de perto. Uma noite agitada, porém sem tiros.*

*Nas outras frentes, a cobra não deixou de fumar até o amanhecer do dia 16 de Abril. Existia uma ponte que recentemente havia sido destruída pelos próprios alemães, depois que recuaram. Foram aprisionados e se entregaram neste local 12 prisioneiros: 8 russos, 3 franceses e 1 polaco. Esses militares, segundo eles, foram aprisionados em combate com os alemães. Com a decadência de suas potências militares em todas as linhas de frente, os alemães começaram a usar os prisioneiros em suas linhas de frente. Por exemplo: prisioneiros russos eram distribuídos nas diversas divisões alemãs, que lutavam na Itália contra as Nações Unidas. É por isto que freqüentemente, quando na defensiva durante o inverno em Monte Castello, aparecia soldado russo se entregando às tropas brasileiras. Foi assim que ficamos sabendo que todas as patrulhas alemãs de 12 homens formavam-se assim: em cada grupo de 3 homens, 2 eram alemães e 1 era russo. Em 12 homens: 8 alemães e 4 russos. Qualquer suspeita de fuga quando em serviço, ou outra infração que viesse a ferir as ordens superiores militares, eles eram então fuzilados sumariamente.*

**Então eles, os russos, não eram  
nossos adversários. A Rússia  
fazia parte das Nações Unidas.**

*Eram nossos amigos, lutavam forçados e eram observados por 2 soldados alemães para não fugirem. À noite, quando acontecia encontro de patrulhas e a cobra fumava, os morteiros de ambas as partes funcionavam, cada um tinha que se defender. Era a ocasião em que os russos se afundavam na neve, escapavam dos alemães e vinham para nossas linhas. E o mesmo acontecia nos grandes combates, como foi em Montese. Nos deslocamentos das tropas, quando se recua, de baixo de bombardeio pesado dia e a noite, houve então muitas oportunidades de fuga para*

*esses homens. Por depoimentos desses russos ficamos sabendo que os alemães pretendiam fazer uma outra fortificação, coisa que não veio a acontecer. Assim que caiu Montese e as elevações por ela comandada, como Monte Arigola, Serreto, Monte Bufone e Montelo, a Divisão Brasileira não deu chance de fazerem outras fortificações. O objetivo de nossa Divisão era o Vale do Rio Pó, porque os últimos testes das forças alemãs frente às forças brasileiras estavam sendo todas derrotadas. No dia 16 de Abril, às margens do rio Panaro, onde meu Batalhão conquistou, não houve combate, somente tiros de canhão de grande alcance e não era com frequência. Foi quando recebemos ordens para voltar até Montese a fim de tomar outros meios de ataque.*



## Capítulo XV

**Um acidente fatal.** O avanço das tropas brasileiras. Os recuos. As conquistas obtidas com muita luta. A dispersão das tropas alemãs, a vitória dos aliados. A seguir o que Nalesso registrou, como um autêntico repórter de guerra.

*Eu era o último de minha companhia a recuar, cumprindo ordem do comandante. Aconteceu um acidente com o último soldado de outra companhia, mas do mesmo Batalhão. Ele se achava bem perto de mim. No momento em que o mesmo foi colocar a mochila nas costas e enroscou o punho da gandola no grampo da granada de mão, ela veio a explodir, matando-o instantaneamente. Eu era da 3ª companhia; o soldado que faleceu pertencia à 1ª companhia. Eu tinha que dar o encerramento do plano de meu pelotão, como da companhia. A mesma missão teria o soldado que faleceu. Corri, fiz o possível para rapidamente alcançar o comandante do pelotão, que já distanciava mil metros. Esperava o último homem e possuía um rádio transmissor. Assim que comuniquei o acontecimento tive que voltar ao local do acidente, juntamente com elementos de minha unidade, mas desta vez voltamos de jipe, para transportar o corpo. Isto foi bem rápido.*

*Assim que chegamos próximo à Montese, tomamos a via Regio Emilia em direção à cidade de Bolonha, mas com muita dificuldade, devido aos bombardeios da artilharia alemã, que ainda dominava Monte Bufone, Zoóca, Montelo e outras grandes elevações fortemente armadas e preparadas pelos alemães a resistirem aos ataques em direção ao Vale do Pó pelas forças brasileiras.*

*Estava toda a divisão em movimento para as últimas investidas sobre o restante das cordilheiras dos Apeninos Italianos no dia seguinte, ou seja, iria começar no dia 17 de abril. E foi o que aconteceu: o meu Batalhão avançou a pé pela Via Emilia, o resto do dia 17, muito lentamente, devido à grande quantidade de minas anti-tanque que os Tedescos tinham colocado sobre o leito da estrada. Já haviam ficado fora de combate diversos tanques blindados. Nestas alturas, era só mesmo a infantaria e os caça-minas que trabalhavam com seus aparelhos apropriados para retirar todas as minas do leito da estrada e colocar às margens da estrada. Às 24 horas, na passagem do dia 17 para 18, não mais avançamos. Entramos em defensiva e assim ficamos até que outros batalhões do mesmo regimento de brasileiros conquistassem.*

*O 1º Batalhão, ao qual eu pertencia, tomou posições até que o restante do regimento, o 2º e o 3º Batalhão, conquistassem Monte Bufone, Serreto, Montelo e Paravento. Deram-se essas ofensivas nos dias 17, 18 e 19 de Abril, com duras batalhas e com muitas baixas entre feridos e mortos. Nesses 3 dias meu*



*Batalhão não atacou e nem foi atacado; ficamos apenas a espera de uma emergência, à espera de um contra-ataque dos alemães.*

*Como nada veio a acontecer, serviu para o Batalhão recompor-se do cansaço dos 3 dias consecutivos de ataque sem descanso.*

*Foi o Batalhão ao qual eu pertencia, o 1º Batalhão do 11º R.I., que lutou pelo centro da cidade de Montese, sofrendo o mais duro bombardeio da poderosa artilharia alemã comandada ou manejada por seus soldados hábeis e experimentados, com 5 ou 6 anos de lutas.*

***Mas desta vez, frente-à-frente  
com soldados brasileiros, com  
menos de um ano em campos de luta, aprendendo  
e sofrendo no inverno  
europeu, viram na entrada da primavera,  
como é que se faz “a cobra fumar”.***

*Os brasileiros subiram os grandes montes, coisa que muitas vezes tentaram fazer. Agora, ninguém segura o fogo da cobra que acendeu o cachimbo prá não parar o avanço e logo ver o fim da guerra.*

### ***Dia 20 de Abril***

*Após conquistada toda a região do maciço de Montese, tomamos caminhão e fomos ao encalço dos alemães, visto que as minas na via principal chegaram ao fim. As viaturas de contato com os inimigos já tinham rompido à nossa frente: era o Esquadrão de Reconhecimento. Se esse Esquadrão fosse barrado pelos fogos inimigos, nós seríamos avisados e o avanço retornaria a ser a pé. Estávamos preparados para fazer e enfrentar um fogo cerrado e sempre obedecendo e seguindo os trajetos. Foi conquistado o último reduto do maciço de Montese, que foi Zoóca, onde os alemães ofereceram duras resistências, com cerrados fogos de morteiros e metralhadoras. Foram vencidos, mas com muitas baixas entre mortos e feridos das duas partes. Então desta vez o nosso objetivo era o Vale do Rio Pó. Avançamos, mesmo com as muitas paradas causadas pela grande quantidade de campos e estradas minadas pelos inimigos, os quais eram feitos de trecho em trecho e sempre em pontos estratégicos. A Divisão*

*Brasileira avançava em todos os pontos principais, deixando um bolsão lateral com os Apeninos. Meu Batalhão seguia em direção à Modena, Régio Emilia. No dia 25 de Abril estivemos na cidade de Parma. Durante esses dias de perseguição ao inimigo, houve algumas suspeitas de combates com tiros de canhões de grande alcance e muita precisão, feita pela artilharia inimiga, mas não houve confronto com a infantaria. A partir do dia 22 houve a dispersão das tropas alemãs.*

***Era o que a gente percebia, devido aos vários grupos de soldados alemães, pequenos grupos, sem comando, cá e acolá que, com a nossa presença, de surpresa, abandonava suas armas ao chão e levantavam as mãos. Muitos prisioneiros foram feitos, uns fugidos e outros extraviados das tropas que se retiravam.***

#### ***Dia 25 de Abril***

*Este foi o dia em que chegamos na cidade de Parma. O meu Batalhão, ali permaneceu para manter a segurança da Divisão que avançava por diversas vias em direção ao Rio Pó. Devíamos impedir que os alemães da 148ª Divisão, que estavam fortemente preparados, resistissem ao avanço das tropas brasileiras no setor do rio Parma e rio Taro.*

#### ***Dia 26 de Abril***

*A cidade Coléchio, que vinha sendo fortemente defendida pelos alemães, foi atacada pelos brasileiros na madrugada do dia 26 de Abril. Foram 6 horas de encarniçada batalha. As tropas brasileiras conseguiram conquistar a cidade e adjacências com muitas baixas, inclusive vindo a falecer um soldado brasileiro de Itapetininga, que se chamava Sebastião Garcia.*

*Foram muitos os soldados aprisionados: 588 alemães, com grande quantidade de material bélico. O meu Batalhão, instalado entre os rios Parma e Enza, estava sempre em vigilância para barrar o acesso inimigo vindo da Ligúria. Muito movimento das tropas da Divisão Brasileira, preocupadas em não deixar a*



*Divisão dos alemães romper o fecho que estava sendo armado, talvez o último ataque. Se isso viesse a acontecer, seria a maior carnificina humana em território Italiano. Os alemães foram se concentrando em Fornovo e as tropas brasileiras foram engrossando suas linhas de frente em Parma, Firenze, Piacenze e ao sul do Vale do Rio Taro, com esta finalidade: ver o fim da guerra.*

***Nestas alturas o comando brasileiro já sabia que a Divisão inimiga que nos confrontava tratava-se da 148ª Divisão alemã, a mais poderosa divisão em território Italiano.***

*Todo esse deslocamento de tropas brasileiras a partir da tomada de Colecchio em 26 de Abril, não cessou os combates e sempre, quando recuavam de um setor, outro setor fortemente resistia, até que no dia 28 de Abril deu-se o fim.*

*A minha companhia não se confrontava com os alemães encurralados, devido à nossa missão de vigilância em flancos avançados em direção à estrada de Alexandria. A rendição foi negociada incondicionalmente no dia 28 para 29 de Abril, durante a noite e no dia 29, a tarde, tomamos caminhão, viajamos mais ou menos uns 70 quilômetros sem resistência alguma. Soldados alemães em grupos, sem comando e desarmados, à beira das estradas, com bandeiras brancas e assim eram feitos prisioneiros.*

### ***Dia 30 de Abril***

*No dia 30 de Abril a minha companhia recebe ordens de avanço para a cidade de Torino. E sempre com uma companhia de esquadrão de reconhecimento à frente e devagar, porque era grande o número de prisioneiros que já se achavam às margens da estrada Via Régio Emilia, com grande número de materiais bélicos, como canhões de longo alcance, tanques blindados, carros anti-tanques, os terríveis morteiros 80 e 120, metralhadoras como a poderosa Lurdinha anti-aérea e outras armas do forte Exército de Hitler. Estavam sendo amontoadas ao solo, como vencidos. Agora, de Alexandria para frente, até a cidade de Torino, em caminhões, era o Batalhão ao qual eu pertencia que fazia a perseguição aos últimos foragidos, inimigos que pretendiam passar para as terras Austríacas. A partir do dia 28 de Abril, quando foi*

*suspenso o fogo em algum setor entre os brasileiros e alemães, a tropa ficou em ampla expectativa para um ataque decisivo em cima dos alemães. Toda a frente da Divisão da F.E.B., inclusive a nossa aviação, só estava esperando a hora de atacar.*

***Mesmo que os alemães perdessem a batalha, como iriam realmente perder, a grande perda de vidas humanas de ambas as partes seria inevitável, mas graças a Deus, os alemães, vendo que estavam completamente cercados, sitiados, resolveram poupar tantas vidas preciosas, tratando a 148ª Divisão de Infantaria de render-se para as tropas Brasileiras.***



30 de Abril de 1945, subúrbio da cidade de Alexandria.  
Victório Nalesso em pé, recebendo água do companheiro.



## Capítulo XVI

**A surpresa: 600 prisioneiros.**  
O massacre. Os julgamentos primários. As execuções diárias. A proibição das Nações Unidas. O poder do exército norte-americano. O apoio dos italianos contrários ao fascismo. Os horrores praticados pelos nazistas. Os centros especializados em torturas. Victório Nalesso registrou tudo isso em seu diário.

## **Ainda dia 30**

*Ao entardecer do dia 30 de Abril entramos na cidade de Torino, com todo meu Batalhão fazendo uma busca tanto dentro da cidade como nos arredores. Meu grupo, em contato com os soldados italianos descobriu por intermédio dos mesmos, uma grande fábrica de tecidos com mais de 600 prisioneiros italianos da “ala” fascista, recolhidos nas salas ou acomodações da Fábrica e bem trancados. Homens e mulheres, que segundo os soldados ou “partizani”, na maioria eram especialistas em torturas. Faziam tudo quanto era tortura, até a castração ou mesmo a morte, sendo que a maioria desses especialistas eram mulheres. Eu e meus companheiros de grupo, 12 homens, repassamos todas as salas, lotadas de mulheres jovens e bonitas, como também homens de idade, com cabelos brancos. Todos com o semblante e moral abatidos.*

**Os 3 soldados partizani nos explicavam o barbarismo que os próprios conterrâneos cometiam e nos mostraram o grande pátio da fábrica, todo cavado, cheio de sepulturas. Gente que tinha sido enterrada, morta por colunas nazistas. Mas agora a coisa havia virado, já há alguns dias.**

*Então, em dado momento, um dos soldados falou: “é hora de massacrar” e saiu rapidamente, levando mais 2 soldados que em 5 minutos voltaram escoltando 6 pessoas, 3 homens e 3 mulheres. Eram presos passando perto de nós acompanhados por 6 soldados carabineiros, todos armados, em direção aos fundos do pátio, onde foram encostados junto ao muro: todas as 6 pessoas seriam fuziladas, de fato. Os 6 soldados carabinieri arredaram talvez uns 15 metros e, sob o comando de um sargento, acionaram as armas. Os sentenciados estenderam-se pelo chão e no mesmo instante mais 6 homens, também escoltados, chegaram e fizeram o sepultamento nos buracos que já estavam prontos. Tudo muito rápido, depois voltaram para suas celas. Todo esse movimento de nosso encontro dentro da fábrica não levou mais que uma hora. Durante a última cena, que foi o fuzilamento, já estava se pondo o sol, mais pra escuro e a estas alturas, nos*



*despertou mais curiosidade. Então perguntamos se eram todos os dias que se dava tal ocorrência. A resposta do sargento italiano foi esta: “Só não acontecia quando não dava tempo de fazer o julgamento”.*

***Mas houve muitos  
dias em que eram  
fuzilados 12 nazistas.***

*Até então já era noite. Fomos em busca de nossa unidade que já tinha se aquartelado pela primeira vez desde nossa chegada à Itália e assim que entramos no quartel que pertencia ao Exército Italiano e se achava completamente abandonado, fomos ter contato com nosso comandante de pelotão, Tenente João Nunes, e o cabo, que fazia parte de nosso grupo, em lugar de Sargento. Narramos tudo o que havíamos visto naquela tarde de 30 de Abril de 1945, sendo imediatamente comunicado o capitão comandante da Cia. e também o Major Comandante do Batalhão.*

*Depois de 3 horas, às 24 horas do dia 30 de Abril para 1º de Maio,*

***não mais houve pena  
de morte de espécie  
alguma. Quem mandava na  
Itália, em sentido militar,  
eram os vencedores da  
guerra, as Nações Unidas.***

*As autoridades Americanas eram as que mais tinham o poder de resolver os problemas provenientes da guerra. A Itália, que já estava subjugada como um país de ocupação, não poderia continuar com tais execuções sumárias como vinham fazendo, mesmo tendo a mais forte das razões. Esses militares Italianos eram homens, rapazes, voluntários que eram contra o regime Italiano implantado pelo Ditador Mussolini, o Fascismo. Com a entrada dos aliados na Itália, começaram a se formar pequenos grupos e dar auxílio, em todas as frentes, para Americanos, Ingleses e Brasileiros. Eles nos serviam e muito, principalmente para direcionar os caminhos nas regiões de combate e, à noite, para transportar refeições com muares para a linha de frente, aos soldados que ocupavam posições na montanha. Eles tinham*

*mais facilidade para captar notícias e informações sobre os alemães, junto a outros companheiros que estavam do lado oposto, do lado das tropas alemãs: eram chamados de partizani.*

*O militar Italiano que nos levou até a Fábrica que servia de prisão aos fanáticos do regime fascista era um sargento e não possuía uma das mãos, a direita.*

**Perguntado por mim o que tinha acontecido com sua mão, o mesmo respondeu: “fui preso pelos fascistas, os quais me disseram que iam me matar aos poucos, cortando todos os membros se eu não indicasse outras pessoas contra o regime fascista e de fato fui parar em um grande centro de atendimento aqui no centro da cidade.**

*Parecia um hospital com médicos, enfermeiras, mesas cirúrgicas, muitos homens e mulheres com todo o tipo de equipamento para fazer torturas. Foi lá que deceparam minha mão e então consegui fugir.*

**Todas as pessoas que diariamente por torturas passavam, eram conduzidas ao pátio da fábrica; cavavam a própria sepultura e eram fuzilados e enterrados lá. É por esta razão que essas pessoas que aqui estão presas hoje devem ser fuziladas. São todos criminosos e criminosas, culpados de muitas mortes e atos horrendos. Esses nazifascistas praticavam isso tudo a seus próprios conterrâneos”.**

**Dia 3 de Maio de 1945**

*No decorrer dos dias 28 de Abril até 02 de Maio, para nós brasileiros, só cheirava a fim de guerra, porque os inimigos, o grosso das tropas alemãs, tinham ficado para trás e sabíamos*



*que estavam completamente cercados. No trajeto de Alexandria até Torino não tivemos uma resistência sequer por parte dos alemães e também ficamos sabendo da rendição de uma Divisão de infantaria alemã. Meu Batalhão permaneceu 3 dias em Alexandria, fazendo cobertura de qualquer eventual ataque traiçoeiro por parte dos alemães, vindo do norte da Itália. Esta rendição se deu em Fornovo di Taro, entre os dias 28, 29 e 30 de Abril, próximo a região de Parma.*

*Ao amanhecer do dia 3 de maio, dia consagrado a Santa Cruz, mês de Maria Santíssima, a gente não esperava outra coisa se não a paz e não deu outra. Em boletim da linha de frente, rende-se o último homem da Divisão ao entregar-se o General alemão Comandante da 148ª divisão alemã. Trata-se da poderosa Divisão que mais lutou contra a Divisão Brasileira em terras Italianas.*

## Capítulo XVII

**A morte de Mussolini.** A desfragmentação do exército alemão. O comportamento das tropas brasileiras. Nalesso se impressionou com a violência da morte do ditador nazista italiano. Ele relata o que viu e o que ouviu.



*Com as últimas notícias, os comandantes das unidades não podiam deter todos seus subalternos dentro das unidades. Eu mesmo combinei com um companheiro e fizemos uma tocha para a cidade de Milão, junto com um Soldado Americano que conduzia um jipe e viajava sozinho, com o mesmo destino: Milão. Durante a viagem que durou duas horas mais ou menos, nada conversamos com o americano, porque nada se compreendia. Em Milão haviam muitos soldados de outros países aliados, como Canadenses, Americanos, Ingleses e Franceses que lutaram a Leste da Itália. Estive 3 dias somente em Milão! Por muito pouco não presenciei na praça Piazza Loreto, Benito Mussolini, Ditador da Itália, ser sacrificado, junto com sua amiga Clara Petacci e mais seis oficiais de confiança do seu Estado Maior. Foram fuzilados e pendurados de cabeça para baixo em praça pública, em um trilho que seria de Estrada de Ferro.*

**Quem determinou  
tais sentenças  
foram os próprios  
Italianos, o comando  
militar dos partizanis  
que eram contra o  
regime fascista de Mussolini.**



Mussolini é preso e executado em companhia de sua amante Clara Petacci e mais 6 oficiais de seu estado maior, em Milão.

*Se esses condenados fossem presos por soldados das nações aliadas, nem seriam condenados à morte. Nem Mussolini nem Hitler. Acontece que os partizanis era um Exército formado por conta própria, com homens de idade, rapazes, muitos jovens e soldados que fujam do próprio Exército italiano. Eles reuniam-se formando pequenos e grandes agrupamentos com seus comandos, também do próprio Exército, que se dividiu, formando uma grande força que muito veio nos contribuir.*

*A execução deu-se no dia 28 de Abril de 1945 às 17 horas e ficaram lá até às 16 horas do dia 29. Eu estive em Milão nos dias 4, 5 e 6 de Maio. Em toda a cidade havia muitas fotos. Os fotógrafos fizeram uma grana viva da triste cena, passagem histórica do fim de um Ditador Italiano. Eu tenho uma dessas fotos entre algumas coisas que eu trouxe de lá.*



## Capítulo XVIII

**O fim da luta.** A vitória das forças aliadas. Comemorações. Tempo de paz. Descontração. Passeios na Itália. Os órfãos de guerra.

*Assim que retornei para Torino, meu Batalhão estava de sobreaviso para outro deslocamento, que se deu no dia 15 de maio, para a cidade de Alexandria. Era um vilarejo no subúrbio da cidade, onde passava uma estrada asfaltada em direção à cidade de Parma, Bolonha e seguia para o Sul. Chegamos ao local do acampamento, terreno bastante plano. Todo o Regimento se portava nas imediações da cidade de Alexandria. Nossa vida, nosso teto, continuava sendo as barracas. Fazia muito calor, já em pleno mês de maio, verão. Diversas ruas formavam o acampamento em terra vermelha e solta. Cidade grande e boa. Um excelente rio, de bom tamanho, com água muito limpa, passava bem próximo ao acampamento. Muitas mulheres bonitas vinham de outras cidades e ficavam por perto, à procura de brasileiros. Tomavam banho no rio. Era fácil a locomoção, porém, o que incomodava era a poeira em demasia, mas nós brasileiros já estávamos acostumados e tínhamos água em abundância para tomar banho.*

### **Desfile da Vitória**

**No dia 20 de Maio de 1945**

*Não lembro bem quantos dias fiquei em Alexandria, mas não passou de 25 dias. Deu para conhecer a falada cidade portuária de Genova, onde passei 4 dias passeando com mais um companheiro. Só voltamos quando acabaram-se as liras. E no dia 20 de maio foi comemorada a vitória das Nações Unidas sobre os países do Eixo, Alemanha e Itália, na Europa. Ainda faltava derrubar o Japão.*

***Essa comemoração foi a mais bela  
passagem que presenciei com  
alegria na minha vida como militar.***

*Cerimônia essa que ficou gravada em meu coração e com certeza no coração de todos os brasileiros e italianos que vinham sofrendo há 6 anos sob o jugo alemão nazista e do próprio jugo Italiano fascista.*

*Dia 20 de maio o meu regimento, o 11º R.I., às 8 horas, entrou em forma. Todos garbosos e sorridentes, bem equipados e uniformizados. Como era perto da cidade, cada Batalhão rumou para o centro, onde existem duas grandes praças ladeadas com grandes avenidas, duas grandes praças seguidas. Foi ao redor*



dessas praças que o regimento realizou pequeno desfile, mas como uma grande parada, com a Bandeira Brasileira tremulando nas avenidas italianas. Recordo ainda até os nomes das citadas praças: praça Dalmario e praça Giardini. Grande era o número de Italianos, autoridades civis e militares, soldados brasileiros. Foi o dia em que ficamos mais satisfeitos ainda, por que o comandante do regimento, Cel. Delmiro Pereira de Andrade, em seu discurso à sua tropa, deu a notícia que brevemente, no início da 1ª quinzena do mês de junho, iniciaria o primeiro embarque de tropas brasileiras em retorno, coisa que realmente só aconteceu no mês de julho.



Lira - Dinheiro de ocupação, usado durante o domínio das forças aliadas na Itália.

*Pois bem, terminadas as festividades da Vitória, voltamos para o nosso acampamento. Lá ficamos sabendo que no dia seguinte, 21 de maio, haveria também uma missa campal promovida e coordenada por autoridades religiosas, padres católicos brasileiros e italianos. Todos os preparativos dessa grande cerimônia religiosa ficaram por conta da comunidade religiosa Italiana. Lembro-me ainda que após a missa centenas de meninos e meninas traziam buquês de flores brancas. Em ordem, as mesmas faziam entregas dessas flores aos soldados Brasileiros debaixo de músicas e hinos executadas por um Coral de muitas vozes.*

**A emoção foi tão  
forte, que chorei no  
momento em que uma  
menina entregou-me o  
buquê de flores e me abraçou.**

*Depois que acabou a guerra, em diversas cidades que estive, como Bolonha, Firense, Nápoles, Genova, Torino e mesmo em Roma, onde cheguei a conhecer diversas catedrais, pois estive lá durante 25 dias, não presenciei uma cerimônia tão brilhante, tão viva, com tantas moças e rapazes adolescentes que compunham o citado coral que cantou brilhantemente durante a cerimônia da missa. Era tão emocionante aquele conjunto de vozes, que não dava, francamente, para acreditar que a Itália estava completamente arrasada e vencida por uma guerra de 6 anos.*

*Neste dia 21 de maio de 1945 esse povo católico, religiosos amantes de Deus, mostravam e davam testemunhos em pleno ar livre, que sua fé jamais seria vencida.*

**Esta cerimônia foi  
realizada em um  
campo de futebol, junto  
à cidade de Alexandria,  
o qual ficou repleto de  
soldados Brasileiros, mães  
viúvas e muitas crianças órfãs  
de pais que foram para as frentes  
de combate e não mais voltaram.**



*Depois que terminou a missa, muitos abraços entre soldados Brasileiros e as moças Italianas. As mulheres viúvas nós abraçávamos muito forte e chorávamos, como se fosse o encontro do marido, o retorno do esposo que um dia foi para os campos de Batalha e deixou a esposa e seus filhos.*

***Passagem inesquecível  
foi ver essas mulheres  
tão jovens, algumas  
com um, outras dois  
ou três filhos, todos  
pequenos. Olhavam  
para a gente, abraçavam-nos  
e choravam. As crianças também,  
grande parte deixada com  
menos de um ano de idade,  
e então já tinham entre 3 e 6 anos.***

## Capítulo XIX

**Os últimos dias na Itália.** O comportamento da tropa. Os deslizes dos soldados brasileiros. O oferecimento das moças italianas. O fervor religioso de Nalesso não admitia certos comportamentos e ele registrou isso.



## **Dia 30 de maio - Alegria e Frustração**

No dia 29 de Maio, ordem para que toda a tropa, ao amanhecer do dia 30, às 7 horas, estivesse com suas barracas desarmadas e prontas. Assim que tomassem o café, o rancho da manhã, os soldados deveriam ir tomando o caminhão de transportes de tropa com destino a Nápoles, segundo as notícias de quartel.

**Nós, todos contentes,  
porque movimentávamo-nos  
para o retorno à nossa terra querida  
em breve. Todos gritavam em altos  
brados: “vem rolando Brasil!”  
E esse grito propagava-se por longo  
espaço de tempo, por toda a tropa.**

Aconteceu que o regimento acabou dividindo-se em diversos grupos para o deslocamento. Parte de caminhão, parte por via férrea e outra de navio.

Em Alexandria estava tudo muito bem para o meu regimento até que, na leitura do Boletim Regimental, recebemos ordem para que nenhum soldado se ausentasse do acampamento, por motivo de deslocamento de soldados Brasileiros, de Alexandria para Francolise. Metade foi por via férrea e de caminhão, indo até Bolonha, onde tomávamos o trem até Francolise, que fica perto de Nápoles. A outra metade embarcou no porto de Genova e foi por via marítima até Nápoles, para um outro setor. Isto aconteceu no dia 30 de maio de 1945.

**“Adeus Alexandria  
para nunca mais!”  
era a saudação  
dos Brasileiros.**

Nós Brasileiros, íamos permanecer aguardando nossa vez em um acantonamento. Já estávamos cansados, entojados de viver em barracas, buracos ou trincheiras; quando não era pó, era umidade e barro. Quando estivemos no Rio de Janeiro aguardando embarque para a Itália, já partimos para o acantonamento conforme narração anterior; para alguns a permanência foi de 6 meses, para outros, 4 ou 3 meses.

*Meu Regimento embarcou em 20 de Setembro de 1944 no Rio de Janeiro. Desembarcamos na Itália, em Livorno, no dia 7 de Outubro de 1944 e só retornei em 19 de Setembro de 1945.*

***Estive quase 1 ano fora do  
Brasil e só gozei de tranquilidade,  
dormindo sossegado, os 25 dias  
em que estive em Roma, quando  
havia terminado a guerra, com todas  
as despesas por conta do Exército.***

*Não era bem um hotel, mas sim grandes dependências pertencentes ao governo Italiano, onde se fazia recepções e festas de gala. Este local ficou algum tempo sob o domínio dos Americanos, com a Vitória dos aliados.*

*Eu estive pouco tempo no Exército, mas havia muitos soldados que já estavam com 2, 3 e 4 anos de caserna. Desde quando estivemos no Rio de Janeiro e mais o tempo em que estivemos em campanha na Itália, não permanecemos um dia em quartel. Ficávamos em estacionamentos, barracas, em acantonamentos, barracões de madeira no Rio de Janeiro antes de irmos para a Itália, e mesmo depois que voltamos: a maioria dos soldados se queixava que há mais de 2 anos não sabia o que era dormir dentro de uma casa, longe do perigo de bomba!*

***Em Francolise, última parada***

***E não é prá ter saudade  
da casa da gente, por mais  
humilde que seja? Com 7 ou 8  
meses de campanha, granadas de  
morteiros toda hora, todo dia e noite,  
rajadas de metralhadora, explosões de  
pesadas bombas de canhão e muito mais?***

*O acampamento em Francolise era localizado em uma planície à beira de uma estrada asfaltada de muito movimento, com carros de diversas nações aliadas que lutaram em território Italiano: dava acesso para Roma e o Norte da Itália, a 35 quilômetros de Nápoles, local escolhido para os últimos 90 dias sombrios da F.E.B. na Itália.*



*A estação em que desembarcamos em 31 de maio de 1945, chama-se Sparanise, estação férrea a 2 quilômetros de Francolise. Francolise não deixa de ter seu encanto. É uma dessas visões do passado. Lugar onde o tempo parou. Um castelo em ruínas, uma igreja velha, que por fora era só limo esverdeado e por dentro toda môfo, uma dúzia de casas velhíssimas. Contava-nos o velho encarquilhado pároco, que o castelo e a igreja foram construídos no Século XII, com pedras tiradas das ruínas da Suntuosa Vila Romana, em Roma. Ali não existia nada, a não ser grupos de velhos casarões cá ou acolá. A cidade mais próxima era Nápoles, a uns 35 quilômetros mais ou menos.*

*Francolise era um local de grande planície, com muita cultura de uvas, trigo e outros cereais. Grandes áreas de terras foram invadidas para o estacionamento da tropa Brasileira, que aguardaria ali em Francolise o restante dos dias amargos à espera do regresso para o Brasil. Assim que embarcamos em Bolonha começou o sofrimento de nós brasileiros: era um especial militar ferroviário que viajou a noite toda, muito lentamente.*

***Não tinha nada nas  
estações para comer e  
levamos o pouco que cada  
soldado possuía, nada mais restava.***

*Aquelas rações em caixas, fartas rações saborosas, não mais estavam sendo fornecidas. Não recordo com exatidão, mas foram mais de 12 horas de viagem sem comer nada. Desembarcamos em uma estação distante 2 quilômetros do estacionamento de Francolise. Fomos a pé, assim que chegamos ao local, que já estava preparado. Foi só armar as barracas e esperar o rancho. O acampamento era grande, para mais de 7.000 homens, com iluminação bastante precária e água racionada para o banho. Primavera já no final, o verão era escaldante, com longas horas de sol. O pó que levantava o dia todo devido ao trânsito de caminhões, atingia todo o acampamento. As barracas não chegavam a refrescar durante a noite, que era curta. O uniforme só era usado quando em serviço, fora disto era o calção que o soldado lavava todos os dias e enxugava no próprio corpo.*

*Em todo lugar que os Brasileiros permaneciam ganhavam grandes elogios da população Italiana devido ao seu comportamento, religiosidade e comunicação em geral com os*

*civis. Mas depois de 30 dias, mais ou menos, de estágio em Francolise, já nos sentíamos como num campo de prisioneiros. Abandonados, sem serviço, sem viaturas para passear e sem esperança de um breve embarque.*

*Sem igreja na vila, a não ser uma velha capela abandonada e um padre muito velho, que todos os dias, marcando seus passos de manhã, rezava a missa, era pequeno o número de civis, mais mulheres e crianças e um pequeno número de soldados brasileiros mais chegados ao catolicismo e não eram dados a tochas. Outros, já enumerados, carregados de traumas dos tempos de campanha, não eram chegados ao barulho, passeios, ou outras diversões: não saíam do acampamento e só falavam no embarque para o retorno ao Brasil. Mas a maioria dos soldados do 11º R.I. de Minas Gerais esqueceram das confissões e comunhões que fizeram antes da vinda para Francolise.*

**Quando ficaram sabendo  
que seu regimento e o  
4º escalão só embarcaria de  
volta ao Brasil após 90 dias,  
em setembro, veja o que  
aconteceu: ao redor do  
acampamento, 40 por cento  
eram mulheres da vida que  
vinham em busca da  
sobrevivência, oriundas das  
mais variadas cidades da Itália.**

*Moças novas e bonitas, algumas das quais eram acompanhadas pelo próprio pai; outras tantas faziam como os nossos ciganos: armavam barracas ao redor do acampamento militar para dormir com o soldado; só não entravam dentro do acampamento porque não era permitido.*

**Essas mulheres arrecadavam  
pouco dinheiro, mas passavam  
bem no alimentar, porque  
nossa refeição era farta,  
boa, com bastante carne  
bovina e comia-se à vontade.**



*A sobra sempre era repartida com as crianças, que eram em pequeno número devido Francolise ser um lugarejo pequeno e distante de cidades grandes. Com isto, os soldados pegavam outra refeição e levavam para as mulheres que ficavam na expectativa do pernoite amoroso, onde as mesmas não só recebiam a refeição, como cigarro da melhor marca, doces, gomas de mascar, café, bolachas, chocolates, etc. A sobra em fartura que existia nesse acampamento dava-se pela ausência dos soldados que se achavam em Roma passeando com as devidas licenças de sua Organização Militar durante 15, 20 ou 30 dias. Outros diariamente saíam, com permissões de sua unidade, de modo que, no acampamento, diariamente, incluindo os que saíam por conta, ou segundo nossa gíria, fazendo suas tochas, só ficavam no Regimento 60 por cento.*

*O que veio a acontecer: a cidade de Nápoles, que ficava mais perto de Francolise, ficou tomada de soldados brasileiros nos locais de diversões como cinemas, teatros, clubes, bares, lanchonetes e outras, como casas de prostituição. Resultado: o pau quebrava solto em todos os lugares devido ao abuso de álcool, obrigando as autoridades Italianas a fazerem uma reclamação junto ao Comando da (D.I.E.) Divisão de Infantaria Expedicionária.*

***Neste local solitário  
os pracinhas de  
Francolise perderam  
sua humildade e  
religiosidade. Não  
mais confessavam nem  
comungavam como antes,  
no tempo de campanha.***

*Antes eles praticavam sua devoção. Até os próprios Italianos elogiavam o comportamento dos brasileiros em todos os lugares por onde passaram. Eu fiquei sabendo, conversando com diversos soldados, que durante esses 3 meses que ficamos em Francolise os soldados brasileiros fizeram suas tochas até na Rússia e na França, imagine então: nas cidades da Itália era fichinha. Nosso Regimento não tinha mais veículos, carroto, caminhões para transportes de tropas, mas tinha os Americanos, que não negavam carona, tinha as ferrovias, que estavam sendo rapidamente reconstruídas e até mesmo a condução de Italianos.*

### ***Dia 30 de Agosto – 1945***

*Os 90 dias de angústia e solidão desses 7.000 homens, entre o 11º R.I. e o 9º Batalhão de Engenharia, chegava ao fim.*

*Na manhã do dia 30 de Agosto de 1945, ordem para que ninguém se ausentasse de suas unidades à espera, em prontidão, para nova ordem de deslocamento para o embarque. Ninguém mais se afastou de sua unidade; os que estivessem ausentes e não chegassem até o dia do embarque, aguardariam o último escalão em um navio pequeno e em outro dia.*



26 de Julho de 1945, esta foto foi tirada no 3º andar da Basílica de São Pedro, em Roma, onde Victório Nalesso esteve, após a guerra.





10 de Agosto de 1945. Victório durante visita ao papa Pio XII, no Vaticano.



*Roma - Basílica de S. Pedro*

Roma - Basílica de São Pedro



12 de agosto de 1945, fachada da Basílica de São Pedro. Victório, Duilo e Alcindo.



## Capítulo XX

**A volta para o Brasil.** A viagem de navio. A passagem sem medo pelo estreito de Gibraltar. O desfile em Portugal, que provocou controvérsias. O desembarque no Brasil. A festiva recepção. O desfile na Av. Rio Branco, os vivas da população e até o desagradabilíssimo furto de pertences dos pracinhas. Nalessa emociona-se com a recepção no Rio de Janeiro e conta detalhadamente como foi o retorno à Vila Militar e os elogios dos comandantes do Exército.

### **Dia 3 de Setembro**

*Às 6 horas fomos despertados pelo toque da corneta. Alvorada antecipada. Em forma toda a tropa, ordem para que na medida que fossem tomando seu café, pegassem sua mochila, o saco “A” e se dirigissem aos caminhões, embarcando com destino ao cais do porto de Nápoles. Recordo-me que minha companhia embarcou às 7 horas nos caminhões e às 8 horas já estávamos na plataforma do porto. Já havia iniciado o embarque, no mesmo grande navio que nos tinha transportado do Brasil para Itália.*

**Quando recebemos a  
notícia de deixar o  
estacionamento,  
meu Deus do Céu,  
toda a tropa gritava:  
“vem rolando Brasil!”,  
e “adeus Itália!”, aos gritos  
e mais gritos, com grande  
alegria, enquanto a mulherada  
italiana chorava pelas despedidas,  
abraçavam os brasileiros e diziam:  
“arrivederte, soldatis brasiliani. Adiu!”.**

### **Embarque para o Brasil**

*O navio General Meighs, que tinha se afastado da plataforma na noite do dia 3 para o dia 4 de Setembro, deixou o porto de Nápoles às 6 horas do dia 4 de Setembro, rumo ao Brasil.*

### **Dia 4 de Setembro de 1945, Retorno ao Brasil**

*Devido ao bom tempo, a boa organização do deslocamento e a correta organização para desembarque no cais, o embarque no grande transporte foi rápido para a tropa do 11º R.I., inclusive para o 9º Batalhão de Engenharia de Campo Grande, Mato Grosso, que embarcou no navio Brasileiro Don Pedro II.*

*Às 18:00 horas do dia 3 de Setembro de 1945 terminou o embarque de retorno ao Brasil. E deu sua partida. O grande navio de transporte de tropas da 2ª guerra mundial era o navio Americano*



*General Meighs, com capacidade para 5.500 homens, mais sua tripulação, que devia ser superior a 600 homens. Eram exatamente 6 horas da manhã do dia 4. O navio já se achava bastante distanciado da plataforma. Foi movimentando e com um grande apito foi deixando a Itália, apito esse que encheu de alegria os corações dos brasileiros que se achavam no convés e diziam: “Adeus Itália, vem rolando Brasil querido” e cantavam o Hino Nacional, modas caipiras, marchas carnavalescas e também hinos católicos. Como era o mesmo navio que um ano atrás nos conduziu do Brasil para a Itália, procedeu a mesma manobra, com esse apito grave e longo; só que houve uma diferença grande e marcante para todos os soldados que deixaram o Brasil, família e amigos: desta vez não mais carregávamos a dúvida: “Será que voltarei?”.*

**Aproximadamente 500 homens  
não voltaram e 3 mil ficaram mutilados  
na guerra, alguns sem membro algum.**

*Afinal, o esperado momento chegou: dia 4 de Setembro de 1945, dia sereno do verão Italiano. Os brasileiros, no grande transporte, cada vez mais se distanciavam das terras Italianas. Por último, da falada Sicília. Todos queriam era ver a passagem do estreito de Gibraltar, com suas águas sempre agitadas dividindo os dois continentes, Africano e Europeu. Uma coincidência muito interessante que eu notei foi que meu regimento viajou no mesmo navio, ida e volta e passou pelo estreito de Gibraltar no mesmo horário; porém, sem as muitas preocupações, medos e preparação para qualquer ataque, tanto aéreo como marítimo, por ser ali a única passagem para entrar no mar Mediterrâneo e chegar à Itália.*

**Era nas imediações de Gibraltar  
que os alemães e Italianos  
comandavam seus poderosos  
submarinos, porta aviões e a base Aérea  
em território Africano dominado pelo Eixo.**

*Agora, foi a passagem de regresso com alegria, com hinos de louvor a Deus e outras cantorias. Toques de sanfona, gaitas e pandeiros. Os medos e o terror da guerra ficaram todos na Itália, enterrados para nunca mais voltar, pelo menos no século XX.*



*Assim que passamos o estreito, o grande transporte, na tarde do dia 4 foi se aproximando de Portugal, até que chegou ao porto da Capital, Lisboa, mas bastante distanciado das plataformas de embarque.*

*O navio brasileiro Dom Pedro II, que conduzia o 9º Batalhão de Engenharia e parte do pessoal do Depósito, encostou nas plataformas. Foi o momento em que ficamos sabendo que todos os pracinhas que viajavam nesse navio brasileiro, iriam fazer um desfile na capital de Portugal.*

*Não fiquei sabendo se de fato foi toda a Unidade embarcada no navio Dom Pedro II, que fez o desfile; só sei que os que estavam no nosso navio, mais de 5.000 homens, “pegaram corda”, ficaram bravos. Achavam que quem merecia estar nesse desfile eram os que estiveram em combate e não o pessoal do depósito, que nem passou por terras onde houveram combates. Mas nós, do grande navio, estávamos errados: imagine a dificuldade de desembarcar, diria, 1.000 homens, e depois do desfile acertar novamente o embarque. Estavam certos os comandantes em mover somente o pessoal do pequeno transporte: mais fácil seria a locomoção do navio, com o desembarque e embarque de no máximo 1.300 homens.*

***Mas o mais duro mesmo  
foi agüentar parado a noite  
toda, do dia 4 para o dia 5,  
esperando os heróis desfilarem nas  
avenidas de Lisboa, capital de Portugal.***

*Tivemos a sorte de que às 8 horas da tarde do dia 5 de Setembro os vitoriosos brasileiros já tinham retornado do grande festejo que foi oferecido pelas autoridades e a população de Portugal, que após o desfile, ofereceram almoço, com música, corais e danças portuguesas em homenagem aos brasileiros. Retornaram ao porto e fizeram novo embarque sempre aplaudidos.*

*Quando o grande transporte movimentou-se para reiniciar a viagem, novo apito longo se repetiu e a alegria do 11º R.I. voltou a reinar em todos os compartimentos do navio.*

*Eram mais ou menos 22 horas do dia 5 de Setembro de 1945. Não haveria mais parada, a não ser na Baía de Guanabara.*



## **Dia 5 de Setembro de 1945. Viagem de retorno**

*Desta vez demos um Adeus a Portugal mas não tivemos o prazer de pisar em seu solo, referindo-me aos pracinhas do 11º R.I. de Minas Gerais, mas felizmente ocorreu uma viagem maravilhosa, sem preocupação com guerra. Todos alegres, contentes, costurando, fazendo bolsos nas cuecas para guardar o dinheiro que iríamos receber após o desembarque no Rio. Todos sabiam o saldo direitinho que tinham a receber em Réis – Quinhentos mil Réis – Um milhão de Réis ou, como era mais conhecido, um conto de Réis. Os soldados que não gostavam de passear e não gostavam de fazer tochas, não gastavam nada. Comiam no rancho, que era boa a refeição. Não saiam para procurar diversão alguma e não eram gastadores. Esses soldados possuíam todos seus vencimentos que receberam na Itália e mais outra parte de igual valor que receberiam da tesouraria do Exército no momento do desembarque e do licenciamento.*

*Pois bem, volto ao desembarque: assim que entramos na Baía da Guanabara, mais ou menos às 10 horas da manhã do dia 19 de Setembro, o grande transporte avançava muito devagar e com grandes recepções.*

***Dezenas de barcas lotadas de gente, com gritarias, fogos, bandeiras, recebiam o navio, que muito lentamente e com o convés lotadíssimo de soldados, demorou 2 horas para chegar e encostar nas plataformas de desembarque.***

*Às 12 horas começou o desembarque. Em coluna de um, sem alteração e com muita rapidez, os soldados, um pouco travados das pernas, carregando a mochila e o saco “A” com roupas, desciam as escadas do navio, que era comprida e davam com uma prancha de madeira que fazia a ligação, de uns 5 metros, entre as escadarias do navio e a plataforma fixa do porto.*

*Os soldados não fizeram barulho durante o desembarque, até parecia que estavam nervosos, ou então muito emocionados.*

*A maioria, assim que pisava em solo brasileiro, beijava o chão com lágrimas nos olhos. Para nós, pracinhas, parecia que o*

*que estava acontecendo não era uma verdade. Lembramos os tempos de batalhas durante 8 meses, dia e noite de rastejar pelo chão minado, úmido, lamacento, no gelo ou chuva fria e quando tudo isso passou, ainda veio a poeira e as bombas da artilharia alemã. Eu quero dizer com isto, que quando se deu o desembarque, nosso comportamento não era o mesmo de antes de ir para Itália. Era muito diferente, até no comportamento militar de cada um. Assim que terminaram de descer, todos os pracinhas foram servidos com um bom café puro brasileiro, passado na hora. Em diversas mesas e com muitas moças bonitas especialistas na arte de fazer café.*

*A ordem, a disciplina foi tão boa, que às 16 horas terminou, encerrou aquela agonia de cada soldado querer pisar em solo brasileiro. A grande plataforma marítima estava repleta de soldados. Não se via um civil, a não ser fora do recinto portuário.*

## **Desfile**

*O saco de roupa “A” foi deixado na plataforma. Os caminhões do Exército é que fizeram o transporte para a vila militar, pois o regimento todo iria fazer o grande desfile da vitória na avenida Rio Branco. Meu Deus do céu, quanta gente nos esperava! O regimento entrou rápido em forma para o desfile.*

**Assim que o desfile começou, sob  
a cadência das marchas militares,  
durante todo o percurso do  
desfile na avenida Rio Branco  
caíram, de todos os prédios,  
serpentinhas e papéis  
picados em grande quantidade.**

*As ruas super-lotadas de gente, com bandeiras e gritos, o povo ia saudando, com vivas, os vitoriosos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira. Aos poucos a população ia invadindo a corrente de isolamento, principalmente as mulheres: moças desfilavam abraçadas com os pracinhas até o término, isto é, até as proximidades da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil. Foi um momento de festa e muita festa!*

*O desfile do grande Regimento de São João Del Rei, de Minas Gerais, o 11º R.I., que acolheu soldados de todo o Brasil e*



*que lutaram juntos, tornando-os irmãos de farda, irmãos de trincheiras e, para sempre, irmãos de guerra da 2ª Guerra Mundial. Acabou o desfile nas dependências da estação Central do Brasil. Mesmo em meio aos aplausos da multidão, a tropa foi embarcando nos carros especiais do subúrbio da Central do Brasil com destino já bastante conhecido: a Vila Militar.*

*Durante o transporte dos sacos “A” e “B” com as roupas dos pracinhas, feito pelos caminhões e soldados do Exército, praticaram o maior escândalo a esses irmãos de farda que voltaram da guerra: meteram a faca nos sacos e roubaram muitos objetos comprados na Itália, peças de roupa do fardamento Americano e muitos outros artigos de valor.*

***Roubaram-me mantas, uma blusa,  
uma jaquetam e meu capacete.  
Peças que eu poderia trazer para casa.***

*Assim fizeram para muitos. O soldado era chamado pelo número do seu registro na Unidade e respondia pelo nome de guerra.*

### ***Na vila militar de retorno***

*O desfile teve início às 16 horas do dia 19 de Setembro de 1945 e deu-se por encerrado às 17 horas. Às 18 horas o Regimento todo se achava na antiga morada, nos barracões de tábua e chão poeirento. Na medida que cada soldado chegava, tomava sua cama beliche e recebia ordem para devolver todo o material do Exército, como a mochila completa, cinto de guarnição, capacete e marmitas. Nessa altura possuíamos 2 sacos de roupa: o saco “A” com roupas mais necessárias, mesmo nos campos de Batalha, e o saco “B”. Este ficava sempre na retaguarda, com roupas que pouco ou nada se usava no tempo da guerra: eram roupas de passeio. Só nos encontramos com o tal saco “B” depois que terminou a guerra, já na Vila Militar, mas então não precisávamos mais de 2 sacos, um só dava para guardar toda a roupa, que era pouca.*

***Preste bem atenção  
no que escrevi meu querido leitor.***

*Assim que a companhia recebeu de cada soldado os pertences ou o material exigido, o capitão-comandante da Cia. e*

*os tenentes-comandantes de pelotões, mais um subtenente: com uma mala contendo o pagamento dos soldados da companhia o mesmo estava acontecendo com outras companhias. Deu-se o início do pagamento chamando pelo número e o soldado confirmava pelo nome de guerra. Com esse único ato de pagamento, feito pelo subtenente e presenciado pelos superiores da companhia, todos os soldados receberam. Foi quando o capitão-comandante, juntamente com os tenentes-comandantes de cada pelotão, dentro do alojamento e antes de avançar para o rancho, fez sua despedida, a última despedida, com grandes elogios aos seus comandados que lutaram com heroísmo e coragem. Capitão Hércio Alvim era seu nome. Chegou a dizer que sentia-se orgulhoso porque nunca precisou punir um soldado de sua companhia durante os 18 meses que a comandou, mais de 11 meses na Itália. Ele disse mais ainda: que se sentia seguro no comando, por mais difícil que fosse, nas patrulhas e nos ataques. Seus comandados não se amedrontavam com os fogos inimigos, com as rajadas de metralhadoras, com os constantes bombardeios dos terríveis morteiros alemães, com os canhões-tanques, canhões de grosso calibre e de grande alcance.*

***Foi muito comovente esta  
separação entre comandados  
e comandantes, principalmente  
em tempos de guerra, porque  
o soldado, quando recebe o  
respeito de seus superiores,  
sente-se valorizado, como  
também valoriza e se dá ao respeito.***

*O capitão Hércio Alvim destacou sua companhia, a 3ª companhia, que era sua colocação dentro do 1º Batalhão do 11º R.I., com esta observação: “dentro dos campos de Batalha e quanto à disciplina, foi considerada a primeira do Batalhão”.*

*Foi neste momento muito triste que o encontro começou a diminuir e a desaparecerem os colegas e irmãos de guerra. Mas ainda fomos para o rancho, já passadas as 18 horas: primeira refeição no Brasil depois da guerra.*



## Capítulo XXII

Os primeiros dias após o retorno ao Brasil. O certificado militar confirmando a participação do pracinha na guerra. Os problemas causados pela má confecção desse documento. A visita à madrinha de Victório Nalesso no Rio de Janeiro e a entrega de uma importante recordação. A fuga do hospital militar e os passeios conhecendo os pontos turísticos do Rio de Janeiro. E finalmente a viagem de volta à São Paulo. Tudo contado com minúcias, como é de hábito do pracinha Nalesso.

## **Ainda dia 19 de Setembro**

*Eram 18:30h quando fomos para o rancho nos acampamentos de Vila Militar. Uma coisa importante estava me passando sem anotar neste relatório: no momento do pagamento aos pracinhas foi também fornecido o certificado militar, com os seguintes dados:*

**Ministério da Guerra – Força Expedicionária Brasileira – Certificado de Reservista de 1ª Categoria (depois – filiação – data de nascimento – estado e cidade, outros dizeres). Teatro de Operações da Itália, onde consta o período de Campanha durante a guerra e tempo de permanência após a guerra, na Itália e o dia do licenciamento, que foi no dia em que chegamos ao Brasil.**

*Olha só que capricho, para nós – pracinhas, da gloriosa Força Expedicionária Brasileira – que demos nosso sangue em defesa de nossa pátria! Esses certificados foram feitos na Itália, mas nós só ficamos sabendo na hora em que estávamos recebendo. Infelizmente, grande parte desses certificados estavam errados, principalmente o nome; na maioria faltavam letras, o que veio a causar atrasos e transtornos nos processos, quando foi solicitada a pensão militar.*

## **Dia 20 de Setembro de 1945**

*Quem era do estado do Rio de Janeiro, não ficou no quartel. Os mineiros, mesmo sem comando em seu Regimento, permaneceram unidos à espera de condução para suas casas, seu estado. Os soldados que eram do Sul e também os que pertenciam ao 11º R.I. de Minas Gerais, permaneciam unidos à espera de urgentes providências solicitadas todos os dias. Eram os pracinhas do 3º Exército: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os paulistas não esperaram por nada, viajaram no peito. A passagem era esta: não viemos, nos trouxeram, agora voltamos.*

*Eu, como tinha uma madrinha de guerra no Rio de Janeiro, fui procurá-la na Rua do Riachuelo – não distante da Estação Central do Brasil. Encontrei e fui recebido – e muito bem – por ela e seus familiares: pai, mãe, irmão e irmã.*



***Fiz a entrega da maior recordação que eu poderia dar, que era a benção do Papa Pio XII, em papel pergaminho, com o nome da madrinha e seus progenitores.***

*Ela se chama Juliana Ribeiro da Costa e me escrevia quinzenalmente. Solicitou-me duas fotografias, que eu só consegui encaminhar depois que acabou a guerra. Assim que terminaram os momentos de emoção, passei mais de duas horas em palestras. Já era tarde, 10 horas da noite e sentia-me cansado. Voltei para o acantonamento, mas combinei de retornar, porque o irmão da Juliana fazia questão que eu ficasse conhecendo um pouco dos pontos principais do Rio de Janeiro.*

*Madrinhas de guerra eram pessoas que sempre de livre e espontânea vontade, de preferência solteiras, quizeram comprometer-se junto ao serviço da L.B.A. (Legião Brasileira de Assistência) e adotaram um soldado que estava no Teatro de Operações na Itália, ficando como intermediária entre o soldado e sua família, sempre com pleno conhecimento e autorização do próprio soldado. Uma vez madrinha, e de posse da citada autorização, tinha por obrigação da L.B.A. saber onde morava a família do soldado e encaminhar todas as cartas e correspondências de ambas as partes, por mais difícil que fosse chegar até sua residência. Em caso de morte, essa madrinha seria a primeira a saber aqui no Brasil, por intermédio da L.B.A., cabendo a ela comunicar os familiares do soldado e providenciar todos os direitos do falecido junto à família e ao Exército, tais como vencimentos, pensão à família, etc. Eu fiquei sabendo que no mínimo 10% dos soldados da F.E.B. não sabiam escrever, pelo motivo da maioria ser da zona rural, ou então, muito mal o nome escreviam e neste ponto de vista foi realmente muito importante a existência da madrinha de guerra.*



Juliana Ribeiro da Costa,  
Madrinha de Guerra de Victório Nalesso.

## **Dia 21 de Setembro de 1945**

*Eu aproveitei a oportunidade proporcionada por minha madrinha de guerra e as facilidades que ela tinha para que eu passasse por uma junta médica da L.B.A. (Legião Brasileira de Assistência). Foi muito fácil, passei por essa junta médica, fui encaminhado a um Hospital Militar para ser internado. Fui cedo, lá não tinha nenhum conhecido, mas tinha sim muitos ex-combatentes que estiveram na Itália e muitos deles atrapalhados da idéia. Muito barulho. Ali passei o dia. Almocei, jantei e como não tinha levado nada, às 7 horas da tarde dei no pé. Adeus hospital! Voltei para a Vila Militar com meus companheiros.*

*Todos os dias chegava na casa da madrinha ainda cedo e com um dos irmãos dela saía para passear. Cada dia em um lugar, até chegar o dia de deixar os barracões de tábuas da Vila Militar. Fiquei conhecendo Niterói, aonde fui várias vezes, Ilha Paqueta e diversas praias, campos de futebol, estações de rádio, diversos clubes, o Pão de Açúcar, o Cristo Redentor e muitas outras atrações.*

*Dia 5 de Outubro saí cedo do acantonamento e como já esperava pelos passes prometidos, levei meus pertences para a casa da madrinha, que não ficava muito distante da Estação Férrea, onde seria meu embarque. Passei o dia visitando e despedindo-me de diversos conhecidos, parentes e amigos do irmão de minha madrinha, que se chamava Orlando Ribeiro da Costa, com quem muito passeei, conhecendo assim um pouco do Rio de Janeiro.*



Cartão Postal enviado a Victório Nalesso por sua Madrinha Juliana Ribeiro da Costa.



**Nesse dia, como sempre, fui chegando ao alojamento, mas notei que ninguém estava dormindo, assim que entrei, vieram ao meu encontro e me abraçaram dizendo: “amanhã vamos deixar o Solitário Capistrano; as passagens já estão com o sargento Caturano”.**

*Nova alegria veio reinar no ambiente para quem era do Sul. Essa noite pouco descansamos. Dia 6 fomos para o rancho do café às 7 horas da manhã e ninguém mais se ausentou. Às 11 horas fomos para o rancho do almoço e o assunto era tomar o trem que partiria às 20 horas com destino a São Paulo. Depois do almoço eu fui, à frente de meus companheiros, despedir de minha madrinha e apanhar as malas de roupa que se achavam em sua casa, tendo muito tempo para conversar e até mesmo jantar. Às 19 horas fiz minha despedida e só não foram para a estação o casal de velhos, os pais de minha madrinha, mas ela, a Juliana, a irmã Júlia, o irmão Orlando e mais dois amigos, chamaram dois carros e me levaram para a estação. Lá encontrei com meus companheiros, que eram em número de 180 homens que seguiriam para os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A composição já estava encostada e dois carros de 2ª classe estavam reservados para conduzir-nos. Eram 19:45 horas, meus companheiros já estavam embarcados e eu despedindo-me dos meus acompanhantes. Recebi de minha madrinha um embrulho como presente, sem saber o conteúdo, e a minha bagagem, que estava em duas malas de couro que comprei no Rio de Janeiro e as levava junto comigo.*

### **Adeus Rio de Janeiro**

*Às 20 horas do dia 6 de Outubro de 1945 deixei a cidade do Rio de Janeiro, viajando no trem de passageiro noturno da Estrada de Ferro Central do Brasil, que partiu da Estação com destino a São Paulo, conduzindo dois carros de 2ª classe com soldados pracinhas da F.E.B. que lutaram na Itália e estavam voltando para suas querências. Dois carros só para soldados e mais 8 carros para civis. Esse trem não parava em estações pequenas; era um trem bem rápido, mas mesmo assim não chegou na hora em São Paulo, porque o horário de corrida São Paulo x Rio e vice-versa, eram 12 horas exatas. Nesse dia não deu tempo, atrasou uma hora; deveria chegar às 8 horas e só chegou às 9 horas na Estação da Luz. De lá seguimos para a estação Júlio Prestes. O próximo trem para o Sul, que só tinha um por dia, iria sair às 18:30 horas.*

## Capítulo XXII

**A viagem de volta à casa.** A angustiante espera do trem que levaria Nalesso de volta à sua terra Natal. Os momentos de emoção das despedidas, a chegada a Itapetininga. O assédio dos populares, os abraços, o encontro com a mãe e o pai. As lágrimas. Depois, a volta à realidade e a satisfação por reconhecer sua casa, suas coisas, sua família. Victório Nalesso deixou de ser pracinha e voltou à rotina do dia-a-dia da vida rural.



## **Dia 7 de Outubro de 1945**

*Em São Paulo, do Exército, não tivemos nada, nem um café. Deixamos nossas malas e bagagens reunidas na estação e fomos, com parte do pessoal, almoçar nos restaurantes mais próximos, enquanto a outra parte esperava a vez e ficava guardando as bagagens. Assim foi feito na Estação Júlio Prestes da Estrada de Ferro Sorocabana.*

### **Viva São Paulo**

*Outra alegria foi quando, às 18 horas, encostaram os carros que formaram a composição do noturno para o Sul, já com 2 carros reservados para nós, pracinhas. Partida no horário: 18:30 horas. Mais um Adeus a São Paulo, os maquinistas deixavam mais emocionados os corações dos heróis com seus apitos longos e repetidos. Nas partidas, como faziam principalmente em ocasiões dessa natureza, a gente recordava o passado, enquanto iam deixando tudo para trás, até mesmo a nossa querida pátria deixamos, com poucas esperanças de revê-la. Mas cada cidade, cada estação que passávamos, eram momentos de reativação, esperando o momento da chegada.*

*Quando tive a certeza de que tomaria o trem para meu retorno, lá no Rio, passei um telegrama à minha família, no endereço de uma prima do meu pai que chamava-se Virgínia. Chegando em São Paulo, passei outro telegrama, mesmo endereço, rua General Glicério, nº 130, em Itapetininga. Para lá eu mandava todas as correspondências porque meus pais moravam no sítio. Assim que o trem foi se aproximando de Itapetininga, a minha cidade, fui me despedindo de meus companheiros.*

*Outra coincidência: a mesma locomotiva que conduziu a composição, quando fui para São Paulo, me trouxe de volta. Tinha um apito alto e muito bonito, era movida a lenha e a vapor. Todos os maquinistas sabiam as classes de passageiros que eles transportavam e quando era de soldados em carros especiais, eles faziam questão de tocar seus apitos. Ora repicados, ora longos, tanto na chegada, como na saída das grandes estações, onde desembarcavam ou embarcavam soldados, tanto quando foram como quando voltaram da guerra. Fomos acompanhados de grandes tristezas quando partimos, mas de grandes alegrias no dia em que chegamos.*





*Naquela época o nosso meio de transporte de grande distância era mesmo o trem. Ele deixou muitas passagens e recordações, lembranças inesquecíveis na vida militar durante a 2ª Guerra Mundial, e deixou, na história do Brasil, o símbolo da cobra fumando.*

**Dia 7 de Outubro 1945**

**Eram 22:30 horas, a composição  
do trem noturno entrou na reta da  
chegada da estação com a sineta aberta,  
comunicando que transportava os pracinhas  
vitoriosos de regresso para suas cidades.**

*Eu cheguei à minha cidade de Itapetininga como soldado combatente e achava-me só, mas no meio de tantos companheiros que desembarcaram para despedirem-se de minha pessoa, com muitos abraços e gritos. Assim como de meus parentes que foram invadindo a plataforma. Eu esperei a partida desse trem como um último adeus a esses bravos companheiros que seguiram para os estados do sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.*

**Companheiros esses, irmãos de farda,  
irmãos de campanhas, irmãos de  
trincheiras, de combate, irmãos de guerra;  
sofremos juntos, perdemos companheiros,  
mas em momento algum vi um desses  
meus compatriotas fraquejar ou acovardar-se  
durante o Teatro de Operações na Itália,**

*seja em Monte Castello, Gagio, Montano, Bombiana, Abetaia, Torre de Nerone, Loiola, Serreto, Paravento, Montese, Monte Bufone ou outros locais. E nunca mais pudemos nos encontrar, restando apenas recordações, com marcas, chagas incuráveis de uma guerra. Adeus, inesquecíveis irmãos de guerra!*

## **Emoções**

*Eu estava muito ansioso para ver minha mãe e meu pai. Assim que saí do saguão da estação, mesmo apertado pelos parentes e conhecidos, fui em direção a meus pais que se achavam do outro lado da rua, amedrontados quanto à minha chegada.*



***Em minha mãe dei os primeiros abraços e beijos,  
muitas lágrimas de alegria. Depois, em meu pai,  
que não sabia como fazer para cair na realidade.***

*Eram 23 horas do dia 7 de outubro. Eu me achava nas proximidades da estação, pouco se andava, todos queriam conversar comigo. Somente à meia noite consegui chegar na casa de minha irmã Tereza, que era casada com José e morava na rua Virgílio de Resende. Alí, após um bom banho e um coquetel, a recepção foi até as 2 horas da madrugada. Eu me achava muito cansado e fui me deitar. Só acordei às 8 horas do dia seguinte e deitado, fiquei a pensar onde eu estava. Tudo em silêncio. Então um som de carroça nas pedras calçadas da rua se ouvia e logo um grito: "Padeiroooo".*

***Foi quando minha mente deixou as  
preocupações militares e fui percebendo  
que não me achava mais no Rio de Janeiro  
e que não era mais um soldado.***

*Fiquei por um momento tenso por não escutar a conversa de meus companheiros que sempre me chamavam. E sentindo que já era dia avançado, me levantei.*

***Dia 8 de Outubro de 1945***

*Fui para o banho, fiz a barba. O casal de sobrinhos que me queria muito bem, Onofre e Maria, já faziam 3º e 2º primário e escreviam muito para mim quando na Itália em campanha. Esses dois é que estavam preocupados com a minha demora em levantar.*

*A mesa para o café há tempo já estava pronta. Meus pais, às 6 horas já estavam levantados, só eu é que fiquei até às 8. Tudo o que eu presenciava, ouvia e falava, não encarava bem como realidade; era como um sonho.*

*Fui dar um passeio pelo centro da cidade. Nossa Mãe, como estava estranho: as casas, os prédios, eu achava que estavam tão pequeninas, baixinhas. Eu pretendia comprar algumas peças de roupas civis, roupas feitas, porque eu ainda me achava uniformizado com agasalho da F.E.B. e nada havia comprado. Não dava tempo, tinha que dar atenção para todos os*

*que a mim chegavam e muitos queriam me levar para suas casas, para um almoço ou um jantar.*

*Estive na cidade 3 dias: cheguei em Itapetininga em um domingo à noite e fiquei na cidade de 2ª a 5ª feira de manhã.*

*Às 6 horas do dia 11 de Outubro me arranquei a pé e fui para a minha casa no Bairro da Chapadinha, distante da cidade 9 quilômetros.*

*Às 8 horas já estava dentro da mangueira, onde as vacas se achavam reunidas e meus irmãos já estavam tirando o leite, aquele leite espumado. Peguei um caneco grande, de um litro, coloquei café bem quente e eu mesmo, como era craque para tirar leite, fui fazer um teste e ver se ainda estava bom na lida, depois de um ano sem tirar leite. E como estava bom! Não só prá tirar, como prá tomar: um litro de café com leite bem espumado. Depois que tomei o café com leite e terminado todo o serviço no curral, o gado foi solto ao campo para pastagem e chegar até a água.*

***Foi nesse curral e justamente em uma 6ª feira, no mesmo horário, com meus irmãos, pai e mãe, que me despedi, sufocado de tristeza.***

*Mas o tempo passa e 13 meses se passaram. Deus me deu a felicidade de vencer todas as dificuldades, transformando-as em alegrias para mim e toda a minha família. Foi deste dia em diante que comecei a voltar àquilo que era, vendo pai, mãe, irmãos, as vacas, os animais, os cachorros que me festejavam pulando e latindo.*

*Os burros, as mulas com que eu trabalhava com a carroça, com arado, preparo da terra para o plantio, as galinhas comendo milho no terreno. Era um dia bonito, lindo, céu azul, início de verão.*

*Devagar, fui entrando na minha casa adorada. Durante as muitas e muitas horas de inverno, de gelo e lama, lá na Itália, eu lembrava da comida quente, do cafezinho na hora que eu quisesse. Por simples que fosse, ali o conforto era completo e lá, dentro da mente, em todos os momentos, eu carregava uma pergunta: “Será que voltarei?”.*

*Entrei no meu quarto, olhei para cima e para os lados, nada tinha mudado. Minha cama estava bem arrumada, assim como minha*



*roupa que deixei quando fui para o Exército. Fiz imediatamente uma troca de roupa e deitei para um descanso na tão lembrada cama. E para expulsar da memória aqueles meses de campanha de guerra na Itália, passei por um sono tranquilo de 2 horas, até quando minha mãe me acordou para o almoço. Desse dia em diante comecei então a voltar às atividades da vida rural. Iniciou-se também a volta do meu estado psicológico normal. As primeiras atitudes que tomei em minha casa, depois de aconchego familiar, foi matar as saudades fazendo umas demoradas visitas em todas as casas de meus conhecidos e parentes, começando pelo vizinho mais próximo de minha casa, que era a casa do casal de velhinhos Salvador Braga e Dona Maria, sua esposa, restante de uma irmandade grande. Sempre foram bons vizinhos, desde os tempos de meus avós e só me tratavam como filho e me queriam muito bem. Ela gritava e chorava quando me viu e com abraços dizia: “Deus ouviu minhas preces e Nossa Senhora trouxe a alegria”.*

*Com isto o tempo se passava rápido, não tinha jeito e nem era possível apenas uma visita. Tinha que contar alguma história, tomar um café e sempre um café reforçado com um convite para um almoço ou um jantar com dia marcado. Isto de fato aconteceu na maioria das casas e por 10 dias mais ou menos, foi só passear no bairro; só voltei para a cidade no dia 25 de Outubro, quando se realizou a primeira eleição para presidente da República depois de 13 anos de ditadura. Após as eleições voltei para o sítio. Quando retornei à cidade, era dia de finados, 2 de Novembro de 1945.*

## Capítulo XXIII

**As recordações dos tempos da guerra.** A angustiante espera do trem que levaria Nalesso de volta à sua terra Natal. O reencontro com companheiros de guerra e o primeiro contato com a moça por quem se apaixonaria para sempre.



*Quando ainda na cidade de Alexandria, na Itália, após a guerra, fui visitado por um amigo dos tempos de juventude, dos bailes, jogo de bola, futebol, dos trabalhos e dos serviços da vida rural. Nossa amizade era grande. Esse amigo, que se chamava Benedito, morava no Bairro da Chapada Grande e eu no Bairro da Chapadinha. Quatro quilômetros distanciavam os bairros. No mesmo contingente fomos para São Paulo, depois para Caçapava e logo para o Rio de Janeiro. No Rio, este amigo ficou adoentado e por ordem médica foi internado. Justamente nesses dias meu regimento recebeu ordens para o embarque, como de fato aconteceu no dia 20 de Setembro. Dia 22 deu-se a partida além-mar e aí separei-me do amigo de juventude, que muito me alegrava contando suas proezas. Mas continuou, na mesma companhia, um primo desse meu amigo que ficou para trás internado no Rio e que também se chamava Benedito. Ele pertencia ao 2º pelotão e nele permaneceu todo o tempo em que durou a guerra.*

*Em um descanso que meu batalhão fazia vindo da linha de frente, em Sila, local atingido por bombardeios pesados dos canhões de grosso calibre alemães, fui apanhar o rancho na minha marmita.*

**Assim que almocei, me levantei de onde estava sentado e fui para meu abrigo. Dei de cara com meu amigo Benedito, que tinha ficado no Rio de Janeiro: ele estava indo para a linha de frente.**



Marmita usada por Victório em campanha. Ainda hoje encontra-se em seu poder.



*Este encontro foi uma grande casualidade em pleno campo de combate: foi a maior alegria, porque nesta ocasião reencontramos, os três novamente. Foram muito fortes os abraços, com muita alegria. Oferecemos um caneco cheio de chocolate, pão americano recheado com doces. Comeu tudo. Ele não tinha ainda almoçado e já era mais de uma hora, mas não deu para conversar muito, porque sua companhia começava a subir os morros que davam para Monte Castello. Despedimo-nos e a tristeza baixou sobre mim e sobre o primo dele. A gente não desejava sofrimento prá ninguém e estávamos no meio dos piores. Esta passagem deu-se no mês de Janeiro de 1945. O Soldado Benedito chegou com o 4º escalão, dia 7 de Dezembro de 1944 e em Janeiro de 1945 seguiu para as frentes de combate, quando então se deu nosso encontro. Ainda em Alexandria, na visita que este amigo nos foi fazer, porque ele pertencia a outra unidade, que era o 1º R.I., ele, o Benedito, como conhecia bem a minha unidade, teve facilidade em nos encontrar.*

*Desta vez sim, foi completa a alegria de nos encontrar, porque a guerra havia terminado. Abraços e mais abraços, o assunto era voltar para nossa terra. Previsões do futuro: arrumar uma esposa e comprar um terreno. Só falávamos em fazer boa vida. Já o colega Nunes, que era seu nome de guerra, pôs a mão no bolso da jaqueta e puxou uma carta que tinha recebido naquele mesmo dia de sua família. Ele queria ler e reler junto ao seu primo, porque já fazia 4 meses que não nos encontrávamos. Ele me chamou para tomar parte da leitura da carta, que falava das novidades do bairro e da alegria do ambiente familiar por saber que tinha terminado a guerra e que aguardavam o retorno de todos os brasileiros.*

***Assim ficamos muito contentes,  
porque a maior satisfação dos soldados  
lá na Itália era receber uma carta, mesmo  
que de qualquer conhecido do Brasil,  
melhor ainda em se tratando de um familiar.***

*Assim que foi lida a emocionante carta, escrita por diversas pessoas da família, o soldado Nunes leva a mão direita ao bolso novamente e mostra a seu primo uma fotografia 3x4 e diz: “eu tenho 3 irmãs moças e todas me querem bem, mas esta que me mandou esta foto é a que mais me quer bem”. O seu primo olhou e disse: “Ahhh!!! é a Lucinda!”. Eu fiquei de lado apenas fazendo elogios ao que se passava, enquanto o Nunes, que era muito brincalhão, me disse: “olha Nalesso, a minha irmã como é bonita” e entregou a foto*



*em minhas mãos. Eu fiquei a contemplar a fotografia da moça, que de fato era muito bonita mesmo. E disse: “mas é mesmo de sua irmã esta foto?” “Claro que é” foi a resposta. Me afastei um pouco, beijei a fotografia e falei: “é com esta sua irmã Lucinda que eu vou me casar, quando lá chegar.” E como nós brincávamos muito, ele me disse: “está pensando que minha irmã é osso, seu cachorro?” enquanto avançava para cima de mim. Eu desguiava enquanto dizia: “não adianta, você vai ser meu cunhado” e fui guardando a fotografia na minha carteira. Nestas alturas, vendo que guardei, não mais insistiu para que devolvesse e entramos em outros assuntos como o nosso regresso para o Brasil, como seria a nossa chegada. Com isto, as horas passaram rapidamente: 11 horas da noite: nos despedimos e abraçamo-nos.*

***E eu, com muita  
cautela na hora dos  
abraços, para não  
ficar sem a foto, já fui  
dizendo: “não precisa  
me abraçar não”.  
Mas não teve jeito,  
ele tinha muita força e me  
abraçou bem forte  
mas não tentou  
a reconquista da foto.***

*Nós todos estávamos muito alegres. Nunes se ausentou, foi para a Unidade em que foi incorporado. Assim que chegou à Itália, no 1º R.I. (1º Regimento de Infantaria), logo se deslocou*



A foto de Lucinda.

*para Nápoles a fim de aguardar o embarque com o 2º escalão e regressar ao Brasil. Eu e meu companheiro, o primo do Benedito Nunes, que se chamava Benedito Ayres de Campos; Campos era seu nome de guerra. Então comecei a encher o saco do Campos: “você vai ser meu primo, Campos”. Depois desta despedida com o Nunes, lá na Itália, não nos encontramos mais a não ser aqui no Brasil decorridos 5 meses, porque ele voltou antes do que eu. Tornamos a nos ver no dia 1º de Janeiro de 1946.*



## ***PARTE II***

### ***A VIDA DEPOIS DA GUERRA***

## Capítulo XXIV

### **O casamento com Lucinda.**

A brincadeira que o pracinha Victório Nalesso fez, em pleno campo de batalha, dizendo que se casaria com a moça da foto mostrada por seu amigo, acabou virando realidade. Como num conto de fadas, Victório um dia conhece Lucinda, reconhece ser ela a moça da foto e propõe um namoro. O casamento aconteceu no mesmo dia em que a irmã dela também estava se casando. A festa foi conjunta, com muitos convidados. A família constituída.



## **Dia 2 de Novembro de 1945**

*Quando fui para o Campo Santo, dia de finados, com muita gente da zona rural e outras cidades, celebravam-se duas missas, às 10 horas e às 4 horas da tarde por intenção das almas dos falecidos. Para mim que não tinha compromissos com namoradas, tudo era festa. Fui a pé para o Campo Santo e conversava com todos os amigos e amigas.*

*Visitei túmulos dos parentes falecidos e fui saindo pelo portão principal quando encontrei com um amigo. Um grande amigo de infância e do tempo de escola lá em nosso bairro. Paramos debaixo de uma árvore grande, na sombra, em frente ao portão do cemitério. Ele, com uma cerrada palestra, chamava-se Jordão e estava vestindo uniforme do Exército, estava servindo.*

*Nesse local passava muita gente que entrava e saía do cemitério, mas as moças, as meninas, é que mais se deparavam com a gente. Algumas conheciam, outras não, mas com todas trocávamos assuntos momentâneos de solteiros. Em dada circunstância estavam passando cinco moças, todas elas eram bonitas. Olhavam muito para nós, mas não pararam. Entraram no cemitério e dentro de cinco minutos saíram e novamente por nós passaram sem chegar até nós, mas pararam por alguns segundos, à frente. E foram voltando e novamente há 10 metros distante fizeram um breque. Eu e meu companheiro começamos a analisar o procedimento das meninas. Eu disse: “são do sítio”. Ele, meu amigo, completa: “são filhas de fazendeiro”. Eu voltei a falar: “vamos até as meninas” e fui chegando, com medo de não ser comigo os flertes. Mas eu, sorridente e muito alegre, como se todas fossem conhecidas, fui cumprimentando, pegando nas mãos de todas e perguntando o nome delas e de seus pais. Justamente a última, a que mais me atraiu, me falou: “eu sou irmã do Dito”. Fiquei na mesma:*

**quem é teu pai? perguntei.**

**Tonico Ricardo, foi a resposta. Ahhh, meu Deus do céu, isso mexeu com meu coração.**

*Foi nesse ponto que comecei a perceber que o Dito de quem ela disse ser irmã, tratava-se do Nunes, o Benedito Nunes da Costa, o soldado da fotografia. Sabe que eu fiquei até sem assunto e comecei a recordar do passado? Mas arrisquei uma pergunta para me certificar: “Qual de tuas irmãs mandou uma foto para o Dito,*



*quando estava na Itália?”. Olha só o que ela disse: “porque motivo você pergunta?”. Aí eu já fiquei mais disposto e falei: “achei bonita demais e fiquei com ela. Só pode ser você, não é mesmo?” Sorrindo, ela respondeu: “sou eu mesma”. Já foi melhorando pro meu lado e fui perguntando: “então posso ficar com a foto?”. “Dependendo de outras palestras”, foi o que ela me disse. E fomos andando de volta pra cidade. As amigas andaram mais depressa, para que ficássemos mais à vontade com a nossa conversa. Foi quando achei que o momento era bom para esta pergunta: “Então o Dito, seu irmão, contou como foi a passagem de ficar sem a fotografia?”. Resposta: “sim, contou tudo na presença de todos os meus irmãos, minha mãe e meu pai, quase morri de vergonha; é por isso que agora eu quero saber se está valendo o que você falou na presença de meu irmão e de meu primo, lá na Itália, que quando você voltasse casaria com a dona da fotografia. Então, se suas intenções estão sendo verdadeiras, pode ficar com a foto, do contrário pode me entregar neste momento”. Eu francamente não acreditava no que estava se passando. Aquela brincadeira de soldado, há 5 meses, agora se concretizando.*

***Acreditei, gostei e a partir deste momento,  
15 horas do dia 2 de Novembro de 1945,  
começou o namoro em frente ao  
Campo Santo São João Batista, namoro  
este originado por uma fotografia 3x4  
que foi mandada por uma moça  
a seu irmão pracinha da F.E.B.,  
quando ele ainda na Itália se achava.***

*No restante do dia conversamos bastante até às 9 horas da noite, quando, reunindo-se com as companheiras, foi embora para o sítio. E novas oportunidades de conversar aconteceram 5 vezes, na cidade. Não fui à casa dela não. A 6ª vez aconteceu dia 24 para 25 de Dezembro de 1945. Fomos à missa do galo, meia noite. Até esse dia eu não tinha encontrado com o pai e nem com a mãe da minha namorada, somente com as irmãs. O respeito que essas filhas tinham pelos pais era de admirar. Respeito e medo. Mas chegou o fim de ano, último dia, 31 para 1º de Janeiro. Nesse dia acontecia e acontece ainda grandes festividades, nas quais todo o município e mesmo algumas cidades vizinhas promovem animadas romarias em louvor à Nossa Senhora Aparecida e rumam para seu Santuário em Itapetininga. E foi neste dia 1º de Janeiro de 1946, que tive o prazer de aproveitar o namoro e chegar a conversar com o futuro sogro, junto com a namorada, que estava com muito medo. Eu não tinha um receio sequer*



*e fui muito bem acolhido pelo Sr. Antonio Nunes da Costa, mais conhecido como Tonico Ricardo. Nós já nos conhecíamos. As pessoas dos bairros que traziam suas romarias após a procissão das 16 horas, que terminava às 18 horas, rumavam para seus bairros, iam embora. Fim de festa. Minha menina foi embora e eu também fui para minha casa descansar, mas no 2º domingo de janeiro de 1946 tornamos a nos encontrar. Recebi um alerta da minha pretendente, que seu pai iria ter uma conversa comigo, naquela semana. Eu não pensava em outra coisa, a não ser mais aproximação em nossos encontros, principalmente quando eu fiquei sabendo que sua irmã mais velha iria se casar no próximo mês, em Fevereiro. Já fazia mais de dois anos que namoravam.*

*Eu pensava muito nessa festa de casamento, para aproveitar a festança e chegar mais ao conhecimento de parentes de ambas as partes, abrindo mais oportunidades para um namoro mais sério. E com isto teria mais opções de discernirmos juntos um início de vida como casados. E com mais preparativos, porque eu não tinha nada para me casar, embora realmente pretendesse ter uma companheira e fazer uma prole. Mas não acreditava que tão rápido isso viesse a acontecer, como aconteceu.*

**O que eu julgava um futuro a  
longo ou pelo menos a médio  
prazo, veio a acontecer precocemente.**

*Um belo dia, de manhã bem cedo, às 7:30 horas do dia 12 do mês de Janeiro de 1946, chegou em minha casa o Tonico Ricardo, pai da Lucinda, a moça com quem eu namorava. Eu tinha acabado de tirar o leite quando o mesmo entrou na mangueira, montado em uma mula bem encilhada, chapéu de aba larga, bota e lenço no pescoço. Amarrou a besta no galpão e fomos entrando, a fim de tomar um café.*

*O seu Tonico era muito amigo do meu pai, porque trabalharam juntos nos tempos em que os transportes eram feitos por carruagens, movidas por muares ou com tropas, lombos de animais. Agora, em meu tempo de solteiro, seria a 2ª vez que ele a minha casa, a primeira, foi quando ele veio com seu filho, o Benedito, para combinarmos o dia do retorno para o Rio de Janeiro, para a guerra. Pois bem, após o Tonico tomar um bom café com leite, um prato de melado de cana com farinha de milho e na presença de meu pai e de minha mãe, me olhou firme e me disse: “como é Victório, eu não preciso procurar*

*saber nada sobre sua pessoa e ninguém sabe melhor do que meus filhos, na mesma mocidade sua; agora vossos ascendentes só tem boa tradição e é por este motivo que aqui estou, uma vez que você está de namoro com minha filha. Acredito que está com boas intenções.*

***Eu tenho que fazer casar uma filha no dia 16 de Fevereiro, já aproveitaria fazer uma festa só, casando as duas, no mesmo dia”.***

*Veja que barra: já era dia 12 de janeiro e para 16 de Fevereiro, só um mês e 4 dias. Eu pedi 4 dias para dar a resposta, mas no 3º dia fui na casa do futuro sogro, conversei primeiro com a futura esposa e juntos decidimos nos casar e dei o sim. Foi muito apurado de ambas as partes. Houve uma festa com muitas presenças, porque eram dois casamentos. Às 10 horas casamos no civil e às 11 na igreja, tendo como celebrante o Pe. Brunetti. Findo o tal, seguiu-se, com muitos carros de convidados, para o almoço na residência das noivas, no Bairro Chapada Grande. Houve um farto almoço e depois churrasco à noite e um baile, a noite toda, no terreiro coberto com encerado, chamada a tal cobertura de empalizado. O baile foi até o sol aparecer.*



Casamento de Victório Nalesso e Lucinda



## Capítulo XXV

### **As promessas não cumpridas.**

Após as festas de recepção aos heróis da pátria, a dura realidade: a dificuldade para arrumar emprego e os esforços para as promessas governamentais serem cumpridas. As conquistas e os trabalhos em favor da comunidade. A vida civil do pracinha Nalesso foi uma continuidade dos mesmos ideais que o levaram à guerra na Itália, só que agora em favor dos irmãos mais necessitados.

*Depois de casado continuei trabalhando na lavoura por 5 anos. Veio o primeiro filho depois de 13 meses de casado. Mais uma filha depois de 2 anos e outra, com intervalo também de 2 anos, sendo então um filho e duas filhas.*

*Como não foi possível adquirir os 25 hectares de terras que o governo Brasileiro tinha prometido aos pracinhas assim que voltassem da guerra e querendo continuar na lavoura, resolvi procurar um emprego. Mas encontrei outra dificuldade. Por ter ultrapassado o limite de idade, eu estava já com mais de 32 anos de idade, mesmo com o documento militar constando que era ex-combatente, não me davam essa prioridade. Tentei nas seguintes repartições: D.E.R., Banco do Brasil, Correios e Estrada de Ferro Sorocabana. Nem como faxineiro me aceitavam.*

***Minha atitude: Getulio Vargas havia ganhado as eleições e voltado pela 2ª vez ao poder. Foi quando aproveitei para cobrar as promessas feitas por ele quando embarcávamos para a guerra.***

*Fiz um ofício de próprio punho narrando tudo sobre a discriminação que sofria diante dos poderes públicos e das repartições públicas, estaduais ou federais. Depois de 4 dias recebi um telegrama do gabinete do presidente, dizendo que tinha encaminhado tal solicitação ao Governo do Estado. Dentro de 10 dias eu já estava trabalhando na Estrada de Ferro Sorocabana, por minha livre vontade, porque não faltaram chamados para me apresentar ao trabalho em todas as repartições onde tinham anteriormente me negado.*

### ***Emprego e aposentadoria***

*Entrei para trabalhar na Estrada de Ferro Sorocabana no dia 2 de janeiro de 1952 e me aposentei no dia 1º de Agosto de 1975. Em 1º de Outubro de 1981 comecei a receber uma pensão do Exército por ser pracinha da F.E.B.*

*Tenho casa própria, que comprei financiada pelo I.P.E.S.P. – Instituto de Previdencia do Estado de São Paulo em 1964, com quitação antecipada em 1975. O prazo seria 20 anos, quitei em 11.*

*Desde o ano em que me aposentei, comecei a trabalhar com afinco na Conferência Vicentina, da Sociedade de São*



*Vicente de Paulo, Conferência Nossa Senhora Aparecida, a qualem já pertencia, porém pouco frequentava, porque trabalhava ainda na ferrovia.*

***A minha principal diversão é a  
pescaria. Quando me sinto mal, por  
algum trauma da guerra, meu remédio  
é a beira de um rio, longe do barulho.***

*Sou uma pessoa bastante estimada e procurada pelos ex-combatentes e familiares dos já falecidos, por que, quando comecei a receber pelo Exército, sendo o primeiro de Itapetininga, não só encaminhei meus companheiros como as viúvas existentes e as que vieram a ficar viúvas. Era eu quem relacionava todos os documentos e depois de prontos, conduzia para São Paulo, ao Hospital dos Militares (H.M.). Posteriormente tais documentos passaram a ser entregues em Sorocaba, na 14ª C.S.M.*

*Eu era o guia acompanhante de muitos pracinhas, companheiros de guerra, que não sabiam ir até o hospital em São Paulo, em caso de internação. E até hoje, qualquer dúvida que venha a surgir, procuro sanar e instruir como se deve proceder. Isso é minha distração, faço com boa vontade.*

***Como Vicentino, em primeiro lugar, só  
encontro bons amigos. Sinto paz em meu coração,  
encontro com Jesus Cristo junto a eles.***

*E quando estou no meio das crianças pobrezinhas das favelas, dos barracos, distribuindo pães ou bolachas, é ali que eu encontro o verdadeiro amor das crianças que me abraçam, me beijam e pedem a benção tratando-me de vovô. É ali que sou festejado e tenho a maior recompensa vinda daqueles corações inocentes, que abanam as mãozinhas dizendo: “Deus ajude vovô, Deus acompanhe”. Eu tenho certeza que com a idade que eu tenho e com tantas dificuldades que passei até me aposentar, ainda estou fazendo coisas úteis a meus irmãos mais necessitados. E me sinto feliz quando chego nas humildes barracas e as crianças correm para me abraçar e me beijar, porque me conhecem; eu levo agasalhos, remédios, etc. Deus me concedeu a graça de poder praticar tais atos e isso é para mim saúde e vida. Tenho paz e tranquilidade com toda minha família: minha esposa e eu somos rodeados pelos 3 filhos, 4 netos e 3 bisnetos.*

## Capítulo XXVI

**O primeiro emprego.** A luta por ele. O primeiro que Nalesso conseguiu foi muito duro, trabalho braçal e, pior, em Itapeva, onde ele ficou dois anos. E mal voltou a Itapetininga, foi chamado para trabalhar em São Paulo. Foi demais para o ex-pracinha, que revoltou-se e foi à Capital para pedir mais consideração.



## **Na vida civil**

*Eu gostava muito da vida rural e como tinha feito requerimento baseado nas promessas do governo Getúlio Vargas durante os dias de embarque para a guerra, eu tinha certeza que rapidamente seria chamado para a escolha do referido local a sermos beneficiados com os 25 hectares de terras.*

*O tempo passou e mesmo com diversas solicitações até o presente momento ainda não pude gozar desse direito. O dinheiro que recebi fui gastando, alugando terras para plantar. Naquela época não se fazia empréstimos de banco e ainda não se faz, para quem não possui terras. No passar de 5 anos fui obrigado a procurar um emprego e com muita dificuldade me coloquei na Estrada de Ferro Sorocabana, onde me aposentei, conforme já relatei.*

*Quando fui chamado em São Paulo para trabalhar, eu já tinha escolhido o serviço, ou a repartição pretendida, que era o S.T.R. – (Serviço de Transporte Rodoviário) para trabalhar em Itapetininga. Me apresentei na agência da referida repartição assim que cheguei de São Paulo. O Agente Comercial, ou chefe do Serviço do S.T.R., do ramal de Itararé, com sede em Itapetininga, me falou: “você vai trabalhar lá em Itapeva por 3 meses como auxiliar na safra de milho, depois volta para cá”. Acreditei no meu novo chefe civil, porque até então eu só tinha cumprido ordens militares do Exército. Arrumei meu saco de roupa e parti para Itapeva. Deixei minha esposa. Com 5 anos de casados já tínhamos um casal de filhos: o mais velho, com 3 anos, que se chamava João e uma filha, Ana, com 4 meses. Eles ficaram com meus sogros, em seu sítio, pois eu não tinha bem a certeza em que tipo de serviço eu iria trabalhar.*

*Cheguei em Itapeva ao meio dia. Eram 4 horas de viagem, de Itapetininga. Apresentei-me ao chefe daquela sub-agência, que também era de Itapetininga e que gentilmente me orientou aonde eu deveria me hospedar. No dia seguinte, às 7 horas, fui assinar o ponto para dar início ao serviço, como ajudante de caminhão.*

## **Como funcionário**

*Dia 5 de janeiro de 1952 comecei outro tipo de vida, outro tipo de trabalho, como empregado, debaixo de ordens.*



**Foi desse dia em diante que  
começou a primeira revolta  
contra as autoridades governamentais.**

*Caso eu viesse a receber os 25 hectares de terras que me foram prometidas pelo Governo Federal, jamais me submeteria a carregar pesados sacos na cabeça o dia inteiro. Após 5 dias de serviço não podia nem andar, de tanta dor na coluna. Fiquei com o pescoço duro, mas não deixava de ir até o serviço. Foi quando o agente do serviço viu minha situação e teve compaixão de mim e disse: “você sabe ler e escrever, então trabalhe até o meio dia como meu ajudante para conferir as mercadorias descarregadas do vagão, de acordo com as faturas e depois do almoço você vai treinar, ajudando no carregamento dos caminhões, até acostumar com o serviço pesado”.*

*Assim fiquei 4 meses trabalhando até meio dia como conferente e depois como saqueiro. Fui adaptando-me com o pesado e com 6 meses de serviço, o que os outros faziam não mais era desafio para mim. Todos os dias de manhã eu precisava fazer exercícios dentro da casa para poder começar a andar. Os primeiros sacos que carregava na cabeça eram muito pesados, mas depois que esquentava o corpo, nada mais sentia.*

*Passados 6 meses, não se deu meu retorno para Itapetininga. Resolvi então levar minha família, mulher e filhos para Itapeva, para amenizar meus sofrimentos. Eu precisava do aconchego familiar, aliás isso prá mim era tudo. Eu me casei a fim de constituir uma família e não para ficar separado.*

*Assim fazendo, fiquei dois anos em Itapeva. Dentro desse período uma passagem veio a me acontecer. Como a malvada coluna vinha me perturbando, escrevi para o Governo do Estado sobre o que estava acontecendo quanto ao serviço pesado e meu estado físico, solicitando um serviço mais leve. O Sr. Governador Abreu Sodré encaminhou o citado ofício para o agente comercial de Itapetininga a quem eu era subordinado, para que se procedesse a minha solicitação, como um ex-combatente. O agente comercial Sr. Rodrigo Marques de Almeida, sabia perfeitamente que eu era um ex-combatente e que eu já tinha me colocado na Sorocabana justamente por essa prioridade, mas não veio dar nenhuma satisfação à minha pessoa a esse respeito, dando a resposta, sem eu saber, nestes termos: “o Sr. Victório Nalesso acha-se trabalhando na sub-agencia de Itapeva e nada*



*vem reclamando, pois acha-se muito bem; nunca veio tirar uma satisfação comigo”. Foi quando eu recebi uma carta do gabinete do Governo com os citados dizeres e então fiquei sabendo, mas não voltei mais ao assunto. Como já estava às vésperas de completar 2 anos de serviço, prá quem iria ficar apenas por 2 meses lembro-me muito bem que foi no dia 30 de dezembro de 1953 que embarquei com minha família para Itapetininga, já com o pensamento de voltar só para buscar a mudança.*

*Assim que cheguei em Itapetininga fui diretamente à casa do Sr. Rodrigo de Almeida, o agente comercial, véspera do dia 1º de Janeiro de 1954. Cheguei e fui atendido pelo mesmo. Fui pedindo um telegrama autorizando minha volta e um vagão para carregar minha mudança de Itapeva a Itapetininga. O mesmo não me maltratou, mas disse que no momento não podia tratar de uma remoção. Foi quando solicitei um passe, ou seja, um telegrama para fornecimento de passe para o dia 2 de janeiro de 1954, uma 2ª feira, com a finalidade de resolver tais assuntos junto à chefia do S.T.R. em S.P. ou, do contrário, eu iria por conta própria.*

*Nessas alturas o Seu Rodrigo resolveu me fornecer um telegrama pedindo um vagão para carregamento da mudança, bem como minha vinda para Itapetininga. Assim foi feito. Voltei para Itapeva dia 2 de Janeiro de 1954, carreguei a mudança e dia 4 de Janeiro já estava em Itapetininga.*

*Dia 5 comecei a trabalhar, mas alegria de pobre dura pouco. No mes de Julho desse ano, a chefia de São Paulo pediu que fossem removidos 6 trabalhadores deste ramal a fim de trabalhar na Barra Funda, São Paulo. De Itapetininga escolheram 3, inclusive eu e 3 de Tatuí, pois estava sendo fechada aquela sub-agencia. Novamente fui falar com o Seu Rodrigo, meu chefe, que quebrasse esse galho. Eu não podia ir, minha esposa estava acamada e tínhamos vindo de Itapeva a apenas 6 meses. Mas não teve apelação. O pedido veio por telegrama de serviço. Recebemos a ordem, com cópia do telegrama, às 18 horas. Ainda estava descarregando um caminhão de farinha de trigo na praça e o telegrama dizia para me apresentar na Barra Funda no dia seguinte às 11 horas. Tinha que tomar um trem que partia as 7:30 h da manhã e chegava em Barra Funda às 11:00 h. Eu fiquei tão mal, bravo e nervoso, que cheguei em casa já à noite e tomei meu banho. A minha refeição não queria descer ao estomago, mesmo estando com fome. Não contei o ocorrido para minha esposa, a não ser isso:*

***“Eu tenho que ir para São Paulo  
amanhã cedo, a pedido do chefe geral,  
mas volto amanhã mesmo, se Deus quiser”.***

*No dia seguinte às 5 horas me levantei. Não arrumei roupa alguma para lá ficar. Fiz meu café e tomei. Beije minhas crianças e me despedi da esposa, dizendo: “reze para que dê tudo certo”. E me arranquei para a estação férrea com a roupa do corpo e um trocadinho no bolso. Eu estava preparado para tudo, mas ficar trabalhando lá em São Paulo eu não ficava mesmo. Pois bem, tomei o trem, eu e mais 2 companheiros e lá em Tatuí mais 3. Desembarcamos em Barra Funda; fomos direto nos apresentar para o chefe dos caminhões no pátio de Barra Funda. Era um italiano forte, que logo foi dizendo que Fulano de Tal vai com caminhão tal. E assim escalou todos, menos eu, que fiquei um pouco afastado. Esperei ele falar: “falta um, são 6”. Eu cheguei, dei meu nome, ele me escalou: “você vai com Fulano motorista do caminhão tal”. “Agora vocês todos vão almoçar e arrumar suas pensões e amanhã às 7 horas, aqui no seu caminhão com o motorista”. Assim que ele acabou de falar, eu disse: “dá licença, agora sou eu que quero falar”. “O que é que você quer”, perguntou ele. – “Eu quero uma permissão por escrito para falar com o Dr. Chafic”. Ele era o chefe geral do S.T.R. – Serviço dos Transportes Rodoviários.”Você nem acaba de chegar, já quer permissão para falar com o chefe? não dou não”. Minha resposta: “não precisa, italiano, até nunca!”*



## CAPÍTULO XXVII

### **O encontro com Janio Quadros.**

A falta de reconhecimento dos direitos dos ex-pracinhas levou Nalesso a buscar apoio também junto ao Governo do Estado. Não foi fácil, mas a pertinácia sempre foi uma das principais características de Victório Nalesso. Neste episódio ele relata como conseguiu um encontro com o então governador Janio da Silva Quadros.

*Voltei para a estação, tomei um subúrbio, desci em Júlio Prestes e subi ao 2º andar do prédio. Cheguei ao gabinete, escritório sede do S.T.R. Parei: o porteiro era um enorme homem negro. Pensei um pouco, eu estava cansado, com fome e já eram 2:00 horas da tarde. Eu ia prá lá e voltava pra cá. O porteiro me perguntou: "Você deseja alguma coisa, moço?". Eu encarei frente a frente com o baita e disse: "desejo sim, quero falar com o Dr. Chafic". "Tem permissão do seu chefe?" "Não tenho", respondi. "Então pode ir embora", foi a resposta. A porta que dava entrada ao gabinete do Dr. Chafic achava-se aberta e confrontava-se com quem passava no corredor. A gente avistava o mesmo em sua poltrona, sentado e escrevendo. Tornei a insistir, falando em tom mais alto: "Eu preciso falar urgente com o Dr. Chafic; se eu não porto a permissão é porque o chefe dos armazéns me negou. Além disso, eu sou um pracinha da Força Expedicionária Brasileira, documentado, e isso é minha permissão para falar com qualquer autoridade". Fui entrando, o porteiro puxou a porta. Então uma sineta tocou e eu escutei o Dr. Chafic falar: "deixa esse Sr. entrar".*

*O porteiro abriu novamente a porta e eu entrei. Ficamos frente a frente. Eu rapidamente contei todo o meu caso, mas ele escrevia e não olhava para mim e falou: "eu pedi 6 trabalhadores e não citei nome de ninguém; você trabalhe 15 dias aqui em São Paulo, depois eu dou última forma em sua transferência". Eu respondi: "Dr. eu deixei minha esposa doente na cama, não posso ficar". Ele não disse mais nada, não levantou a cabeça e sempre escrevendo. Eu esperava uma solução, mas como não vinha, perguntei:*

***"Como é que ficamos, Dr.?"  
Nem um olhar, quanto mais  
uma resposta. Resolvi procurar  
outra solução e sem nada dizer,  
me afastei, dando apenas um  
sinal ao porteiro que saísse da frente.***

*Fui em direção aos Campos Elíseos, Palácio do Governo, Dr. Janio Quadros. Eu estava cada vez mais aflito, com fome e nervoso. Cheguei nas proximidades do Palácio. Ai, meu Deus do Céu! Estava o quarteirão todo rodeado de gente que queria falar com o governador. Justamente nesse dia ele dava audiência ao público. Mas não perdi a luz do túnel. Entrei em um bar, pedi dois pastéis e um copo de vinho. Com calma matei a fome. Lembrei que um Capitão, ex-combatente da F.E.B.,*



*trabalhava na casa civil de Janio Quadros, no Palácio. Levantei e me dirigi à portaria do Palácio.*

*Lá chegando fui barrado pelos soldados da guarda, que deram ordens para voltar. Parei e chamei um dos guardas, que atendeu o chamado. Eu fui dizendo: “quero saber se o capitão Bilé acha-se no Palácio e se ele pode atender a visita de um colega da Força Expedicionária Brasileira”, levando meus documentos à vista. “Ah, ele está sim, venha comigo”. Entramos em um grande corredor e então o guarda me falou: “olha ele vindo, pode avançar”.*

***Eu não conhecia esse capitão Bilé, mas assim que dele me aproximei, vi o distintivo da cobra fumando na lapela de seu paletó.***

*Ele me levou a seu gabinete e tomei café. Conversamos um pouco sobre a F.E.B. e contei rapidamente o que estava se passando comigo. Ele me falou: “vou te levar junto ao governador Janio Quadros e aí você fala tudo o que me contou. Eu posso resolver o teu caso, mas ele gosta dos pracinhas”. Fomos à sala de audiência onde estava o governador. Assim que saiu um atendente, nós entramos. Fiz minha apresentação e fui reforçado pelo capitão, que disse: “é meu companheiro da linha de frente, governador” e me disse: “assim que for atendido, passe na minha sala” e retirou-se. O governador mandou que eu me sentasse, fez algumas perguntas sobre a guerra e disse: “Eu tenho um grande prazer em conversar com pracinhas, mas qual o motivo que te obrigou a vir até aqui?”. Comecei a contar tudo, inclusive que há poucos momentos havia estado com o Diretor Geral do S.T.R., Dr. Chafic Jacob.*

***Enquanto eu falava, notava o seu semblante mudar. Mudava de comportamento, passava as mãos no cabelo, os olhos arregalavam. Os bigodes longos tremiam. Janio Quadros me deu um sinal com as mãos dizendo: “BASTA!”.***

*Passou a mão no telefone, discou e disse: “é com o Chafic que eu quero falar”. “Muito bem Seu Chafic, há poucos*



*momentos esteve em sua presença, no seu gabinete, uma pessoa de suma importância, funcionário de vossa repartição e não resolveste o caso dele; eu não quero saber quem mandou ou deixou de mandar, o que é que você está fazendo aí como Chefe Diretor que não dá atenção a um ex-combatente que foi lutar pela liberdade nossa e dos povos do mundo?”.*

***“Se não fossem esses homens,  
eu não estaria aqui como  
governador e nem você seria um  
administrador de empresas, seria sim  
um escravo. Você não perguntou é nada.  
Eu quero que todos os pracinhas que  
por você procurarem, recebam a  
maior atenção e que não venha  
a se repetir outro caso como este”.***

*“E pode esperar aí, que o Sr. Victório Nalesso vai apresentar a você os direitos por lei e considerações que todos nós brasileiros temos o dever de conhecer e praticar. Ele solicita o retorno para Itapetininga e transferência de repartição. Eu ordeno que você faça um ofício para que ninguém, como chefe, venha a interferir na vida desses combatentes, nada de remoção ou transferência, a não ser com solicitação do interessado, ainda mais o Sr. Victório, que acha-se desprovido de dinheiro. Forneça sua diária e passe para seu retorno, sem prejuízo nenhum a sua pessoa. Pronto, está resolvido o seu caso”. Eu me levantei, agradeci e fui até a sala do Capitão, ainda assustado do pega que o governador deu no Chafic. Contei o sucedido ao capitão que achou muito interessante e me deu um cartão com seu telefone e disse que se qualquer coisa não desse certo por motivos de perseguição ou coisa semelhante, era só telefonar. Nestas alturas já eram 17:20 h e o trem que vinha para Itapetininga partia às 18:15 h. Saí a passos largos e a minha sorte é que não era longe entre o Campos Elíseos e a Estação Júlio Prestes.*

*Cheguei ao prédio Júlio Prestes, subi até o 2º andar e fui direto à tesouraria receber a diária. Apresentei meus documentos e recebi diárias de 2 dias em dinheiro: desse dia e do dia seguinte, quando deveria me apresentar a outro chefe, o chefe de Estação, pois eu tinha solicitado a transferência do S.T.R. para S.D.O.*



*Assim que eu recebi da tesouraria fui ao gabinete do Chafic e uma outra pessoa me recebeu. Não vi a cara do Chafic. Mas essa pessoa me entregou um telegrama para a passagem e me disse que as providências solicitadas seguiriam por bolsa no último trem de passageiros, às 21 horas, para Itapetininga.*

*Eu desci para o saguão da estação e apresentei o telegrama na bilheteria. Recebi a passagem, entrei na plataforma, embarquei, me sentei e logo o trem partiu.*

*Na viagem foi que comecei a meditar sobre todas as ocorrências que tinham acontecido, parte da noite e durante o dia todo. Uma luta psicológica, nervosa, porque se não desse certo eu não iria pedir demissão e nem ficaria trabalhando em São Paulo sem primeiro levar o caso às autoridades governamentais.*

***Mas graças a Deus,  
a luz do Divino Espírito  
Santo iluminou meu  
caminho e deu tudo certo.***

*Às 22:30 horas cheguei em minha casa, todo contente. Foi o momento que relatei todo o acontecimento à minha esposa. Outra alegria no meu lar, porque ela ficou sabendo o que fomos fazer em São Paulo pela esposa de outro companheiro de serviço que lá ficou trabalhando.*

*No dia seguinte, uma 4ª feira, como o dia estava abonado para fazer nova apresentação, fui à estação de Itapetininga depois do almoço. Lá chegando vi de cara o agente comercial do S.R.T., o Seu Rodrigo. O Inspetor de Estações, Seu Pasqualit, o chefe de Estação, Seu Juca e mais pessoas conversando, todos reunidos. Ninguém me disse nada, mas notei muito bem que o Seu Rodrigo, meu chefe, estava moralmente abatido.*

*Eu, sorridente, subi até a agência que eu pertencia, onde se achavam os escritórios do Seu Rodrigo. Assim que entrei, o Seu Jubran, chefe do escritório, me falou: “ô Nalesso, tem novidade aqui prá você: você não pertence mais aos nossos serviços, mas sim ao S.D.O. e deverá apresentar-se ao chefe da estação, seu Juca, a quem já encaminhei os documentos seus”. Foi nesse momento que ele me falou:*

**“olha Nalesso, veio uma carta para que nenhum chefe ou superior se envolva contigo em matéria de remoção, a não ser em caso de seu próprio interesse; ordem do governador”.**

*Pois bem, me apresentei para Seu Juca, o chefe da Estação e no dia seguinte fui designado a trabalhar no armazém de descarga de mercadorias dos vagões. Depois de 20 dias de trabalho, um chefe ajudante, seu Pires, me perguntou se eu sabia ler e escrever bem. Respondi que sim. “Quero ver então: você vai fazer uma experiência na seção do telégrafo e na estação como estafeta”. Eu só não consegui ser um telegrafista de receber telegramas pelo aparelho telégrafo; no mais fazia de tudo, como receber e expedir telegramas de serviços pelo telex – Teletipo – conferir, registrar, fazer entregas dos telegramas em todas as repartições da ferrovia e entregas dos avisos de mercadorias na praça, para serem retiradas. Todos os telegramas passavam por minhas mãos, porque era eu que os registrava, pois fazia o arquivo dos originais. Nesse serviço trabalhei 23 anos. Era fisicamente leve, mas mentalmente pesado, devido às responsabilidades, pela importância de cada telegrama.*



## CAPÍTULO XXVIII

### **Observações complementares.**

Nesta parte final, o pracinha Victório Nalesso faz alguns comentários lembrando momentos importantes que vivenciou, especialmente os relacionados com a guerra. Com sua literatura rica na forma e no conteúdo, o cidadão Victório Nalesso deixa transparecer seu rigoroso senso crítico e sua revolta diante do que considera injusto, uma marca notável de sua personalidade.

## **Comentários**

*Todo o pessoal que formava a Divisão expedicionária foi vacinado e revacinado antes do embarque, só que a cada passo não faltava decepções.*

***A inspeção de saúde era encarada como rigorosa, mas no passar das malhas finas, sempre eram escoados os filhos de papais tubarões, os poderosos ricos.***

*Tanto graduados como soldados, não compunham as fileiras dos humildes, operários e homens da zona rural, já mobilizados, todos homens simples, mas não covardes. A guerra terminou e fomos todos dispensados das fileiras do Exército.*

*Em nenhum momento o governo pensou em qualquer ato de recompensa, de gratidão ou de amparo aos que enviou além-mar, na maior fogueira de guerra que o mundo já conheceu, embora não mereça censura os vencimentos recebidos durante o teatro de operações na Itália, que foram altamente benéficos às famílias dos Expedicionários. Seus vencimentos mensais eram desdobrados em 3 parcelas iguais, a saber: uma parcela o soldado recebia na Itália; a 2ª, a família recebia no Banco do Brasil da cidade em que morava e a 3ª parcela ficava no Banco do Brasil no Rio de Janeiro, a qual recebemos no dia do desembarque.*

*Em caso de falecimento do soldado, qualquer que fosse o motivo, a família resgatava toda a importância depositada no Banco. Até esse momento correu muito bem; após isso, muitos ex-combatentes ficaram na maior miséria, à espera de melhorias como emprego, reforma e aqueles que se achavam doentes.*

*Um fato mínimo aconteceu depois que a Lei nº 288, de Junho de 1948, foi votada pelo Congresso Nacional, 3 anos depois que terminou a guerra.*

***Mas logo a seguir esse benefício foi generalizado, com o escândalo da Lei de Praia, Lei Comunista ou Lei Integralista, feitas para favorecer justamente aqueles que de um jeito ou de outro não foram para a guerra.***



*Ficaram servindo e comandando pequenos contingentes cá e acolá, graças aos sábios fazedores de leis, que faziam manobras para tirar proveitos em cima das costas daqueles que deram suas vidas pela Pátria, enfrentando chuva, lama, frio, tempestade, neve, declínios de temperatura de até 20 graus abaixo de zero, sem teto, abrigando-se nos destroços de casas atingidas pelas bombas, nas casas abandonadas pelos alemães, nas trincheiras defensivas, comida fria, gelada no tempo da neve, patrulhas todas as noites com constantes encontros com o inimigo na terra de ninguém, onde se travava terrível tiroteio, cansaço, sono.*

*As Divisões Brasileiras entraram e permaneceram, até o fim da guerra, 9 meses mais ou menos, sem ser substituídas para um descanso, como acontecia com as tropas americanas. O nosso descanso era na 2ª linha, debaixo dos bombardeios da artilharia pesada dos alemães. Mas na retaguarda, longe das bombas inimigas, isso não aconteceu. É justo que o Brasil tinha que conservar sua segurança interna, mas seguiu uma só divisão para a Itália, enquanto que o trato com os Estados Unidos seria de 3 divisões, com 76.000 homens, ou seja, um Exército.*

***Uma pergunta a você, caro leitor:  
“É justo os soldados que ficaram em  
guarnição de praias no litoral Brasileiro,  
longe do teatro de operações de guerra,  
terem tido os mesmos direitos que nós?”***

*Os soldados da F.E.B. tiveram suas vidas expostas à morte desde o momento de seu embarque, além-mar e mais 8 meses de combate! Ação de guerra? Isto foi a maior afronta que os ex-combatentes da F.E.B. sofreram. Uma humilhação!*

### **Amparo**

*A lei 288 era muito clara. Todos os ex-combatentes da F.E.B. que viessem a adquirir qualquer tipo de moléstia ou incapacidade física, seriam reformados, uma vez julgada sua incapacidade por uma junta médica militar.*

*Decorridos 30 anos mais ou menos, as associações dos Ex-combatentes do Rio de Janeiro e São Paulo começaram a levar à tona tais direitos. Até então ninguém sabia de nada, mas na medida que esses direitos iam chegando ao conhecimento*



dos veteranos da F.E.B. espalhados por este Brasil afora, até o ano de 1990 ainda tinha “Febiano” acertando seus direitos. Eu fui o primeiro de Itapetininga a conseguir receber pelo Exército. Foi uma luta dura: estive internado 4 vezes no Hospital Geral Militar em Cambuci, São Paulo, no decorrer de 2 anos. Comecei em Fevereiro de 1979 e só em Abril de 1981 obtive o 1º pagamento, abrindo assim o caminho aos demais. Com mais facilidades, porque aprendi a montar os processos necessários que deveriam apresentar aos médicos para passar pela junta. Mas as coisas logo ficaram diferentes, todos tiveram que passar por uma junta médica mais rigorosa e até serem internados. Em conformidade com uma reforma da lei, só veio o direito a uma pensão, de modo que as filhas solteiras maiores de idade não tinham o direito de ficar com a pensão na falta do pai, salvo se este fosse reformado.

Novas decepções aparecem para a família dos pracinhas, porque muitos faleceram sem ter conhecimento de seus direitos. Também cheguei a presenciar filhos e filhas de ex-combatente ficarem órfãos de pai e mãe, sem a pensão militar com que viviam e mantinham seus estudos, alguns fazendo faculdade e outros o magistério. E como não tinha nenhum menor de idade para ficar com a pensão, todos os 6 filhos, sendo 4 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, tiveram que deixar, abandonar seus estudos e trabalhar para sobreviver.

**Isso tudo é fruto daqueles que  
deturparam, roubaram os direitos dos  
“febianos” que deram suas vidas  
defendendo a Pátria, para ficar  
em nível igual de vencimentos  
com os contingentes que  
ficaram guardando as  
praias ou zonas de perigo,  
onde não houve um tiro sequer.**

E com muita facilidade ganharam o que pretendiam, mesmo sem passar por juntas médicas e nem precisar serem internados, enquanto os “febianos” passavam pela maior dificuldade e morriam sem a esperada reforma ou pensão.

É claro que os soldados guardaram e vigiaram os locais onde poderia acontecer uma invasão inimiga em nosso litoral,



*coisa que não aconteceu. Deviam ter seus valores reconhecidos sem tocar no que estava feito a bem dos que foram heróis.*

*Nenhum ex-combatente fez estudar seus filhos com dinheiro de sua pensão, porque a maioria dos filhos eram todos maiores de idade quando seus pais começaram a receber do Exército. Mas para aqueles que ainda são vivos, mesmo para as viúvas que são vivas, essa pensão está sendo muito utilizada para a educação escolar dos netos e bisnetos. Mas bem entendido: enquanto forem vivos o ex-combatente ou sua esposa. Na falta dos dois cessa também a pensão militar, como cessa a presença já muito rara de alguns pracinhas da F.E.B. nos dias festivos nacionais, desfilando em jeeps em comemoração ao Dia da Vitória, 8 de Maio, 2º Grande Guerra Mundial, em que as Nações Unidas lutaram contra as nações do Eixo Alemanha, Itália e Japão. Durou 6 anos, do dia 29 de Agosto de 1939 a 8 de Maio de 1945.*

#### Entrevista



#### Vídeo



**Pracinha Victório Nalesso ao MIS-Itapetininga (2000)**





## As Gírias

**“BARBA” OU “BAFO DA ONÇA”** - Indica a aproximação ou proximidade de Companhia ou Pelotão inimigo.

**“A COBRA VAI FUMAR”** - Esta expressão teve dezenas de interpretações quanto a sua origem. A mais aceita tem relação com os soldados do interior, vindos do sítio, que ao verem pela primeira vez um trem diziam: “olha a cobra fumando”. O significado da expressão é o mesmo que “O pau vai quebrar” ou “O bicho vai Pegar”.

**“SENTA A PUA”** - Frase usada pela F.A.B. (Força Aérea Brasileira) que trazia um emblema de um avestruz lançando fogo para todos os lados. “*Senta a pua*” significa “*desça o cacete, metralhe, lance as bombas, liquide*”. Também usada dentro das tropas da F.E.B. que ao avistar uma outra Companhia ou Pelotão seguindo para a linha de frente, gritavam: “*Senta a pua nos tedescos*”.

**“SÓ PENA QUE VÔA”** - Expressão utilizada diante de uma tragédia qualquer, uma briga feia ou um acidente de carro. A origem desta frase, segundo notícias de campanha, surgiu de um soldado do 6º R.I. que, quando pela primeira vez em serviço na linha de frente, viu cair uma bomba de canhão da artilharia brasileira em cima de uma casa, próximo de onde ele se encontrava. Com a explosão, voaram muitas e muitas penas e foi quando o recruta da linha de frente gritou: “*é só pena que voa!*”. Diversos companheiros assistiram a cena e foi o que bastou para a frase entrar na história. Foi muito utilizada nas patrulhas, quando o soldado esquecia a senha. Quando era surpreendido por seus companheiros e era solicitada a senha que havia esquecido, o soldado teria que apelar para uma das gírias: “*a cobra fumou*”, “*só pena que vôa*”, “*senta a pua*”, “*barba da onça*”.

**“TOCHA”** - A tocha era outra palavra que não saía da boca dos soldados brasileiros. “*Vou fazer uma tocha*” significa “*vou sair por conta própria*” ou “*vou sair sem permissão superior*”. Isto era uma ação ou um procedimento irregular do soldado, mas de grande ocorrência.



## A Escada Santa



*Nos dias em que tive a oportunidade de fazer visitas às principais catedrais e basílicas de Roma, visitei a basílica de São João Latrão, onde está localizada a escada por onde Jesus Cristo subiu quando foi levado pelos soldados romanos à presença do governador Pôncio Pilatos, que queria interrogá-lo em seu tribunal.*

*Essa escada possui 28 degraus e os fiéis costumam subir de joelhos e orando. Esses degraus são largos e medem aproximadamente 2 metros por 40 centímetros de largura e a extensão total da escada é de 11 metros aproximadamente. Na maioria dos degraus estão os rastros com gotas de sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, protegidos por vidros por toda extensão da escada. Próximo à Basílica de São João Latrão, localiza-se a Igreja de Santa Cruz de Jerusalém, onde se encontra a capela com as preciosas relíquias da cruz contendo um dos cravos da crucificação, vários espinhos da coroa e o título que Pilatos mandou pregar no alto da cruz com os dizeres: “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”.*



## **O dever para com a Pátria**

*Antes que eu seguisse para a guerra notei que o Brasil estava passando por um racionamento rigoroso. A gasolina, que era importada, não vinha mais e o que era produzido era requisitado pelo Governo Federal, a fim de suprir as forças armadas, principalmente a FEB, que seguiu para a Itália. Quanto aos alimentos, eram racionados açúcar, café, farinha de trigo, óleo comestível, carne e outros mais. Também notei que quando estava em campanha na Itália, nenhum dos alimentos e bebidas consumidos eram de procedência nacional. Todos os produtos eram americanos, até carne de peru, que comemos com fartura no dia de Natal de 1944, em pleno gelo, na linha de frente de Monte Castello. Era um lugarejo chamado Bombiana. O peru foi muito bem acompanhado com doces, caramelos, chocolates, dentre outros doces. Nesse momento lembrei que ali estava o afeto materno da nação, com suas preces ansiosas pela sorte do sangue do seu sangue.*

*Por melhor que seja a guerra, é sempre guerra. Não existe conforto que possa suprir a perspectiva da morte a cada passo. Aqueles que passaram terríveis momentos, como passei, com tantas noites sem dormir, oito meses sem ver cama. Nos avanços das noites tenebrosas, nos abrigos dentro da neve, no frio cortante e com as pernas congeladas. Nos chamados “pés de trincheiras”, nas rajadas de metralhadora, no tossir dos morteiros (os que mais perturbavam), no subir das montanhas debaixo de tantos pipocos de morteiros inimigos. No cansaço, as roupas molhadas e a comida fria. Nas minas invisíveis e traiçoeiras, que explodiam ao abrir uma porta ou janela. No apanhar de uma arma inimiga ou outros objetos quando abandonados. No simples caminhar ou fazendo uma patrulha, onde não se sabia se este passo seria livre ou condenado.*

*Estas são referências aos soldados que estiveram na linha de frente dos combates. Aqueles jovens de vigor, escolhidos entre os melhores e mais fortes, que passaram por doze juntas médicas e tiveram que deixar seus familiares para partir ao campo de batalha enfrentar a morte sem hora marcada e que poderia durar horas, dias, meses, o que para o combatente se tratava de uma eternidade.*

*Esses foram alguns de muitos sofrimentos físicos, morais e psíquicos dos ex-combatentes que tomaram parte do teatro de operações na Itália durante a 2ª Guerra Mundial e que ofereceram a própria vida a fim de cumprir o dever sagrado para com a pátria.*

Lembranças



Cruz de Combate



Medalha de Guerra

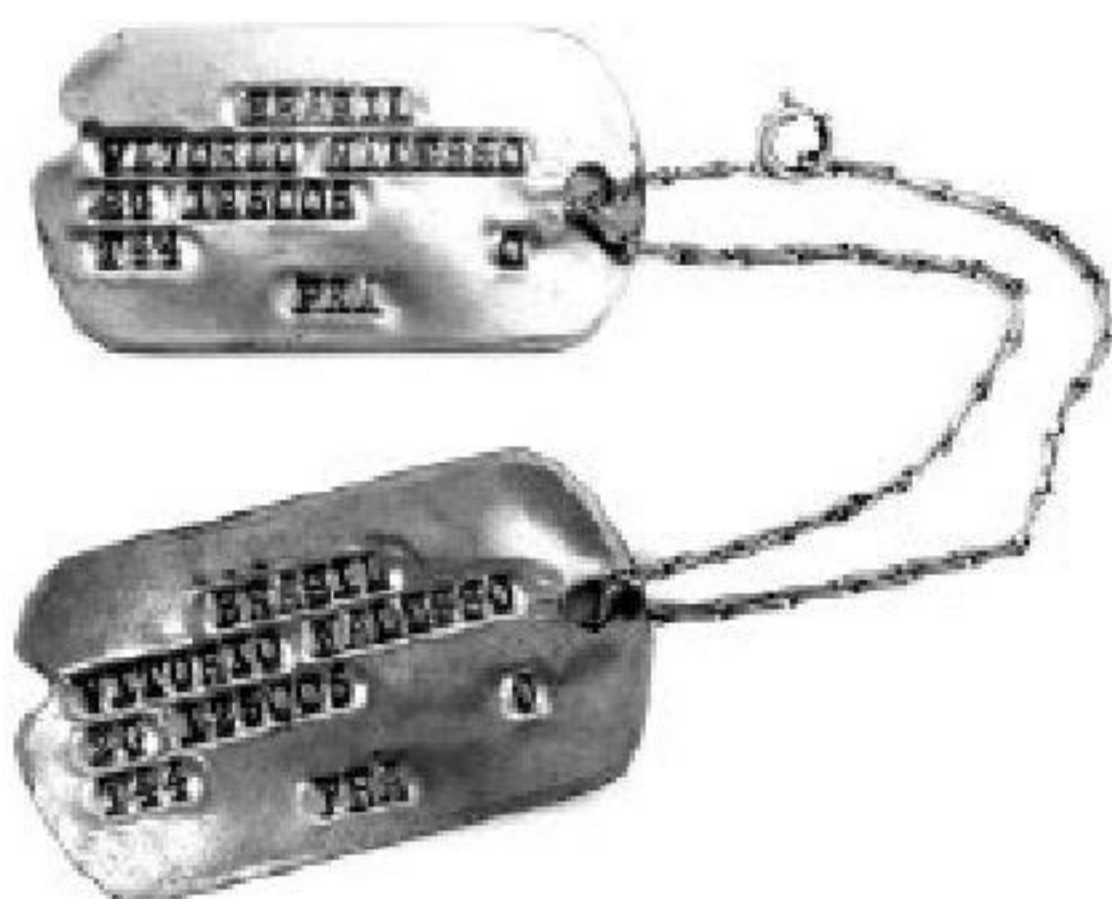


Medalha de Campanha



Diploma da Medalha de Campanha





Força Expedicionária Brasileira

Plaquetas de identificação numa corrente bastante forte, de bolinhas. No caso de falecimento do portador, dentro ou fora de combate, os padioleiros da Cruz Vermelha recolhiam uma das plaquetas e colocavam a outra dentro da boca do falecido.



Cruz Suástica  
Bandeira  
Nazista



Bandeira  
das Forças  
Armadas  
Alemãs

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB

## DIPLOMA

Membro honorário do IV Corpo do Exército Americano

A Diretoria Central da ANVFEB confere o presente Diploma

**Ex-Comb da FEB Vitória Ralesso**

(EJ-40) transcrição da autorização contida no Boletim Interno nº 164, de 27 de junho de 1945, da 1ª Divisão de Instrução Divisória.

"Quartel General do IV Corpo - considerando que a 1ª DEB lutou continuamente com o IV Corpo durante a sua participação na campanha da Itália, e considerando que seus chefes, oficiais e o espírito combativo dos seus homens contribuíram grandemente para o sucesso do IV Corpo ao assegurar os efectivos alemães na Itália e considerando as magníficas vitórias por eles alcançadas em Castelo, Cassinaccio e na invasão da Itália da Pó, abriam-se o nome das armas aliadas. Em consequência no quinto dia de junho de 1945, por este documento, conferimos ao fuzileiro comandante Gen. João Batista Mascarenhas de Moraes e seus capangas assistentes Gen. Eustáquio Zerbini de Costa e Gen. Osvaldo Cedeira de Farias e a todo o pessoal da 1ª DEB e fuzileiros de Membros Honorários do IV Corpo."

Willy D. Cribbenberger  
Major General, United States Army

Bergondonei Pereira  
1st. Adjunto Artilharia



Diploma fornecido pelo 4º Corpo do 5º Exército Americano  
Unidade em que a divisão da FEB foi incorporada durante a guerra na Itália.

## CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO

Letra: Guilherme de Almeida - Música: Spartaco Rossi

Você sabe de onde eu venho?  
Venho do morro, do engenho,  
Das selvas, dos cafezais,  
Da boa terra do côco,  
Da choupana onde um é pouco,  
Dois é bom, três é demais,  
Venho das praias sedosas,  
Das montanhas alterosas,  
Do pampa, do seringal,  
Das margens crespas dos rios,  
Dos verdes mares bravios,  
Da minha terra natal.

**Por mais terra que eu percorra,  
Não permita Deus que eu morra,  
Sem que volte para lá;  
Sem que leve por divisa,  
Esse "V" que simboliza,  
A Vitória que virá :  
Nossa Vitória final,  
Que é a mira do meu fuzil,  
A ração do meu boral,  
A água do meu cantil,  
As asas do meu ideal,  
A glória do meu Brasil!**

Eu venho da minha terra,  
Da casa branca na serra,  
E do luar do meu sertão;  
Venho da minha Maria,  
Cujo nome principia,  
Na palma da minha mão.  
Braços mornos de Moema,  
Lábios de mel de Iracema,  
Estendidos para mim,  
Ó minha terra querida,  
Da Senhora Aparecida,  
E do Senhor do Bonfim!

**Por mais terra que eu percorra,  
Não permita Deus que eu morra,  
Sem que volte para lá;  
Sem que leve por divisa,  
Esse "V" que simboliza,  
A Vitória que virá :  
Nossa Vitória final,  
Que é a mira do meu fuzil,  
A ração do meu boral,  
A água do meu cantil,  
As asas do meu ideal,  
A glória do meu Brasil!**

Você sabe de onde eu venho?  
É de uma pátria que eu tenho,  
No bojo do meu violão;  
Que de viver em meu peito,  
Foi até tomando jeito,  
De um enorme coração.  
Deixei lá atrás meu terreiro,  
Meu limão, meu limoeiro,  
Meu pé de jacarandá,  
Minha casa pequenina,  
Lá no alto da colina,  
Onde canta o sabiá!

**Por mais terra que eu percorra,  
Não permita Deus que eu morra,  
Sem que volte para lá;  
Sem que leve por divisa,  
Esse "V" que simboliza,  
A Vitória que virá:  
Nossa Vitória final,  
Que é a mira do meu fuzil,  
A ração do meu boral,  
A água do meu cantil,  
As asas do meu ideal,  
A glória do meu Brasil!**

Venho do além desse monte,  
Que ainda azula o horizonte,  
Onde o nosso amor nasceu;  
Do rancho que tinha ao lado,  
Um coqueiro que coitado,  
De saudades já morreu.  
Venho do verde mais belo,  
Do mais dourado amarelo,  
Do azul mais cheio de luz,  
Cheio de estrelas prateadas,  
Que se ajoelham deslumbradas,  
Fazendo o sinal da Cruz!

**Por mais terra que eu percorra,  
Não permita Deus que eu morra,  
Sem que volte para lá;  
Sem que leve por divisa,  
Esse "V" que simboliza,  
A Vitória que virá :  
Nossa Vitória final,  
Que é a mira do meu fuzil,  
A ração do meu boral,  
A água do meu cantil,  
As asas do meu ideal,  
A glória do meu Brasil!**



## **A família Nalesso**

*Moysés Nalesso e Ana da Conceição, tiveram os seguintes filhos: Isaura Nalesso, Tereza Nalesso, João Nalesso, Máximo Nalesso, Ernesto Nalesso, **Victório Nalesso**, Marcílio Nalesso, Amélia Nalesso, Modesto Nalesso, Álvaro Nalesso e Maria Nalesso. Até a presente data (abril de 2005), encontram-se vivos: Victório e seus irmãos Marcílio e Álvaro.*

### **Fotos de Família**



Ao centro, Victório Nalesso e sua esposa Lucinda Nunes da Costa Nalesso tendo ao lado seus três filhos: Ana Nunes Nalesso, Cleide Aparecida Nalesso e João Mateus Nalesso. Dia 04/07/04, aniversário de 82 anos do pracinha da F.E.B.



Victório Nalesso e esposa (sentados), com netos e bisnetos. **Netos:** (em pé) Marcelo, Adriana, André e Lídia. **Bisnetos:** Pietro, filho da Adriana, Cauan, filho do Marcelo (no colo do bisavô) e Ettore, filho da Lídia (no colo da bisavó).





Pracinhas **Argemiro de Toledo Filho** e **Victório Nalesso** quando agraciados com a Medalha da Vitória do Ministério da Defesa (Portaria nº 986/MD, de 29 de Abril de 2015) em 8 de Maio de 2015, 70º Ano do Dia da Vitória, no Quartel-General do Comando Militar do Sudeste, São Paulo Capital.

O **Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP** dedica a presente página como preito de agradecimento e reconhecimento à estes dois últimos Pracinhas Itapetininganos da Segunda Guerra Mundial a falecerem, o que ocorreu, respectivamente, a 29 de Maio de 2022 e 12 de Abril de 2022, em Itapetininga/SP.



Argemiro de Toledo Filho



MANTENDO ACESO  
O CACHIMBO DA VITÓRIA!



Victório Nalesso



# Celebração dos 80 anos da Criação e do Embarque da Força Expedicionária Brasileira



Moção de Congratulações



Matéria Alusiva  
80 anos do Embarque

# Celebração dos 80 anos do Dia da Vitória da F.E.B. na Campanha da Itália



Moção de Congratulações



Matéria Alusiva

**Projeto Gráfico**

*Helio Rubens de Arruda e Miranda  
e Renato Scudeler*

**Capa**

*Foto Ronaldo Scudeler  
Editoração Fábio Camargo  
Projeto Renato Carlos Gonçalves Scudeler*

**Editoração Eletrônica**

*Renato Carlos Gonçalves Scudeler*

*Copyright © 2005 by Victório Nalesso,  
Helio Rubens de Arruda e Miranda,  
Carlos Scudeler e Renato Carlos Gonçalves Scudeler*

**Todos os Direitos Reservados**

*Itapetininga – Estado de São Paulo - Brasil  
Maio 2005*

**Impressão e acabamento**



*Gráfica Regional - Scudeler & Cia Ltda  
Rua Lopes de Oliveira, 375  
Itapetininga - SP - CEP 18200-140  
Tel. (15) 3271-0992  
Visite: [www.scudeler.com.br](http://www.scudeler.com.br)*





CAMPANHA FEB



DIA DA VITÓRIA



FORNOVO DI TARO



MONTESE



MONTE CASTELLO



EMBARQUE





# DIÁRIO DE UM COMBATENTE

É um livro fascinante, daqueles que a gente lê e relê sem se cansar e que permite ao leitor sentir todas as emoções de uma guerra, como se estivesse no próprio campo de batalha.

Este livro tem como base o 'diário de campanha' elaborado pelo ex-combatente da FEB, Victório Nalesso, que participou do contingente brasileiro lutando a favor das forças aliadas em 1944, durante a 2ª Grande Guerra Mundial.

Ele viu a morte de perto várias vezes. Perdeu amigos, sofreu com os fracassos e vibrou com as conquistas. Foi um combatente e ao mesmo tempo um repórter que relatou uma importante fase de nossa história. Acabou virando um historiador.

Utilizando uma linguagem coloquial, ele relata emocionadamente os fatos que observou, sem o requinte da escrita erudita, mas com a musicalidade e a suavidade do linguajar popular, elaborado por um de seus principais atores: o soldado.